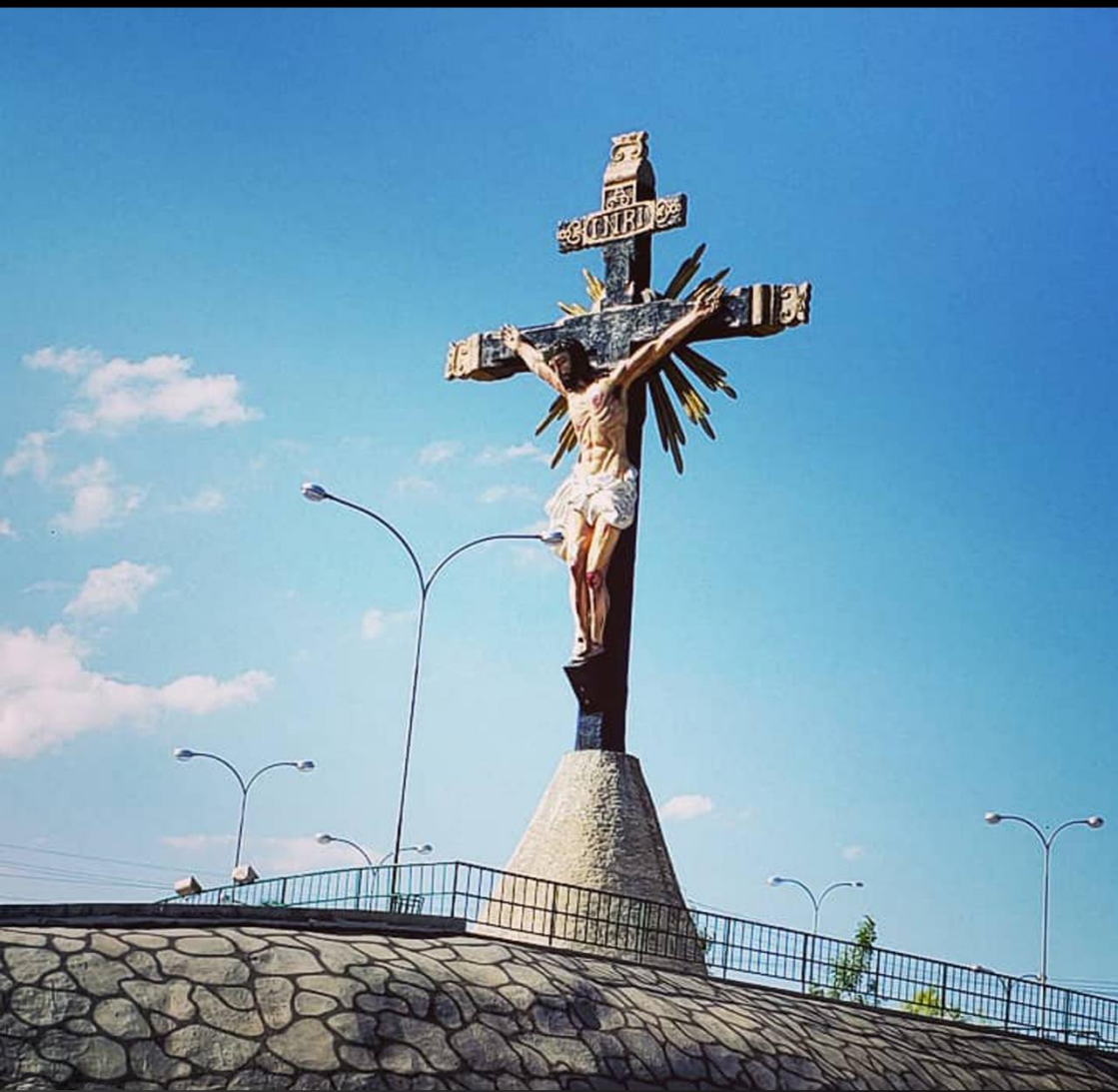


I Antologia Taquaranense de Escritores, Leitores e Convidados: O Agreste em Evidência



**Organizadora
Wal Ferry**



Performance

Pioneirismo é a palavra, que versa esse projeto literário da I Antologia Taquaranense, que tem como objetivo, em primeiro lugar, incentivar a leitura e despertar a produção escrita. Aprendi ainda criança, que ler estimula a criatividade, trabalha a imaginação, exercita a memória, e a melhora na escrita. E Independentemente de como surge um leitor, o importante é que o crescimento no interesse pela leitura exista. A I Antologia Taquaranense como toda obra coletiva, precisa ser lida tendo-se em consideração a riqueza específica de cada contribuição, na diversidade que apresenta. As sensações se fazem presentes na mesma intensidade e profundidade em todas os textos. As emoções sentidas no mergulho destas páginas, nos convidam a nos aventurarmos no mundo do outro. Mas, é o conjunto da obra que me fascina ao constatar algo importante e novo que está brotando, surpreendendo, inovando e abrindo horizontes infindáveis de possibilidades advindas dessa antologia, levando ao leitor um pouco, do muito, que nós escritores temos a oferecer.

Prof^a Esp. Valdeci F. Silva

ISBN 978-658956369-3



9

786589

563693



Performance
Editora



I Antologia Taquaranense

de Escritores, Leitores e convidados:
O Agreste em Evidência

© COPYRIGHT 2021 BY WAL FERRY (ORG.)

Editora Performance

www.editoraperformance.com

Editor: Carla Emanuele Messias de Farias.

Diagramação: José Edson Cavalcante da Silva.

Foto da capa: Martha Regina.

Capa: Celiana Feitoza dos Santos Silva



Esta obra é licenciada sob uma Licença Creative Commons Attribution-ShareAlike4.0 Brasil.

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586at1

Silva, Valdeci Ferreira.

I Antologia Taquaranense de Escritores, Leitores e Convidados: O Agreste em evidência / Valdeci Ferreira Silva (Wal Ferry) – Arapiraca / Alagoas: Editora Performance, 2021.

307 p.

ISBN: 978-65-89563-69-3

1. Antologia 2. Taquarana 3. Literatura 4. Nordeste 5. Cultura, I. Título II. Organizadora.

B869.8

Índices para catálogo sistemático:

868 – Miscelânea / Coletânea

I Antologia Taquaranense

Wal Ferry (Organizadora)

I Antologia Taquaranense

de Escritores, Leitores e convidados:
O Agreste em evidência

Arapiraca-AL
2021



Performance
Editora

“Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador.”

Clarice Lispector

Apresentação

A I Antologia Taquaranense de Escritores, Leitores e Convidados: O Agreste em Evidência, surgiu inicialmente com a idealização de ser um belo projeto para exaltar a Literatura, pois é através dela que o ser humano executa um ato de compreender o mundo. E como professora de Língua Portuguesa tenho consciência dos processos que interferem na minha existência como ser social e político.

Compreender que a Literatura é um dos caminhos de inserção no mundo e da satisfação de necessidades do ser humano e que é por meio da leitura que se tem acesso a conhecimento construído pela humanidade ao longo dos tempos, ampliando a comunicação e a visão de mundo, desenvolvendo compreensão e senso crítico, foi o ponto fundamental para a organização desse projeto literário.

Mas, nem em sonho eu imaginaria que esse projeto alcançaria voos tão altos. Fui surpreendida ao receber um número significativo de escritores, leitores e amantes da literatura, são dezenas de vozes, advindas de todo o Brasil e até de um outro país, com escritos celebrando a vida em todos os sentidos expressos como: alegria, tristeza, amor, solidão, medo, prazer, dor, sabedoria. São coautores que deram credibilidade a esse projeto. Participam aqui escritores já consagrados, admiradores da literatura e também coautores que estão realizando este sonho de participarem pela primeira vez de uma antologia, sua primeira publicação dentre tantas

que virão. Isso reforça o poder da literatura, eternizando vozes de todo o país nas páginas desta antologia.

A I antologia Taquaranense tornou-se um projeto com raízes literárias profundas e de fonte inspiradora porque todos aqui contribuíram para isso. Cada texto enviado, independentemente de ter sido escrito por um escritor renomado ou por um iniciante tem a mesma importância nessa antologia.

E o que antes era somente a idealização agora ganha forma, em uma obra física que é pioneira dentro de uma pequena cidade do interior, por nome Taquarana, no agreste alagoano, que aos poucos foi ganhando outros caminhos e horizontes da literocultura e se reinventa como um passo pequeno e ao mesmo tempo grandioso abrindo as portas para nossos convidados maravilhosos. Metade do Brasil veio parar nesta obra que declama com intensidade a essência da escrita brasileira. Alagoas, Amapá Amazonas, Bahia, Ceará, Goiás, Distrito Federal, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo, Sergipe e até viramos internacional com outro país participante, República da Sérvia. Dos filhos da terra são 20 coautores que abrem as portas para as 100 inscrições recebidas, que mostram sua literoculturalidade nas páginas desse livro.

Quero agradecer a cada um dos coautores por terem abraçado e confiado nessa riqueza de projeto literário.

Gratidão, gratidão, gratidão.

Valdeci F. Silva (Wal Ferry)

Organizadora

Prefácio

A polinização da flor literária sertaneja no agreste alagoano

Há alguns anos, pelo sertão alagoano e sergipano, tenho participado de exitosas antologias literárias. Por trás de todas, calmo e simples, lá estava o professor e jornalista Tinho Santana, grande agitador cultural daquelas plagas.

Como bom jardineiro que cultivava lindas flores no horto, Tinho preparou a terra e semeou amor em forma de palavras. Do solo dos seus pensamentos e dos calos de suas mãos, fez surgir diversos florilégios naquele rincão querido, organizando eventos e incentivando crianças, jovens e adultos a serem também semeadores das letras.

Aos canteiros onde sua flor literária cresceu e floresceu diversas gentes foram atraídas para apreciar e se alimentar, entre outras: Fabrine Fernandes, Lícia Maciel e Kelvia Vital.

Voando de flor em flor, como dedicadas abelhinhas, elas promoveram uma verdadeira reprodução cruzada, gerando mais frutos e mais sementes por toda Alagoas.

Recentemente, trazidos por novas coletoras, alguns grãos desse pólen chegaram ao agreste alagoano. Foi assim na terra de Manoel André, onde a professora Magna Cristina organizou a I Antologia Arapiraquense. Já este ano está sendo a vez de Taquarana ser também receptáculo desse movimento polinizador.

Caro leitor, a *I Antologia Taquaranense de Escritores, Leitores e Convidados – O Agreste em Evidência*, que no momento tens nas mãos, organizada pela combativa professora Valdeci Silva, também conhecida como Wal Ferry, é um marco cultural. Representa uma nova era literária para o nosso município. Os diversos versos e prosas aqui registrados, escritos em sua maioria por aspirantes às letras, serão como faróis a iluminar outras pessoas que também gostam de escrever, mas que por algum motivo têm medo de expor seus pensamentos e trabalhos, muitas vezes guardados a sete chaves.

Colaboradores de todo Brasil, inclusive eu, tiveram seus textos eternizados nesta coletânea. Assim, ao lê-la, você se deparará com distintos temas, espaços e tempos. Por tudo isso, não só uma viagem será feita, mas dezenas. Valerá a pena se deleitar com essas historietas.

Por fim, ao tempo em que parabenizo a todos os escritores que enviaram seus trabalhos para esta seleta, agradeço ao jardineiro e a todas as abelhinhas que colaboraram para o desabrochar de belíssimas flores no sertão e agreste alagoano.

Paz e bem.

Praça dos Almocreves, Taquarana (AL), 03 de julho de 2021

Emanuel Varela

Sumário

APRESENTAÇÃO	07
PREFÁCIO	09
POEMAS	19
Adélia Maria de Amorim Magalhães	
O Destino da Árvore	21
Adoniron Nelson Bastos Rodrigues	
Várzea	23
Alan Barbosa dos Santos	
Raízes Nordestinas	25
Alveriano de Santana Dias	
Homenagem às Mães	28
Ana Luzia Barboza da Silva	
Saudade Inté Que Assim que é Bom	31
Antônio Marcos Bandeira	
Cabra da peste	34
Antônio de Pádua Galvão	
♥☐@Poesia: Amar o Poeta	38
Bárbara Maria Ferreira Canuto Amorim	
A Menina que morava ao lado da Igreja	41
Bruno Vinícius Santos Pinheiro	
O Rio	45
Bruno Michel Ferraz Margoni	
Pequena Gloriosa	48

Carla Emanuele Messias de Farias Costa	
Ser Empreendedor	51
Carlos Henrique Ferreira Nunes	
Cegos	54
Gilza Caroline da Paixão Oliveira	
Chuva	56
Antônio Charles Melo Feijão	
O que é o amor?	58
Cláudio Dortas Araújo	
Destinos Doados!	60
David Alan Pinto	
Reencontro	62
David dos Santos Lins	
Perspectiva	64
Diógenes Rodrigues Pereira	
Pensamento não tem freio	66
Edson Cavalcante	
À Espera...	70
Ellen Maianne Santos Melo	
Quando o amor fragiliza	72
Eliene Cassemiro da Siva Santos	
Grito de Socorro	75
Expedito Afonso de Oliveira	
A Pedra do Itapaúna e todos os seus Ocorrentes	78
Maria de Fátima Soriano de Lima	
Se...	83

Flávio Rodrigo Masson Carvalho	
Estou procurando	85
Gabriel de Abreu Silva	
O fim é um recomeço	87
Gercimar Martins Cabral Costa	
No agreste você pode se encantar	89
Gerlan da Silva Santos	
Negra estrela de Taquarana	91
Gerônimo Ferreira da Silva	
Que tens tu, ó Taquarana?	94
Gilberto Barbosa Filho	
João Ribeiro de Castro Neto	96
Gilbson da Costa Alencar	
O cego e o jagunço	99
Iêda da Silva Souza	
Antologia Taquaranense	102
Taquarana	104
Santa Cruz	105
Ígor Augusto da Silva de Vasconcelos	
Taquarana	108
Irlana Jane Menas da Silva	
Disfarce	112
Izaias Santos de Almeida	
Olho D'água, janeiro de 2021	114
João Carlos Barbosa de Albuquerque	
A Sala	116

João Victor Lemos Viana	
PRAZER SOU ALAGOAS!	118
José Maria Rodrigues	
Floresta Amazônica	121
Keila Maria de Alencar Bastos Andrade	
Canto Porque	125
EI, BRASILEIRO!	127
Leandro da Silva Oliveira	
É a Hora do Espetáculo	130
Manoel Jozenias de Oliveira	
O educador cristão	133
Marcelino Carvalho de Brito	
Quixaba, gleba de toda uma vida!	137
Maria José Gonçalves	
Saudade de amor	139
Maria de Lourdes Fernandes	
A Escrita em Minha Vida	141
Marinalva Pinheiro dos Santos	
Escolhas	144
Marta Maria Pedrosa de Mélo	
Caixinha	147
Martha Sales Costa	
Vozes	149
Martha Valéria Soares dos Santos	
A Realidade de Amar	152
Teu Nome é Amor	153

Mayara Ferreira de Oliveira	
Dono do Universo	155
Melita Mely Ratković	
Carta	157
Bruno Michel Ferraz Margoni	
Pequena Gloriosa	159
Mira Neves	
Viver	162
Oliveiros Nunes	
PELAS MÃOS DOS POETAS	164
Maria da Penha Barbosa Lima	
Final do mês	167
Pietro Lemos Costa	
AMBIVALÊNCIA	169
Rodrigo de Lima Silva	
Corpo sob corpo	172
Sergio Guillermo Hormazábal Rodríguez	
O Belo e o Bom!	174
Sombra 2	175
Silvania Argemiro Santos da Hora	
O Grito do Silêncio	177
Simone Santos de Jesus Cruz	
Nasci no agreste	179
Suzana Boechat Rosa	
Olhos peregrinos	181

Viviane da Silva Wanderley	
Quem Tu És, Dezenove?	184
Poema-Lei	186
Wellington Basílio	
Universo inverso	189
Yago Beserra Marinho Martins	
Da liberdade	191
PROSAS	192
Adoniron Nelson Bastos Rodrigues	
Boto Vermelho	194
Carlindo de Lira Pereira	
Analfabetismo político: quanto custa ao bolso do povo alagoano	198
Carlos Emanuel da Silva	
Exercitando a gratidão	203
Cataline Leão Otilio	
O Ensino Remoto de Inglês da Escola Pública em Tempos de Pandemia de Covid-19	206
Cicero Galdino dos Santos	
Ações Generosas Constroem Tesouros	210
Claudia Kathyuscia Bispo de Jesus	
Do meu rosário de contas negras quem reza a reza sou eu	215
Elias da Silva Barboza	
A receita da maldade agonizante, em uma sociedade sem leitões e sem vacinas	218

Elza Maria Teófilo de Castro Amorim	
O que houve com a praça João Ribeiro de castro Neto?	
.....	221
Geóz Rodrigues de Melo	
A Simpatia de Amor	224
Geraldo Magela Barbosa Pirauá	
O empresário	229
Sufrimento	233
A tristeza de Hemengardo	235
Hendrickson Rogers Melo da Silva	
“Se te faz feliz, não é errado”, é o critério da desgraça	
.....	239
Iêda da Silva Souza	
Comunicação em Ação	242
Jedder Wessel Silva	
Todo pensar é torto	245
João Ribeiro de Castro Neto	
A queda do tamarindo	248
José Barros dos Anjos	
A travessia	252
Magna Cristina de Oliveira Silva	
O sorriso de Andreza	255
Maria Aparecida de Lima	
“Todo gato é gato”	257
Maria Arlene de Oliveira	
Onde estou?	261

Memórias Literárias Os mistérios sob as perspectivas das voltas de uma roda gigante	263
Martha Regina	
Quando o senhor partiu... ..	268
Martha Sales Costa	
A visão	271
Priscilla Silva Barbosa	
Eclipse	276
Rebeca Gomes de Menezes	
Como quem se lembra	278
Rosival Gomes da Silva	
É tempo de acolher	281
Sebastiana Fernandes de Amorim	
Consequências da Pandemia	283
Quem ama cuida.....	285
Tipos de lágrimas	287
Susanne Messias de Farias	
Recaída	290
Recomeçar.....	291
Tania Maria da Costa Luz	
Uma página na história do esporte taquaranense	293
Uberlange da Silva Barreto	
Qual a ambiência racial na minha escola?.....	301
Wal Ferry	
Crônica para minha mãe, Dona Ester	305



Poemas

Adélia Maria de Amorim Magalhães



Alagoana - Anadiense de nascimento. Assistente Social. Professora. Escritora. Poetisa. Cantora. Compositora. Declamadora. Mãe e avó, com muito gosto. Autora de dez livros publicados, nos vários gêneros literários: Poesia, Contos, Crônicas. Dramaturgia, Cordel, incluindo três títulos em literatura Infanto-juvenil, além de alguns livros em fase de editoração. Na área musical, possui algumas composições autorais, MPB e registros de shows e outras apresentações públicas. É membro efetiva de algumas academias literárias: Academia Maceioense de Letras - AML, Academia Anadiense de Letras e Artes de Alagoas - AALA, Academia de Letras e Artes e Pesquisa de Alagoas ALAPA, Grupo Literário Alagoano - GLA, Sociedade Musical Carlos Gomes Marechal Deodoro/AL.

O Destino da Árvore

Vês aquela árvore tão cheia de vida,
Em pleno vigor?
Enfrentou
Procelas,
Ventos,
Tempestades,
Fome, sede, crises...
Foi sacrificada,
Quase fraquejou.
Vês aquela árvore de tronco tão
Firme?
De galhos tão fartos
E copa tão
Sombra?...
Tem os dias contados pelo seu senhor.
Será esquartejada pela serra morte...
Servirá de fogo, de assento, de leito, de ponte, de viga
E até de esteio...
A quem a matou!!!

Adoniron Nelson Bastos Rodrigues



Coariense de nascimento (1955) e codajaense de afeição, amante e admirador da vida na sua essência e do seu autor, da arte e da natureza; sempre grato por tudo.

Na bagagem: coerência e equilíbrio, e o amor é a porção maior.

Várzea

Pouco plantou
Ano que passou
Mal pra comer
Água subiu
“Subiu o rio”
Tudo levou
Mulher reclama
Falta grana
O que fazer
Marido revoltado
Tudo arruinado
Farinha acabou
Ninguém vai embora
Plantou muito agora
A água baixou
Família aguerrida
Acabou a comida
Roçado novo formou
Pra aguentar essa vida
Da maniva escondida
Gera criança pálida
Gravidez repetida
Repiquete da vida
Aguaceiro já vem

Alan Barbosa dos Santos



Alan Barbosa é um jovem nascido e criado no interior do Agreste alagoano e apaixonado por literatura de cordel desde o ventre de sua mãe, professora e cordelista. Hoje, aos 17 anos, estudante e aspirante a poeta, escreve com muito orgulho sobre seu povo, seu rumo e suas raízes que reafirmam a cada texto, sua identidade.

Raízes Nordestinas

Aqui onde fui plantado,
Fui regado e fortalecido
Aqui onde fui criado,
Adubado e também crescido
Onde vi o sol de perto,
Que nem quem vai no deserto
Sem nem de casa ter saído

Aqui onde tem cultura
Onde nasce o São João,
Aqui onde no inverno
É *mermo* que ser verão,
Quem quiser que se invente
De andar nesse sol quente,
Sem nenhuma proteção

Aqui nesse nosso chão
De Maria e Virgulino,
Tem forró, tem vaquejada
Sertanejo e agrestino,
Tem que se bater no peito
E falar bem desse jeito:
Eu sou mesmo é nordestino!

Aqui onde nosso povo,
Tem sotaque arrastado:
Oxe que *cunvésa* é essa?
Diz logo seu abestado!
Quando ouvir: "*num* se avexe"
Pense logo: "é Nordeste!"
Então já fique avisado

Por isso eu escrevo aqui,
O que sai do coração
Escrevo no chão de barro
E também de Lampião,
Que tá pra nascer o cabra
Que não veja a beleza rara,
Do agreste ao sertão.

Alveriano de Santana Dias



Alveriano de Santana Dias é recifense, com residência fixa em Picuí na Paraíba desde 1980. É membro efetivo da Academia Paraibana de Letras Maçônicas (APLM). É poeta e escritor, com participação em mais de quinze antologias. Tem vários artigos publicados pela revista maçônica O Buscador. Publicou o livro de poesias, intitulado: ENCANTOS DA POESIA.

Homenagem às Mães

Mãe, palavra adocicada,
Cheia de perdão e amor.
Ela chora toda a dor,
Vendo a prole drogada
Indo dormir na calçada.
Desde o tempo das cavernas,
A alma de mãe é terna,
De atitude sacrossanta,
Toda mãe é uma santa,
Mas só a minha é eterna.

Todas as mães são guerreiras,
Que lutam todos os dias,
Defendendo suas crias,
Escalando as barreiras,
Sem ser uma aventureira,
Muito menos subalterna.
Mãe é luz não é lanterna,
Quando fala nos encanta,
Toda mãe é uma santa,
Mas só a minha é eterna.

Toda mãe Deus abençoa
E confia os seus filhos.
Diante dos empecilhos,
Os erros ela perdoa.
Todo filho se afeiçoa
Quando a mãe é fraterna.
Com sua graça materna,
Tudo cresce e se agiganta.
Toda mãe é uma santa,
Mas só a minha é eterna.

Mãe, eu dedico esses versos
Por você ser o que é.
Ser uma mulher de fé
Que ocupa todo universo.
Nos momentos adversos
Você luta sem reserva.
Sua alma que é terna,
O seu amor acalanta,
Toda mãe é uma santa,
Mas só a minha é eterna.

09/05/2021

Ana Luzia Barboza da Silva



Ana Luzia Barboza da Silva, nascida em Arapiraca, Alagoas, no dia 12 de dezembro de 1978, casada, mãe de três filhos e filha dedicada, Professora de História, gosta bastante de ler e amante da arte, formada em Licenciatura em História, Pós-Graduada em Metodologia em Educação e História e Geografia, atuante da Rede Pública Estadual de Educação como Professora, com 20 anos de Profissão, está sempre buscando conhecimento e inovando.

Saudade Inté Que Assim que é Bom

A prendi desde cedo
Que sair do sertão
Não é alegria
Mas é tristeza ao coração
Painho já me dizia
Que quando a chuva caía
Lembrava aquele mundão

No rádio tocava
A canção que embalava
O nosso sertão
Na terrinha adorada
A família encontrava
Uma nova emoção
Com muita fé e devoção

Arapiraca foste a inspiração
Da família de tantos Josés
Que guarda no coração
A caatinga e o gibão
E é com satisfação
Como diz o Gonzagão
Lá no meu pé de serra
Deixei ficar meu coração

De um canela seca
Do sertão do agreste

Lampião se enobrece
Seu Natalício agradece
Por ser homem do Nordeste
Seu sorriso é gratidão
Pois vivo aqui no agreste
E tenho admiração
Por um grande camarada
Chamado de Seu João
Olhe o respeito
Era seu bordão

Nas manhãs nubladas
Eu acordava e escutava
O mestre Zé do Rojão
No rádio eu encontrava
Uma voz que alegrava
O povo desse sertão

Lembranças no olhar
Vovô a se balançar
Mainha a me chamar
O cheirinho de café no ar
Painho dos pássaros a cuidar
E o céu a brilha
Pois terra melhor não há
E muitos menos luar
Do que esse do sertão.

Antônio Marcos Bandeira



Graduado em Licenciatura Específica em Português, Pós-Gradado em Gestão e Docência do Ensino Superior, Pós-Graduado em Gestão e Coordenação Escolar. Professor de Língua Portuguesa de escolas Estaduais de Educação do Ceará. Membro da AVLPL Academia Virtual da Língua Portuguesa e Literatura Indicado a AIL: Academia Independente de Letras São João-PE e Portugal. Jornal Vida Brasil, Antologias. I e II Antologia de Escritores Leitores e Convidados Piranhenses (e neste mais recente escreveu o verso da mesma), I Encontro de Portofolhense de Escritores Leitores e Convidados, V e VI Antologia dos Autores, Poetas e Convidados Canindeenses em Canindé de São Francisco Sergipe, Encontro de Escritores e Leitores Portofolhenses & Convidados III Antologia Santanense de Leitores, Escritores e Convidados, Cartas Para Você, Literarte Celebra o Nordeste Brasileiro, I Antologia Casadense de Escritores Leitores e Convidados.

Cabra da peste

Sou das brenhas do sertão
Sou do Ceará no Nordeste
Não tenho medo de nada
Nem COVID ou “ôta peste”
Sou “macho”, “caba valente”
Eu sou é cabra da peste

Sou brabo que só jumento
Eu gosto é da plantação
Do roçado da enxada
Que limpa meu coração
Do sol quente e do trabalho
E das pegadas de mourão

Eu gosto é do banhe de rio
Eu amo feijão plantar
Do roçado bem verdim
E o milho eu disbuiar
E na casa de fazenda
A forrageira roncar

Eu sou é cabra da peste
Trabaio todos os dia
Nasci pobe mais eu luto
E brigo em quirqué porfia
Pé rachado sou matuto
Faço rumança e puisia

Eu sou é cabra da peste
Eu sou mais um vivente
Do gás do candineiro
Da budegá do Vicente
Dos pavi do argudão
Se acendia pra gente

Eu sou é cabra da peste
Gosto de trabai pesado
Desses que esses minino
De hoje são amofinado
Cortar torceira de mato
Com a cascavel de lado

Eu sou é cabra da peste
Venço a seca esturricada
Do tempo da lamparina
Roço a mata fechada
Peda, pueira e sede
Num tem medo de nada

Eu sou é cabra da peste
Como cuscuz com feijão
Beijú, queijo, leite e nata
O fubá e o pirão
Piaba e carne seca
Misturo com o rubacão

Eu sou é cabra da peste
E só gosto de bêbê
A minha água do pote
Aluá eu sei fazê
Levo água na quartinha
Pra no meu roçado ter

Eu sou é cabra da peste
Ando no meu jumento
Brinco com meus sabugo
E guardo no pensamento
Os caroço de manga
“Meu soldado e meus sargento”

Antônio de Pádua Galvão



Poeta Antônio Galvão, Belo Horizonte, economista, professor, assessor parlamentar, produtor de cultura, formação em psicanálise, publicou 06 livros, criador TV POETA & POESIA

Whatsapp 31 999569161

Facebook: Antonio Galvão

♥ @Poesia: Amar o Poeta

Quem gosta de Poeta
Gosta dos lírios, cachorrinhos
Sopros, Sonhos,
Dos delírios do amor
Das noites de luar
Das pincelas dos maestros
Da pureza da alma
Dos mistérios da vida

Amar o Poeta
É' mergulha no lirismo
No romântico e
Nas crises existenciais
Na ladainha da inflamada
De inquietação

Afeto com o Poeta
É' aquecer a
Alma na paixão
E escutar sinfonia
De palavras doces
E suaves
Num recital de
Orquídeas

Nascer poeta
É' gritar no ventre
Espernear na maternidade
Dos versos
E crescer sentido
O coração dialogar
Com o mundo,
Com Deus
Com amor
E horrorizado
Com guerras
E as indiferenças

Gostar de Poeta
É um presente de
Amor para um
Coração do Poeta

Obrigado meu Deus
Por gostar de Poesia
E você por gostar de Nós
Poetas dos sonhos
E delírios de felicidade

♥ □ Poeta Antônio Galvão

Bárbara Maria Ferreira Canuto Amorim



Professora, Mãe e apaixonada pela Natureza. Graduada e mestre em Biologia e licenciada em Artes Visuais. Nascida e criada na Terra da Santa Cruz, aprecia os moradores e suas histórias. Além de tentar fazer arte nas horas livres...

A Menina que morava ao lado da Igreja

Lá pras bandas de Taquarana
Donde morava uma menina
Com seus sonhos e artimanhas
E seu tipo bem franzina...

Tinha uma Igreja AMARELA
E no altar uma grande Cruz
Ela sempre na janela
Com os olhos cheios de luz

BEM! Bem! Bem!
Bate o sino da igreja
Bem! Bem! Bem!
É o Abílio com certeza

Sua avó fazia mortalhas
E aquela menina catava os retalhos
Dentre todas as batalhas
A educação virou seu trabalho

Na rua de baixo morava Dona Briza
Vendia cocada e flau como ninguém
Mas, como a menina era lisa
A Santa Cruz emprestava uns vinténs...

Lá na rua da frente tinha a Dona Gerusa
Dona das mais lindas bonecas da região
Para que ter bonecas se ela não usa?
A menina fazia a indagação...

Na rua de cima tinha a Dona Amália
Tinha tanto cachorro que não dava pra contar...
Uma senhora meio cega e grisalha
Vivia num palácio que eu queria pra morar...

Mais pra cima o Seu "Benigo" tinha uma venda
Prego, ovo, papel e gás
Diz o povo, reza a lenda
Quem ali entrar não sai jamais...

E no sábado o melhor dia
Na madrugada o som da feira
Verdura, carne, feijão e melancia
Pinto colorido, peixe, quebra-queixo e esteira...

BEM!Bem!Bem!
Bate o sino da igreja
Bem! Bem! Bem!
É o Abílio com certeza

E no fim do mês de abril vem a festa de maio
Barquinho, algodão-doce e espalhadeira
Da maçã-do-amor não aguento comer um taio
Quero logo voltar pra brincadeira

Seu Antônio Anacleto enchia a rua de pé de feijão pra secar
Ele também comprava toda castanha que “nóis foi”
apanhar
O melhor de tudo era esperar o feijão bater
Pra pular no monte de casca até a mãe aparecer

BEM!Bem!Bem!
Bate o sino da igreja
Bem! Bem! Bem!
É o Abílio com certeza

Mas um dia o sino bateu
Foi o mais feliz dos dias
Era um som bem diferente
Uma nova melodia
Todo mundo percebeu
O Abílio não sabia
A Menina se escondeu
Tava cheia de alegria
Da aventura não esqueceu
Pois foi grande a EUFORIA...

Bruno Vinícius Santos Pinheiro



Bruno Vinícius Santos Pinheiro - Escritor o jovem tem 12 anos, estuda na Escola Municipal Ivany da Glória Freire, em Amparo de São Francisco SE, é membro do Projeto Viajando na Leitura em Amparo de São Francisco, é Neoacadêmico da Academia de Letras Estudantil de Japoatã- ALEJ.

O Rio

Olhando as ondas do rio
Vejo um barco a velejar
Penso e olho pras águas
Que tendem as ondas quebrar
Lembro como a natureza é bela
E como a vida é singela
Por nos permitir sonhar.
Ondas indecisas
Que não decidem a direção
Uma desce outra sobe
E vice-versa nesse padrão
A lavadeira bate cada asa
Com gravetos para construir sua casa
Onde ela padecera com emoção.
Quem mora na beira desse rio
Tem a emoção de viver
Os que são mais fieis
Pra sempre aqui vão padecer
Mais quem parte daqui e vai embora
Deixando esta fauna e flora
Um dia vai se arrepender.
Na beira deste rio
Tem grande diversidade de animais
Sem falar das plantas
Que são grandes tesouros naturais
Esse rio é perfeito, em todos os sentidos.
Com suas tradições dos seus povos magníficos
Que fazem parte das culturas gerais.
Acabo essa minha reflexão

Querendo uma coisa te contar
Esse rio se chama São Francisco
E neste Velho Chico eu tendo a morar
Mas se um dia eu for embora
E deixar este amanhecer da aurora
Sei que um dia irei voltar.

Bruno Vinícius Santos Pinheiro
30/04/2021 às 14h00min

Bruno Michel Ferraz Margoni



Poeta, escritor, compositor, filósofo e educador. Graduado em Comunicação Social, Educação Física e Filosofia. Especialista em Psicologia aplicada à Educação Física e ao Desporto e Metodologia do Ensino de Arte. Membro do acervo de Literatura em Língua Lusófona da Biblioteca Nacional da França/BnF. Professor Titular de Cargo Efetivo na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Aprovado no Concurso de Mestrado Profissional em Educação Física pela UNESP 2021. Autor de 21 livros publicados.

Pequena Gloriosa

O que a diferencia das outras meninas,
São os calos nas mãos e os cortes nos pés,
Marcas do esforço no pó do carvão,
Queimando a infância, a inocência e a fé.

A boneca trocada por um martelo,
Quebrando pedrinhas, descascando castanhas,
Pesando o desgaste sobre os joelhos,
Nas olarias sufocando as entranhas.

Pequena Preciosa, sei de sua trajetória.
Pequena Preciosa, cantarei sua história.

Caímos no sarcasmo de atributos hilários,
É um insulto tratar monstros como empresários.
Amaldiçoados financiam a morte,
E o marasmo infantil serve como suporte.

Romperam o cativeiro, resgataram a menina,
A Pequena Preciosa foi uma heroína.
Na euforia de sua alforria,
Ganhou a atenção que então merecia.

O vil e perverso aliciador,
Malvado medíocre seria enjaulado,
Foi algemado pelo defensor,
Que tirou a Pequena de seu triste passado.

A menina ainda não entendia,
Que seu futuro lhe pertencia,
Mas já despejava naquele estágio,
Lágrimas de alegria.

Pequena Preciosa, sei de sua trajetória,
Pequena Preciosa, brilha vitoriosa.

Uma vez liberta, voltou a estudar,
Era a mais esperta no meio escolar,
Seria qualquer coisa que quisesse ser,
A Pequena Preciosa poderia escolher.

Quantas preciosidades mais nós iremos perder?
Substituindo a infância por cifrões cobiçados.
Crianças jamais deveriam crescer,
Pra nunca se tornarem monstros disfarçados.

Pequena Preciosa, Brilha Graciosa.
Sublime e Gloriosa, Pequena Preciosa.

Carla Emanuele Messias de Farias Costa



Mulher extraordinária. Presidente da Academia Arapiraquense de Letras e Artes – ACALA. Presidente da União Brasileira de Escritores – UBE – Núcleo Arapiraca. Sócia da Editora Performance. Professora, escritora, pesquisadora e consultora educacional.

Ser Empreendedor

Para ser um empreendedor
Não basta ter um produto inovador
É preciso ter muita responsabilidade
E um perfil diferenciado de investidor
Criar e desenvolver oportunidades
E ter um modelo de negócio por amor

Empreender requer iniciativa
E ter muito foco e resiliência
É ser ousado e sem medo arriscar
Manter as metas e ter persistência
É todos os dias se reinventar
Para manter a eficácia e a eficiência

O empreendedor para se destacar
Precisa ter domínio e conhecimento
Busca se especializar e ter mais informação
Tendo resultado positivos do comprometimento
Sabe o que quer e sistematiza a ação
Fortalecendo seu objetivo e o planejamento

Empreender requer outras qualidades
Precisa saber argumentar e persuadir
Para que a clientela tenha confiança
E os colaboradores possam seguir
Seu estilo e exemplo de liderança
Assim seu negócio só vai evoluir

Se torne um bom empreendedor
Acredite em você e tome a decisão
Seja incansável, sensível e focado
Que alcançará a sua grande realização
E só se contentará com um bom resultado
Mercedor de quem trabalha com o coração

Carlos Henrique Ferreira Nunes

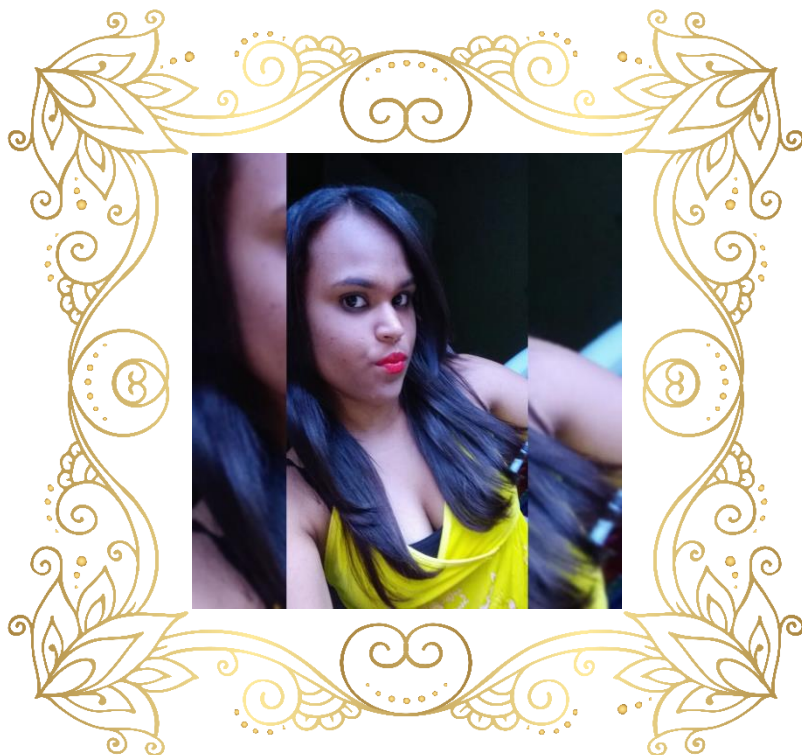


Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2018); Especialista em Língua Portuguesa (2013); graduado em Letras português/inglês e suas Literaturas pela Universidade Estadual de Alagoas (2007). Professor da Rede pública municipal de Arapiraca; membro efetivo da União Brasileira de escritores; membro honorário da Academia Arapiraquense de Letras e Artes (ACALA). É autor de diversos artigos científicos (ver currículo lattes: CV:<http://lattes.cnpq.br/6430268368125691>), e autor do livro *Cantos Juvenis* (poesias, publicado em 2020 pela Editora Phillos – GO); do livro *Caos* (acessível na amazon.com.br) participou como coautor das antologias: *Poeme-se* (Editora Vargas, 2020), *Crônicas de Quarentena* (Editora performance, 2021), *Antologia de escritores da União Brasileira de Escritores* (Editora performance, 2021).

Cegos

Custo de vida.
Risco de vida.
Estamos todos on,
24h no ar.
Está tudo sobre controle,
Não te deixam desligar.
A tv, a polícia,
O congresso e lei
Servem para te engessar.
Não desligue a luz,
Sem ela
Não se pode enxergar.
Mesmo que o óbvio
Esteja ao alcance da mão
Já não se pode tocar.
Além do mais
Para a maioria
tanto faz
Ninguém sabe onde está;
Tão pouco a rota,
Pois todos os caminhos
Parecem levar a nenhum-lugar.
Que vem a ser
O caos onde já se está.
Sem coração
Sem ruptura
Sem revolução
Sem se perder
Não se pode jamais se encontrar.

Gilza Caroline da Paixão Oliveira



Caroline Paixão é Aracajuana, mas reside atualmente em Nossa Senhora do Socorro - SE. Fez o ensino fundamental na Escola Maria Hermina Caldas e logo o ensino médio no Colégio Gilberto Freyre. Se formou em Segurança do Trabalho pelo IFS, é membro da ALES (Academia de Letras Estudantil de Sergipe). Adora ler e escrever poemas.

Chuva

Chuva traz
Poesia
Chuva, traz
Meu amor
De volta,
Perdi ele
No temporal.
Hoje
O que me restou
Só foram os pingos
De chuva e solidão.

Antônio Charles Melo Feijão



Charles Melo é natural de Groaíras no estado do Ceará. Poeta, cordelista, escritor e antologista, graduado em Administração pela FLATED (Faculdade Latino Americana de Educação); autor do seu primeiro livro de poesias intitulado Veredas Sertanejas e vários cordéis. É membro honorário da UBE (União Brasileira de Escritores) núcleo Arapiraca-AL; membro efetivo da ALCPN (Academia Literária Clube da Poesia Nordestina) núcleo Serra Talhada-PE e membro honorário da ALCS (Academia Literocultural de Sergipe).

O que é o amor?

É a asa da liberdade
Soltando seu coração
Balança da igualdade
Sem desviar um tostão
Livramento da maldade
É a casa da paixão

É outra metade feita
Assim bem fora da gente
Com tudo ela se ajeita
No amor paixão se sente
Aos olhos fica perfeita
Porque quem ama não mente

Nem se machuca a quem ama
Não fere sem precisar
Sempre mantém a chama
Pra química nunca acabar
Isso é só alguma fama
Daquele que sabe amar

Pois, amor é amizade
É ternura, é calor
É não ferir de verdade
A quem sabe dar valor
Se faz sofrer por maldade
Desculpa, não é amor.

Cláudio Dortas Araújo



O Poeta e Escritor Cláudio Dortas Araújo, é natural da Cidade de Itabuna do Estado da Bahia, reside na Cidade Berço da Cultura do Estado de Sergipe, ESTÂNCIA. É Coautor de mais de 60 Antologias Nacionais e Internacionais. É Autor dos Livros: Horizontes de Liberdade e fÉ(1999), Estrada de Infinito e de Paz(2001), Alumbramentos D'Alma(2010), Belvedere de Nostalgia e Amores(2017), Relíquias Dum Poeta(2018), Peregrinação Impressa(2020). É sócio Fundador do Clube dos Poetas Estancianos, fundado em: 24/02/1991). É Colaborador da ImprensaEscrita do Estado de Sergipe e Além Fronteiras(1982/2021). É Membro das Academias: Letras do Brasil Suíça, Núcleo de Sergipe, Cadeira n.º 02. Portal do Poeta Brasileiro, ANLPPB, Cadeira n.º 41. Independente de Letras AIL, Ordem Scriptorium, Cadeira n.º 129(A Autenticidade). Internacional de Literatura Brasileira, Cadeira n.º 305.

Destinos Doados!

Em jogos de "interesses", sexo é algo sempre presente.
Onde "dissidentes" querem o poder,
Mesmo que pescoços rolem, almas no "lodo" rastejem,
Paredes tem "ouvidos", retratos tem "olhos vivos!"
Quem é de "confiança", "desconfia".
Política é Arte de "mentiras", que aliena e condena,
Sem nada deixar a desejar!
Quem se "candidata" se mela, se suja,
Entre labirintos "sem cordão", se perdem sem querer,
Sem saber (e nunca sabem) onde começou o fio da "meada!"
E, à meia luz, o futuro de tantos,
São "sacramentados" na madrugada e no frio,
E a opinião de tantos, adormecidas em berços esplêndidos.
Opostos "São postos" goela a dentro"
Quantos são pagos "duplos"?
E quem constante "escorcha" é tratado de "excelência".
Só porque empunha "o punhal", o látego em "dorsos"
crentes e real!
Convivemos com "o lixo", negociamos o "inegociável",
E delegamos todo o poder do "povo",
Num cheque em branco para "personas
descompromissadas".
Por que temos medo de ter "os nossos destinos"
Guiados por nossas próprias "mãos"!?

David Alan Pinto



David Alan Pinto, Sancristovense, Professor de Teatro formado pela (UFS), Ator e Poeta. Começou a carreira artística em 2004, como ator, no Grupo Teatral Il Giramondo de São Cristóvão SE. Foi premiado como melhor Ator Humorista de São Cristóvão, em 2007. No ano de 2019 ganhou como professor destaque o prêmio: EDUCAR-SE Sergipe (os destaques da educação). Participou do Iº Concurso Literário de São Cristóvão- SE (I CLISC) “Maria Veste Viana” Ficando entre os 6 primeiros colocados.

Reencontro

Na hora perfeita, a nitidez do teu olhar
Tocou meu mundo estagnado.
E me fez ir além, ao coração bisbilhar
Pois o nosso amor foi predestinado.

Durante um tempo, nos afastamos
Mas continuamos presentes no coração.
E o destino fez... nos reencontramos.
Eis que refloresceu o amor: afeição...

Uma conexão sentida na alma
Luz sempre uniu nossos corações.
E até mesmo sua voz me acalma
Fazendo-me sentir várias emoções.

David dos Santos Lins



David Lins é poeta nas horas vagas, que são bem poucas por sinal, mas são as mais prazerosas do dia. Já se aventurou como ator, se acha músico e amante das artes. Escreve porque viver é muito dolorido para não se compartilhar.

Perspectiva

Vem dormir comigo essa noite.
Só hoje eu preciso sentir tua presença
Provar do seu abraço quente durante a madrugada
Entrelaçar pernas
Perder-me na imensidão dos teus cabelos lindos
Ver percorrer em mim essa energia que só se dá entre nós.
Eu nem sei se te gosto
Basto
Delírio
São rosas laranjas e de outras cores mais.
Aos poucos vou abandonando os girassóis
Ruas que me levam lembrar você
Praças
Pressas
Passos.
Admito
Dói.
Ainda acelera meus batimentos.
E nessa mistura
Passa essa noite comigo?

Diógenes Rodrigues Pereira



Diógenes Pereira é Alagoano, natural de Santana do Ipanema, Psicólogo de Formação e Cordelista, publica antologias desde 2017, atualmente é membro efetivo e Presidente da Academia Alagoana de Literatura de Cordel, ocupando a cadeira nº 23.

Pensamento não tem freio

Durante a fabricação
Da criatura humana
Deus com a mão soberana
Em busca da perfeição
Montou a conexão
Aos órgãos deu movimento
Para o funcionamento
Deu ao corpo manuseio
Só faltou colocar freio
Pra parar o pensamento.

Sem esse dispositivo
O corpo a todo momento
Expõe seu comportamento
Insano e impulsivo.
Sem entender o motivo
Dessa falha estrutural
Que a si mesmo faz mal
Pela forma de pensar
Tentando administrar
O seu modo funcional.

A mente é sofisticada
Mas perde a capacidade
Quando a ansiedade
Ataca desenfreada
Quando é impulsionada
Altera a respiração,
Acelera o coração,
Vem suor, dor de barriga
Tensão, tontura e fadiga
Durante a aceleração.

Se você é ansioso
E sofre constantemente
Seja mais inteligente
Busque ser mais cauteloso
O pensamento é teimoso
Mas é preciso enfrentar
E aos poucos praticar
A gestão emocional
E de forma racional
É fácil administrar.

Pensar, sentir e agir
Essa é a trilogia
Que faz a patologia
No desconforto emergir
Sem o corpo dirigir
E o medo toma conta
O pensamento aponta
Que não dá pra encarar
Entre fugir e lutar
Igual uma barata tonta.

Quem já sentiu sabe bem
Como é viver assim
A sensação é tão ruim
A insegurança também
De repente o medo vem
Acelera o pensamento
E vem o comportamento
Do coração acrobata
Ansiedade não mata
Mas é grande o sofrimento.

Edson Cavalcante



José Edson Cavalcante da Silva. Professor (Matemática, Física e Astronomia). Poeta. Escritor. Músico. Radialista. Membro efetivo da Academia Arapiraquense de Letras e Arte. Membro fundador da União Brasileira de Escritor (Núcleo Arapiraca). Sócio proprietário da Editora Performance.

À Espera...

Quem disse que quem tem tudo não possa ainda esperar?
Esperar por um olhar e um beijo no amanhecer
Sentir o cheiro no ar se alguém de leve, vier
No rosto um sorriso lindo, boca com gosto: café.

Se há algo a esperar, tem alguém à espera.
É alguém que ama, sente, sofre, sonha e floresce
Sou eu, que ao despertar, abre a janela sorrindo,
Qual brilho do Sol, entre as nuvens a aquecer.

Um cheiro de café na sala, um carinho, um aconchego...
É tudo o que eu quero agora de alguém que está distante.
Os dias se passam tristes, nem a música é a mesma!
Nem melodia, nem letra. Nada mais é como antes.

Como em tudo há esperança movida pelo amor,
Sinto você em minha frente, dia e noite, noite e dia.
Pois eu sei que está mais perto dessa essência aflorar,
Com a energia do olhar, para esse se eternizar.

Ellen Maianne Santos Melo



Ellen Maianne Santos Melo é professora de Filosofia do IFAL, Mestra e Doutoranda em Educação pela UFAL. Especialista em Epistemologia e Fenomenologia e Graduada em Filosofia pela UESC. É escritora das obras: “Em busca do equilíbrio entre o feminino e o masculino” e da Coleção “As Metáforas de Phyna”. @ellenmaianne

Quando o amor fragiliza

O amor é sentimento da criatividade
Quando somos tomadas pela vontade
E a vida se enche de positividade
E esperamos com alegria cada novidade

Mas o amor pode te fragilizar
Quando sentimos o mundo inteiro parar
E cada coisa sair do seu lugar
Ao ponto de nem conseguirmos nos encontrar
Quando o ser amado conosco não está

Que sentimento é este que parece nos dominar
E dos trilhos da vida te fazer descarrilhar
Como um trem desembestado a vagar
Mostrando a força destrutiva do amar

O amor nos traz a pulsão de morte
E me faz pensar que teria sorte
Caso conseguisse ser mais forte
Para dar a vida um novo norte

A dependência do ser que se ama
Nos envolve em uma fina trama
Que nos faz levantar da cama
E perder o sossego que nos conclama

A todas aquelas cujo amor não lhe faz bem
Eu repreendo-a: Não seja refém!
Olhe com desdém
E despreze aquilo que não lhe convém

É preciso coragem para perceber
Que se não te faz bem, não pode te pertencer
Que é preciso novos rumos escolher
Para sentir o sol da liberdade em ti renascer

Eliene Casseiro da Silva Santos



Eliene Casseiro, cristã, professora, pedagoga, pós-graduada em Educação Especial. Cursa Letras. Ama e aprecia a Literatura Religiosa. Escreve textos por prazer e tem a Bíblia como fonte de inspiração.

Grito de Socorro

Em meio a minha dor,
olhei para dentro de mim.
E já não havendo mais sabor,
encontrei um vazio sem fim.

Perdida e quase sem confiança,
Me deparei olhando ao monte,
E gritei em minha lembrança:
Acabou! Não existe mais horizonte!

E sem ver nenhuma possibilidade,
escape, porta e saída.
Surgiu por fim uma oportunidade,
de a ti clamar mesmo decaída.

Trouxe aos poucos a memória,
do que me traz esperança.
Lembrei que posso usar a oratória,
Pra ti buscar com segurança.

Decido olhar ao céu e transcorro,
contudo meu coração se alegrou.
Agora eu sei que meu socorro,
vem daquele que me salvou.

Tudo que há em mim depositei.
vem, socorre meu Jesus!
Diante de ti me humilhei,
agora é o Senhor que me conduz.

Entendi que és meu escudo e fortaleza,
amigo de todo o momento.
O qual me dar tamanha certeza,
que não estou só no sofrimento.

O grande refúgio da minh`alma,
não me abandona um só minuto.
E quando meu ser perde a calma,
ele diz: serei sempre teu alento.

Expedito Afonso de Oliveira



Nasceu no Povoado Itapaúna em Taquarana/AL em 26/01/1959, é o 6º filho de um total de dez de Higino Afonso da Silva e Gracinda Luiza de Magalhães. Por consequência das dificuldades da época e pela falta de oportunidades, estudou apenas as séries iniciais do Ensino Fundamental, antigo primário, possui algumas composições gospel, atualmente reside no Povoado Pai João e dedica-se às atividades eclesíásticas.

A Pedra do Itapaúna e todos os seus Ocorrentes

O pensamento é uma coisa
Que a gente se admira
Sendo o causo bem pensado
A verdade sempre expira
E onde tem a verdade
Não pode existir mentira

Por isso neste momento
Me acompanho com a
verdade
Para apresentar-vos um
causo
Que existe neste arrebalde
Depois dele apresentado
Se tornará mais realidade

Peço a Deus pai eterno
O claro da santa luz
Para eu narrar em versos
Uma história que conduz
O poder da natureza
As graças da santa cruz

Quero que um anjo divino
Me chegue agora contente
Me dizendo filho escreva
Para os seus componentes
A história da pedra do
itapaúna
E todos os seus ocorrentes

No estado de alagoas
Numa terra bem bacana
Faltando só três quilômetros
Pra chegar em Taquarana
Existe uma grande beleza
Este fato não me engana

No povoado itapaúna
Dos nossos antepassados
Desde os tempos dos avós
Onde meus pais foram
criados
Ainda existe a prova
Deste causo admirado

É uma pedra que tem
Bom tamanho e boa altura
Isso admira muito
A todas as criaturas
É coisa feita por deus
Não é filme de censura

Quatrocentos e quarenta
Metros de altura ela tem
Se me perguntar o tamanho
Posso lhe responder bem
Tem uns oitocentos metros
Se faltar ou passar é cem

Plantas pra todo lado
Até parece um jardim
Os casais de namorados
Que sobem não acham ruim
As moças falam querido
Vá buscar flores pra mim

Lá em cima existe cotes
Coco da serra e palmeiras
Gravatá empendoadado
Em forma de cordilheiras
Como um lugar reservado
Somente para moças
solteiras

Quando a gente vai subindo
Pode o dia estar bem quente
Lá encima já se nota
Um ventinho diferente
E o calor desaparece
Pra todos ficarem contentes

Lá encima é bem plano
Quem sobe não quer descer
Dois riscos emparelhados
Aqui e acolá se ver
E o detalhe dos dois riscos
Pra vocês eu vou dizer

Aqueles riscos leitor
Que a gente ver com carinho
Dizem que nosso senhor
Ainda pequenininho
Brincava de ser carreiro
E é o rastro do carrinho

É uma coisa que deus
Fez e deixou com um sorriso
Não sei se comparo bem
Mas falar sério é preciso
Estando lá eu já penso
Que estou no paraíso

De cima daquela pedra
Com gosto pode-se olhar
A região em redor
Pode se observar
E um pouco dessas coisas
Para vocês eu vou contar

As serras de Arapiraca
Dá pra se avistar bem
As partes de limoeiro
A gente avista também
Olhando do outro lado
Vemos a região de Belém

Alguém que avista de longe
Diz, ali não vale nada
Porém alguns passageiros
Que passam pela estrada
Ficam logo admirados
e na viagem faz parada

Porém ainda não vi
O leitor ficar contente
A história pra ser boa
Tem que ser corretamente
Falei um pouco da pedra
Vou falar dos ocorrentes

Um cruzeiro bem plantado
Pra gente ele proteger
Muita gente faz promessa
E bons resultados se vê
Depois de recuperados
Pagam com todo prazer

Fica pro lado do sul
As direitas do cruzeiro
Me faz lembrar a cantiga
Que cantavam de primeiro
Viva o cordão azul
Da nação desse guerreiro

O braço esquerdo fica
Estendido para o norte
E quando a gente reza
Pede pra ele dar sorte
E ele assim nos protege
Pela vida e pela morte

A frente para o leste
E atrás para o oeste
É a coisa mais importante
Que se ver neste terrestre
É a coisa mais linda
Que deus deixou no
nordeste

Na frente daquela pedra
Tem uma lagoa embaixo
Quando é tempo de inverno
Corre água num riacho
Peixe não existe mais
Porque houve cambalacho

Se gosta de tomar banho
De mergulho ou de nado
Se gosta de bater bola
Tem um lugar apropriado
É na beira da lagoa
Do itapaúna falado

No ano de setenta e um
Houve desgosto de mais
O povo pensa que acaba
Com as coisas que Deus faz
Mas, porém pelo contrário
Hoje tudo vive em paz

Nesse tempo apareceram
Uns homens de Maceió
Querendo tirar a pedra
Pra fazer pissarro e pó
Mas é que o santo cruzeiro
No momento teve dor

Desistiram de levar
Aquela pedra famosa
Continua para sempre
Esta coisa valorosa
Para os rapazes e as moças
Subirem e jogarem prosa

Uns sobem por vaidade
E outros por distração
Mas muita gente que sobe
É por grande precisão
Pra pedir com a mão aberta
De deus a santa benção

E por isso muitas vezes
Quando é tempo de verão
Vem preto, branco, rico e
pobre
Só se ver a multidão
Juro que outro dia
Vi chegar ônibus e
caminhão

É grande a alegria
De quem já esteve lá
Depois de estar em cima
Ninguém quer mais voltar
Se você não foi ainda
Junte uma turma e vá

Quem mora aqui no agreste
É mais feliz com certeza
Quem mora no itapaúna
Ver de perto essa beleza
A pedra é linda de mais
É fruto da natureza

E assim vou terminar
Essa história que é boa
Dessa pedra que eu falo
Do cruzeiro e da lagoa
Pode ela agradar
Até a muitas pessoas

Se não foi do seu agrado
Muitas desculpas eu peço
Pois é a primeira história
Que eu faço e confesso
Pode não ser a pior
Depois faço outra melhor
Pra aumentar o meu
progresso.

Maria de Fátima Soriano de Lima



Maria de Fátima Soriano de Lima, graduada em Letras pelo Centro de Estudos Superiores de Maceió – (CESMAC), Mestra em Letras/Literatura brasileira, pela Universidade Federal de Alagoas – (UFAL). Autora dos livros: *Magias do Sentimento* (poesia), artigos, poesias e outros.

Se...

Fátima Soriano

Se eu pudesse voltar no tempo,
reviveria com mais intensidade
todos os momentos felizes
que hoje, se transformaram em saudade.

Ah! Se eu pudesse colorir a vida...
Daria um brilho especial em cada olhar,
estamparia um sorriso em cada rosto
e ensinaria aos corações a amar.

Ah! Se eu pudesse colorir o homem...
Pintaria com a cor da felicidade,
dissiparia todo o seu egoísmo,
arrancaria do seu coração toda a maldade.

Se eu pudesse plantar
o perdão nas almas,
arrancaria dos corações
todos os ressentimentos e mágoas

Mas como sou simplesmente, eu
quero fazer minha parte,
na construção de um mundo melhor
tentando acabar com a injustiça e a desigualdade.

Flávio Rodrigo Masson Carvalho



Sou colunista do Jornal Folha Noroeste, da cidade de Jales, SP. a mais de vinte anos onde escrevo semanalmente artigos diversos, poesias, crônicas, reportagens. E receber o feedback dos leitores é meu maior incentivo e prêmio. Sou Professor Universitário, Pesquisador, Psicanalista, Jornalista e Correspondente Internacional da International Press Association, e em todas as atividades que exerço, uso ostensivamente a escrita, seja como Professor, Pesquisador, Psicanalista, e principalmente como Jornalista e Editor, que acabei me transformando e me especializando para publicar minhas escritas. Idealizei o Projeto: Pandemia com Poesia!

Estou procurando

Estou procurando,
Ainda não achei,
Vou continuar,
Ainda não me cansei.

Estou procurando,
E espero encontrar,
Vou persistir,
Até me cansar.

Estou procurando,
Em todo lugar,
Mas está difícil,
Não consigo achar.

Estou procurando,
Mas é só escuridão,
Estou desistindo,
É só desilusão.

Estou procurando,
Até dentro de mim.
Mas estou cansado,
Acho que é o fim.

Desisti de procurar,
Não existe perfeição,
É ela que buscava,
Doce ilusão.

Ninguém é perfeito,
Muito menos eu,
Muito a evoluir,
A verdade doeu.

Ninguém é perfeito,
Muito menos eu,
Muito a evoluir,
A verdade doeu.

Gabriel de Abreu Silva



Gabriel Abreu, morador de Taquarana. Católico e devoto de Nossa Senhora, é Acadêmico de Ciências Contábeis pela UNEAL, e amante das artes - em especial o teatro, que é a sua área e atua desde 2014. Nos tempos livres, gosta de produzir textos.

O fim é um recomeço

A morte é uma senhora surpresa
Chega quando a gente menos espera
Traz consigo uma dor
A dor da lembrança e da perda

Nunca estamos preparados
É difícil se conformar
Tem que ter força na vida
Para poder superar

Não sabemos como que ela é
Ninguém nunca voltou pra contar
Mas esperamos um dia
A gente se reencontrar

Que seja só alegria
Com bons momentos a compartilhar
Que o céu venha pra todos
E que possamos lembrar
Dos lindos momentos vividos
E que marcaram uma vida repleta
De emoções e sentimentos

Portanto: abrace, ame e beije
Dê valor enquanto pode
A vida é um grande mistério
Mas uma coisa temos certeza
A morte sempre nos espera.

Gercimar Martins Cabral Costa



Natural de Rio Verde – GO (1993), Gercimar Martins é Poeta, Escritor, Professor Universitário, Administrador, Mestrando em Educação pela UFU, autor de 5 livros de poemas e amante da Literatura. Membro da ALUBRA, AIL, AILB, Movimiento Poetas del Mundo e, Membro Fundador da ACLEMOD - Associação Cultural, Literária e Educacional Mãos e Olhares Diferentes. Espaço de poesias: gercimarmartins.poeta.in / Instagram: [@gercimar.poeta](https://www.instagram.com/gercimar.poeta)

No agreste você pode se encantar

Cada canto tem sua realidade,
Sua beleza e especificidade
Que encanta só no olhar,
De um viajante por ai a se encontrar.

O agreste é um canto a se apaixonar,
Mesmo que o sertão lhe faça as vezes chorar,
Seus campos e serras ficam a encantar,
E isso posso até lhe provar,
A Pedra Itapaúna, riqueza maior não há,
O litoral, esse nem se precisa falar.

No agreste você pode se encantar,
Evidências eis de lhe mostrar,
Em suas belezas podes caminhar,
Até em sonhos irás recordar.

Viva cada momento sem questionar,
As belezas do mundo irás encontrar,
Cada instante se apaixonar,
E lugares diferentes irás te fascinar.

Gerlan da Silva Santos



Meu nome é Gerlan da Silva Santos. Atualmente, resido no Sítio Salgado, município de Taquarana, no estado de Alagoas. Terminei o ensino médio recentemente, gosto de escrever e me identifico na área das artes.

Negra estrela de Taquarana

Doutora Cremilda me contou
No livro de Seu João Ribeiro
Sobre uma africana que se juntou
Ao costume brasileiro.

Zefa Vitú! Podia chamar
Com seu cravo e alecrim na orelha
Ela vinha a caminhar
Pense numa senhora faceira.

Cabelos curtinhos
Encarapinhados por sinal
Os turbantes ajeitadinhos
Lhe davam um brilho sem igual.

Suas saias tinham babados
Coloridos pra alegrar
De visuais sempre danados
Era uma negra exemplar.

Nos casacos ou blusas brancas
A renda não podia faltar
Dona Zefa guardava as heranças
De seu povo além do mar.

Usava brincos de ouro, lindos
A africana não era fraca não
Tinha os costumes vindos
Da velha África, na mão.

Ela fez tanto sucesso em Taquarana
Que a Santos Ferraz a homenageou
Através de um projeto muito bacana
O título Nêga Vitú se perpetuou.

Gerônimo Ferreira da Silva



Sou Gerônimo Ferreira da Silva, nascido em 30/01/1966, no Sítio Maracujá. Sou natural de Maribondo e cidadão Taquaranense, título concedido pela Câmara Municipal de Taquarana. Graduação: Licenciatura em História pela Faculdade de Tecnologia e Ciência e Pós Graduação em Educação Ambiental, pela Faculdade de Administração, Ciências e Educação - Famart LTDA. Também sou ativista dos movimentos sociais, amante do Controle Social no "SUS". Atualmente Vice-Presidente do Conselho Municipal de Saúde de Maceió e Conselheiro Estadual do CES-AL.

Que tens tu, ó Taquarana?

Que tens tu, ó Taquarana?
Onde o sol declina suave
Fulguras reluzente
Acalma as tempestades.

Da Cana Brava dos Paes surgiu tão bela cidade
Taquarana de gente boa e feliz de verdade
Sublime no acolhimento, doce como as fruteiras
Povo pacífico, de alma nobre e guerreira.

Teu clima tropical traz chuva o ano inteiro
De rio perene e sutil
Água límpida do verão seco
Solo bom para o plantio.

Que tens tu, ó Taquarana?
De formosura sem igual
Isto é o que teu povo canta, ó tão bela Taquarana
De Deus és um sinal.

Gilberto Barbosa Filho



Gilberto Barbosa Filho, filho de Gilberto Barbosa e de Célia Maria da Conceição. Graduado e Pós-graduado em História. Professor nas redes Estadual e Municipal de Ensino, em Limoeiro de Anadia. Publicações - livros: **Fragmentos de uma história: Índios, brancos e negros no processo de construção da identidade socioeconômica e política de Limoeiro de Anadia**, 2011, Gráfica Farias; **Crônicas de Limoeiro, TOMO I**, 2019, Editora CESMAC; **Limoeiro de Anadia – Cidade da Gente**, 2020, Didáticos Editora; artigos: **Entre Sobrados e Mocambos: O Negro e a Sociedade Patriarcal no Agreste Alagoano**, in Revista Eletrônica de Educação de Alagoas – REDUC, 2018, Vol. 4, nº 01, Janeiro, 2018; dentre outras obras.

João Ribeiro de Castro Neto

João Ribeiro é filho de Pedro Ribeiro de Castro, ex-prefeito de Limoeiro de Anadia, e de Elvira Barbosa de Castro. Nasceu no povoado Brejo, distrito de Canabrava (hoje Taquarana), município de Limoeiro de Anadia, no dia 12 de dezembro de 1926. Casou-se com Maria Iraci Teófilo de Castro, com quem teve os filhos: Elza Maria Teófilo de Castro Amorim, primeira dama de Taquarana, Pedro Ribeiro de Castro Neto, Paulo Ribeiro e Antônio de Pádua.

Seu João é membro de duas das mais antigas e importantes famílias de Limoeiro: Barbosa e Castro. Fazendo uso de sua visão empreendedora, soube de fato honrar o passado de seus antepassados dentro do meio político e social. Sendo assim, candidatou-se ao cargo de prefeito do recém-criado município de Taquarana, nas eleições de 07 de setembro de 1963, e sendo eleito para o respectivo cargo fez várias ações para melhorar a infraestrutura do município. Nas eleições de 1972, novamente como candidato único, foi eleito prefeito pela segunda vez, e nas eleições de 1988 foi reeleito para o seu terceiro mandato, completando seu ciclo de ações a frente do executivo municipal, e não foram poucos os benefícios feitos por ele ao município.

A partir de 2005 passa a tomar gosto pela construção da história do município, dando início a fase de pesquisas, contrariando seu próprio intelecto que teimava em não aceitar a arte de historiar. Pesquisou, fez várias descobertas, brigou com o tempo, que agora já não é tão seu amigo, devido a sua

tenra idade, mas venceu! Venceu e provou que nunca é tarde para realizar um sonho, e que belo sonho, um belo livro TAQUARANA E SUA HISTÓRIA, lançado no dia 07 Setembro de 2007, numa festa pomposa. Em 2020, o livro foi relançado.

Dizem que para um homem conseguir realizar plenamente seu destino na terra ele deve constituir uma família, plantar uma árvore e escrever um livro. E seu João conseguiu, seu destino está completo, realizado, se bem que o que é considerado muito para a maioria, para homens especiais como o seu João ainda é pouco. Atualmente, ainda lúcido, vive na lida de suas plantações e de suas histórias, em sua propriedade no sítio Brejo.

Gilbson da Costa Alencar



Gilbson Alencar é escritor, jornalista, Dr. Honoris Causa em Comunicação Social, comendador, professor universitário, palestrante e coordenador da Comunicação Social da Justiça Federal em Brasília. É membro da Academia de Letras do Brasil (ALB-DF) – escritor imortal ocupante da Cadeira n. 50 -, membro da Federação Brasileira dos Acadêmicos de Ciências, Letras e Artes (Febacla), conselheiro suplente do Conselho Regional de Cultura do Plano Piloto, e, atualmente, exerce a vice-presidência do Sindicato dos Escritores do DF. O autor reside em Brasília (DF) há 36 anos, nasceu em Guajará-Mirim (RO), em 1975.

O cego e o jagunço

Não incomoda, com outra visão
enxergar o mundo, incomoda não

Maluco trocadilho, dente de ouro, maltrapilho
Nasceu debaixo do novilho
Benzeu com aguardente o próprio filho
Na cintura, grande vergão
não foi bala, foi tiro não, foi corte de navalha
em briga com Ditão

Em cima do caduco Marronzão,
jumento forte, de muita estimação,
Manduco abria estrada
empunhando afiado facão

Chapéu de couro feito à mão
Matou o touro, desossou o bicho na vazante
Arrancou na unha a pele do gigante,
viu até *grilo falante* quando a fome lhe visitou!

Passando isso, avistou um pardieiro
estabelecimento de Landúfo Roceiro,
pobre cego tocador de pandeiro,
estende a mão ao novo amigo,
pensa consigo não ser castigo
o destino que recebeu

Mas Landúfo não ligava,
nem um pouco se importava
com a sina que Deus lhe deu
*“Um cabra rude como eu,
de aparência é bem verdade,
não precisa de compaixão,
meu pandeiro é olho forte, Manduco,
é lupa de precisão!”*

Iêda da Silva Souza



Iêda da Silva Souza, natural de Taquarana, filha de Agricultores: José da Silva Souza e Iracy Maria da Silva Souza. Tinha três irmãos já eternizados. Professora e Pós-Graduada em Psicopedagogia.

Antologia Taquaranense

Primeira e exuberante Antologia Taquaranense;
Nunca pensada por alguém, que do escrito esquece.
Mas, a ilustre escritora Wal Ferry taquaranense,
À sua Terra com oportunidade real favorece.

Sonhou, aprendeu, lutou,
Influenciou toda população.
Com Fé insistiu e ousou.
Aflorou intrépida emoção.

A transbordante Cultura Literária,
Expande-se com intensidade.
Tornando-se um Marco na História.
Valorizando as ideias e a integridade.

Quantos eloquentes escritos!
Veteranos ou novatos Escritores,
No papel registram manuscritos.
Sendo talentos e Coautores.

Oriundos do Norte ou Sul
Do Leste e ameno Oeste.
Contemplando o céu azul,
Radiante espaço celeste.

Saraus, lives e belos encontros.
Interatividade aflora total.
Internalizando puros reencontros.
Tornando-se um intelectual.

Parabéns, aprazíveis Escritores!
Ousadia sempre constante no dia a dia.
Gratidão nobres realizadores!
Pela sabedoria, empenho e alegria.

O relevante altruísmo reverbera,
Toca o íntimo das almas.
Sempre ideias à espera.
À Literatura uma salva de palmas.

Taquarana

Taquarana, Taquarana!
Que tanto amas!
Doce como cana.
Terra de Anas.

Taquarana, Taquarana!
Antiga Cana Brava.
Tornou-se soberana.
Pois, agregava e cativava.

Taquarana, Taquarana!
Terra de Santa Cruz,
De muita Fé e que aclama.
Resplandece sua Luz.

Taquarana, Taquarana!
Terra de serras Monte D'ouro
E, a belíssima Itapaúna.
Vive seu encanto duradouro.

Taquarana, Taquarana!
De encantos mil
Com ação humana
Eficaz, livre, hábil e símil.

Parabéns, Taquarana!
Minha airosa cidade.
Tem um povo que emana,
Intrínseca solidariedade.

Santa Cruz

Salve, Salve Gloriosa Santa Cruz!
Que do alto resplandece graças.
Brilham seus raios no seu Povo Luz,
Que adentram em todas as raças.

Verticalmente aponta para o real Céu.
Horizontalmente abraça, ama e acolhe.
Cruz bendita por respeito se tira o chapéu.
Com misericórdia a prece dos filhos recolhe.

Ao contemplar sua sublime expansão sábia,
Verifica-se a pureza e santidade do amor.
Retirando o mal, a ira e o medo da alma tibia.
Curando toda dor e exalando o suave odor.

Cruz que pelo Sangue Santo do Salvador,
Passou a ser também Santa que encanta.
Os devotos suas promessas pagam com ardor,
Manifestando sua crença que transplanta.

Três de maio, dia da Padroeira de Taquarana.
Ano 2021 houve procissão motorizada,
Devido a pandemia que arrasa a raça humana.
Mas, a Vida vencerá e a praga será exterminada.

Em cada coração há fé fervorosa;
Irradiando a esperança para continuar.
À Santa Cruz se oferece bela rosa.
Pois, transborda a vida no novo raiar.

O povo de garra a ela homenageia,
Com simplicidade e harmonia.
Agradece com carinho e rodeia,
Rumina e internaliza com alegria.

Belíssima a Santa Cruz se apresenta,
Num madeiro sagrado e curado.
O seu povo sofrido muito acalanta,
Sarando o coração transpassado.

Salve! Salve! Oh, benditíssima Santa Cruz!
Que ilumina com os raios da Divina Misericórdia.
Essencializa e soleniza a fé em Jesus que é Luz!
Prevalece e enriquece os dons com concórdia.

Santa Cruz recebe minha gratidão!
Abençoa! Salva minha vida e alma.
Brota de dentro do meu coração,
Palmas! Então, minha pessoa acalma.

Obrigada, obrigada Santa Cruz!
Implanta em nós a plena caridade,
O amor e o perdão que Jesus reluz!
Sobressaía sempre a doce solidariedade.

Ígor Augusto da Silva de Vasconcelos



Ígor Rozza é ator/performer. Licenciado em Teatro pela UFAL. É membro fundador da Cia Insanos - Teatro Camboio de Doido, com sede em Taquarana. Pesquisador do Teatro do Absurdo e da Estética de Espetáculos de Rua. Secretário Municipal de Cultura de Taquarana. Professor das redes pública e particular de ensino.

Taquarana

Taquarana, Cidadezinha do país das Alagoas
Viva meus avós que aqui morreram
Que deixaram raízes plantadas
Pedra do Itapaiúna
Onde já dormi nu pelado
Subi correndo de madrugada
24 de agosto, 7 de setembro
Rua da Areia, das Pedras
Pindura, Taboca, Bizé
Cachorra doida de Palmeira
Ruas escuras que me fizeram beijar bocas imundas
Bocas carnudas, bocas e mais bocas
Os barquinhos da festa da Santa Cruz
O mastro azul com a pintura da Madinha
A voz estridente e marcante de minhas tias
Doce Taquarana
Cocada da Dona Marli, Quebra-queixo na feira
Monga nas noites de novena
Minhas quedas de patins no Beco do Ouro
Bar da Jia
Colégio Cenecista, Ginfest; Santos Ferraz, Semana de Arte
Noites dançantes na Gaivota de Ouro
Uivos dos lobisomens aos montes
Mestra Bia na cerâmica
Canarinho no Guerreiro
Bacurau no Pife
Bico na Fulô
Um Camboio de Doido no Teatro
Taquarana, Taquarana
Cana Brava Batizada

Tem horas que tenho uma mágoa tão grande ti
Que nem quero ver tuas ruas cheias de causos
Nem quero lembrar do amor que tu me deste
Que tu me trouxestes de tão grande pra cá
Um quilombo esquecido
Rio Lunga quase secando
Um umbuzeiro centenário no teu cenário
Um cruzeiro maravilhoso na Serra
Que tu derrubastes e nunca mais fizestes nada
Eita, Taquarana
Cadê tuas taquaras?
Sumiram as de verdade
E surgiu uma de metal no início da cidade
As ruas de paralelepípedos deram lugar ao preto, à pista
Estás sumindo
Onde antes eu roubava tamarindos hoje tem modernismo
Onde tinha almocreves, hoje paira tecnologia
Onde estás, Taquarana?
Onde está teu povo que não vê por tal mudança?
As lagoas nem são tão grandes, nem são da vaca
Muito menos do tanque
Onde estão as ximbras, os carrinhos de rolimã?
E os meus joelhos que nunca mais levaram uma queda?
Minha mãe chamando a mim e meus irmãos
Oh Iiiiiiiiiiiiiigor, oh Ivaaaaaaaana, oh Pedriiiiiiiiiiiiiinho
Não a ouço chamando
Faz tempo que ninguém sobe numa roda gigante
Só bebem, não conversam na Praça
Padre Cícero deve ficar chateado por fazerem ali de banheiro
Oh Taquaraaaaaaaaaaaaaana!
Ouve teu filho clamando por ti e acorda!
Além das belas garoas

Teus filhos têm alto porte!
Taquarana, cidadezinha do país das Alagoas
Terra de gente ruim
Terra de gente boa

Irlana Jane Menas da Silva



Feirense, professora, poeta, pesquisadora em educação e envelhecimento, doutora em Ciências da Educação, UTAD/Portugal. Doutora Honoris Causa em Educação. Confreira da ALAFS, cadeira 19 e da CONCLAB/CONINTER, cadeira 81 e outras academias. Membro do Núcleo de Letras e Artes de Portugal e da Association club international culturel de Genève pour l'art, littérature et solidarité, através do Núcleo Cultive de Feira de Santana. Coordenadora e pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Educação e Gênero (GEPHEG), dentre outros.

Disfarce

Tantos laços desfeitos,
Tanto amor perfeito.
Em cada esquina
Te vejo.
Cada rua, cada canto
Estou tomando meu pranto
Disfarçando meus encantos
Para não sentir a dor
De ter te deixado para trás.

Izaias Santos de Almeida



Izaias Santos de Almeida, nascido no dia 26/09/2000, é alagoano e mora a vida inteira no interior. De origem pobre, tem pai e mãe semi-analfabetos. Começou a escrever quando tinha 17 anos e desde então nunca mais parou. Seu amor pela literatura é algo que não se há possibilidade alguma de dizer de onde veio. A origem humilde do interior, ao contrário do que aconteceu com todos os outros, não levou-o simplesmente à roça, mas sim ao mundo.

Olho D'água, janeiro de 2021.

O suor que molha a terra
desce da face
vermelho encarnado
de um rosto queimado
pelo arder do sol.

Como água,
cai contando gotas
o esforço
de um homem.

A fome
a sede
o pequeno que o espera
ansioso para abraça-lo.

Tudo parece motivo para não ir embora.

Embora de vez.
Entregue a morte.

O pôr do sol é a alegria

anuncia o fim do dia de trabalho
o descanso das mãos calejadas
o abraço do pequeno
o gole esperado de água.

O tempo é curto para quem tem fome.

João Carlos Barbosa de Albuquerque



Nascido em 17/04/2003, João sempre teve uma predisposição para a arte, aos 7 anos apresentou sua primeira peça teatral de tema “A Branca de Neve e os Sete Anões” da qual interpretou o príncipe, dali nunca mais parou e se dedicou a leitura e escrita até hoje.

A Sala

Existe um manicômio
Para loucos em aprendizagem
Cada louco uma atitude
Cada atitude uma modelagem
Queriam prepará-los para a sociedade
Mas estavam de passagem

Um louco fugiu
Quatro loucos entraram
Um deles sorriu
Mas, sua alegria mataram

E como burros de carga sentaram, choraram...
Foram silenciados
Porém, aos superiores nada abalava
Se estavam trancafiados
Todos a mercê da sala.

João Victor Lemos Viana



Escritor, compositor, jornalista e brincante do Guerreiro São Pedro Alagoano. Filho de Mozart Viana da Silva e Dorcas Lemos Viana. Graduação em Comunicação Social - Jornalismo, CESMAC (2019), pós-graduando em Gestão Pública pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL - 2021), assessor técnico da (FMAC). Assessor de Comunicação (FOCUARTE), é membro da (IOV WOLRD - Brasil), da Academia Alagoana de Cultura - AAC, onde ocupa a cadeira nº 31, cujo patrono é Pedro Teixeira de Vasconcelos, membro da União Brasileira de Escritores, núcleo Arapiraca - AL. Sócio honorário da Academia Arapiraquense de Letras e Artes. Publicou a Obra: "A Matriz das Graças - história e a importância do Templo para o lugar!", físico e e-book. Ed. Performance 2020 / Discografia: CD Valoriza Alagoas, Maceió, JF Studio, 2020 / CD É Madeira Forte! Frevo, Ciranda e Baianado, Maceió, JF Studio 2021. Criador do Projeto Valoriza Alagoas através do Instagram: @lemosdez.

PRAZER SOU ALAGOAS!

L e M: João Lemos

//Sou Estrela radiosa,
Triunfante, terra boa,
Uma nação gloriosa,
Prazer! Eu sou Alagoas!//

1. Eu nasci pra dançar Guerreiro,
Vivo o som de Hermeto Pascoal,
Velho Chico que abraça Penedo,
Manguaba a beijar Marechal.
Jorge de Lima a poetizar,
Zé Edi no forró do coité,
Um brincante do Baianá,
O Rosário sou Mané.

2. Zé Maria, homem de fé,
Brinco o Reisado do Bananal,
Taieiras de "São Migué",
Um Aurélio, hoje é carnaval.
As dunas do Marapé,
Rosival, Nise da Silveira,
Mundaú bordada de filé,
Somos o mar de Paripueira.

3. A CHEGANÇA Silva Jardim,
Seu Dedeca do alto sertão,
No meu sangue o povo Katokin,
Kalankó, Xucuru Kariri.
Quando o mestre pega no apito,
Revivo o Negro buriti,
Viva o santo que dança bonito,
Jurema, Axé, sou Zumbi!

4. Maceió! Cidade bela,
Arapiraca dos nossos poemas,
As Cambindas de Porto de Pedras,
Viva a Diana chamada em cena.
Aza Branca do Mestre Elias,
Feito o barro nas mãos de Sil,
Glória aos Bandos de Anadia,
Somos o coração do Brasil.

José Maria Rodrigues



José Maria Rodrigues, nasceu em Amarante, interior do Maranhão, em 11 de abril de 1942. Só foi alfabetizado, em 2007, aos 65 anos de idade, até então, nunca tinha frequentado a escola, embora fosse o seu maior sonho. Uma vez na escola, não demorou muito para adquirir os primeiros domínios da leitura e da escrita. Desde pequeno, gostava do repente, acompanhava seu tio repentista em apresentações, adquirindo uma grande habilidade de decorar os repentes. Assim que começou a ler e escrever, iniciou logo a compor suas primeiras poesias. Nas atividades escolares, fazia versos e repentes tão criativos que logo chamou a atenção da sua professora, que a cada poesia, valorizava-o, pedindo para ler para os colegas e aconselhava-o a escrever e registrá-las em um caderno.

Floresta Amazônica

Eu pedi a Deus do céu
De todo meu coração
Para escrever a história
Que me chamou atenção
De coisas que não combinam
Com a minha opinião.

Leitores prestem atenção
Vou agora relatar
A coisa é muito grave
Chega a me preocupar
“Vamos” cuidar da floresta
Não deixando ela acabar.

Relembro nosso Brasil
De alguns anos atrás
Os campos verdes floridos,
Na floresta tinha paz,
Só faltava a mão do homem
Destruidora e voraz

Chegaram os anos setenta
No regime militar
Os bancos oferecendo
Dinheiro pra desmatar
Devorando a Amazônia
Para seus pastos formar.

Foi o desenvolvimento
Que chegou para nação
A miséria também veio
Se arrastando pelo chão
Se passando por progresso
Trazendo a destruição

É triste ver Amazônia
O verde todo queimado
O mundo inteiro clamando
Com o batido do machado
A fumaça poluindo
O povo sendo afetado.

O machado e motosserra
Trabalhando noite e dia
As florestas se acabando
Nas maiores agonias
E os animais pagando
A conta que não devia.

A conta é muito alta
Pelas queimadas que tem
A terra se demolindo
Sem falar nada a ninguém
Cada deslize que dá
Vem matando mais de cem.

Pois a falta da floresta
Vem trazendo consequência
Só pensa em ganhar dinheiro
Está faltando consciência
Tão acabando Amazônia
Por falta de competência.

O que está acontecendo
Não consigo entender
O mundo pede socorro
Pra a floresta não morrer
Os líderes mundiais só falam
Mas não vejo nada fazer.

Temos que ficar atentos
Ao que vem acontecendo
Os rios estão secando
Os peixes ali morrendo
Os animais sem floresta
Tristemente está sofrendo.

Meus amigos estou parando
Com o coração partido
Tenho dó da Amazônia
Pelo fogo consumido
Está se acabando tudo
E o líder não dá ouvido.

Keila Maria de Alencar Bastos Andrade



Keila Maria de Alencar Bastos Andrade nasceu na cidade de Codajás, município do interior do Amazonas, mas reside em Manaus desde a década de 1980. É graduada em Educação Artística e Ciências Sociais pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM. Possui Mestrado em Gestão e Auditoria Ambiental pela Universidade de Leon. Desde a década de 1990 atua como professora formadora da Secretaria Estadual de Educação.

Canto Porque...

O tempo, sem trégua, furta...
Cada noite anuncia um dia incerto,
Cada dia traz seu mal,
Os homens escancaram seu tormento,
E a vida passa como uma duna móvel.
Então, se me perguntarem: - Por que cantas?
O coração do homem faz-se pequeno,
As guerras explodem sem compaixão,
Os braços caem cansados, crianças morrem de mães choram...

A tolerância é elo perdido,
E o horizonte carrega para bem longe o afago irmão.
Então, se me perguntarem: - Por que cantas?
O fogo queima o plantio destruindo o que pouco se juntou
E as águas revoltas arrastam as forças do homem cansado,
Lavando o suor, levando a colheita, explodindo a dor...
Então, se me perguntarem: - Por que cantas?

Eu simplesmente responderei:
Eu canto porque o rio ainda corre sereno ao encontro do
mar....
Porque a chuva que cai e rega a terra que o fruto dá.
Canto porque a noite se enfeita de estrelas que cintilando
Anunciam que o amanhã está por vir...
Assim, "um dia discursa a outro dia, uma noite revela
conhecimentos a outra noite" e o Criador segue tecendo a
vida!....

Canto porque acredito nos homens e mulheres que não
deixaram de sonhar,
Porque cada criança que bate à porta do mundo traz a marca
da esperança....
Então, eu canto o nascer de um novo tempo.
De um novo começo...

EI, BRASILEIRO!...

Ei, sertanejo da "mata branca" e de chapéu de couro!...
Que pega no laço,
Que veste o gibão
E se põe a cavalgar nas asas do vento...

Ei, cancionero!
Que pega a viola,
E na noite estrelada, ao redor da fogueira,
Cantarola tristonho...

Ei, boiadeiro!
Que tange a boiada,
Que toca o berrante
E o rebanho a correr no vale profundo...

Ei, jangadeiro!
Que içã a vela ao balanço das ondas
E sai a pescar
Velejando mar adentro....

Ei, caboclo!
Que sai remando no banzeiro,
E da sua canoa lança a rede, puxa o anzol
Antes mesmo do nascer do sol...

Ei, brasileiro!
Que cruza as estradas,
Que pega o arado,
Levanta a enxada,
Que planta, que colhe,
Que canta, que chora...
Ei, brasileiro!
Você faz o Brasil!...

Leandro da Silva Oliveira



Leandro Oliveira, é Psicopedagogo Institucional, Especialista em Educação Infantil e Anos Iniciais, Pedagogo, Professor e Membro Honorário da Academia Arapiraquense de Letras e Artes-ACALA, Palestrante, Membro efetivo da União Brasileira de Escritores-UBE, Escritor do livro DEIXE-ME SER POESIA. Participante de antologias e coletâneas de livros, Brinquedista Hospitalar, Brinquedista Institucional, Incentivador Cultural, Coordenador do grupo de Pedagogia Humanizada.

É a Hora do Espetáculo

Quem conhece um sorriso de verdade,
Aquele mais puro
Que tenha bondade, simplicidade,
Sabe que nem todo palhaço é feliz.

Atrás da lona, dos vagões imprensados
Meu peito fica todo apertado,
Não consigo imaginar
Uma vida por trás do sorriso
O quanto cada um que vive do circo
Fica agoniado neste momento tão invertido!

A alegria que contagia
O vento frio soprando à noite
Minhas senhoras e meus senhores
Respeitável público, o espetáculo, vai começar
Temos a bailarina, o trapezista,
Equilibristas, mágicos e ilusionistas,
Você também encontrará!

O equilíbrio da risada
A criança da aquela gaitada
Parece que quem faz o circo
Esta com a risada do público na palma da mão.

Eu venho aqui te perguntar!
Onde será que o palhaço
Arruma tanto espaço
Para as piadas poder soltar?
Será que tem um baú no peito?
Ou tem outro jeito?
Como lá dizia o matuto
Eu vou para o circo porque quero mangar!

Quando o espetáculo termina
O mágico, guarda a cartola
O coelho, vai embora
O circo todo adormece,
Meu DEUS, essa aqui é a minha prece
Abençoe todos do circo,
Pois eles merecem!

Já estou indo embora
Temos outra missão
Guardar a mala viajante da alegria
Vamos levar nossa moradia
Temos que conhecer outra região.

Manoel Jozenias de Oliveira



Manoel Jozenias de Oliveira. Residente em Quixadá, Ceará. É professor da rede estadual de ensino. Licenciado em Pedagogia com especializações em metodologias de ensino, planejamento, gestão e avaliação educacional. É admirador da literatura de cordel utilizando-a na sua prática pedagógica cotidiana através do **Projeto Educordel** – Educação como ação-reflexão e(m) literatura de cordel.

O educador cristão

O educador é alguém
Que quando tem descoberto
O caminho mais certo
A informação não retém.
O que lhe faz mais bem
É o dom de repartir,
Não guardar só para si
Toda sua sabedoria.
**Aprendendo a cada dia
Que somar é di-vi-dir.**

Muito importante falar
De sua espiritualidade.
Está na sua identidade
O prazer de ensinar.
Educar é transformar
Até mesmo a água em vinho.
Com Jesus sempre pertinho
Atraindo-o para Deus
**Alunos, são filhos seus,
Educação, o caminho.**

Em tempos de crise é
Bússola que se oferece.
Um mapa onde aprece
Os caminhos para a fé.
“Sal da terra”, isto é,
O tempero, o sabor.
Tem um imenso valor
Ser como “luz do mundo”
Tem um sentido profundo
Ser Cristão Educador.

O Educador Cristão
Precisa ser como o sal.
Que antecipa um sinal
Do sabor da refeição.
À luz da religião,
Educar é levar luz,
Um ato que lhe conduz
A mais de uma realidade.
O Educador de verdade,
Segue seu mestre, Jesus.

É ousado em sua missão
Quer todos evangelizar.
Nunca deixa de falar
Dos deveres do cristão.
Sabe que a omissão
Também é grande pecado
Seu testemunho é dado
Praticando a sua fé
**O Educador Cristão é
Por Jesus Cristo educado.**

Quem educa o educador,
Senão o Espírito Santo?
Maria com o seu manto
Cobre-o com o seu amor.
Jesus, o Nosso Senhor,
Seja sempre nosso guia
Dando-nos Sabedoria
Pra nossa fé professar.
**Na beleza de educar,
Professor é profecia.**

Marcelino Carvalho de Brito



Marcelino Carvalho de Brito, administrador de empresas, gestor de recursos humanos, escritor contista e poeta! Nasceu no dia 17 de abril de 1963 no povoado da Ipojuca, cidade de Arcoverde, sertão do Estado de Pernambuco. Filho de Lídio de Brito Cavalcanti e Glória Maria Carvalho de Brito, casado com Silvana M^a da Rocha Calheiros de Brito, pai de Kyara Karynne, Marcelino Filho e Mariana Calheiros, dos quais, nos deram cinco netos. Formado pela faculdade Alagoana de Tecnologia (FAT) em Gestão de Marketing de Varejo com especialização em Gestão de Recursos Humanos pela UNINTER/FATEC, universidade de Curitiba. Membro da Academia Maceioense de Letras, desde abril de 2018.

Quixaba, gleba de toda uma vida!

Ao ter, frente a ti, porteira velha, fazenda Quixaba, rendo-me a tua história de nostalgia e beleza!

Também, em teu solo, foi enterrado em ti, meu umbigo! Tradição? Não sei, o que sei meus pensamentos sempre levam-me a ti!

Sou conduzido a algo que conheço como saudade, pois, ouvi durante muito tempo, histórico de toda uma vida, que em ti, foram vividas e em ti, vidas foram geradas!

Querida é, ainda hoje, fazenda Quixaba, berço de Brittos e de gerações valentes, tatuada nos frondosos Carvalhos que também, em tuas terras, deixaram tua história!

Agraciados, fomos todos nós, seus filhos, que trafegaram nos confins de uma Ipojuca, que tiramos dos teus campos, os seus sabores que saboreamos, dentre eles, o encanto de uma Quixaba, que aprendemos a chamar de nossa!

Maria José Gonçalves



Mari Gonçalves, 41 anos, nasceu em Lagoa Santa, Minas Gerais, escreve desde os 8 anos de idade. Poetisa que descreve sentimentos em forma de poesia e se aventura em poemas hot. Ama escrever. Em seus livros pode ser encontrado o mar de sentimentos que transborda pela ponta de seus dedos. Poetisa, sonhadora e amante de romances e de poesias, apaixonada pelo universo poético. Hoje tem lançado os livros 7 livros. Vive em busca do amor e da felicidade. Sonha em ser uma grande escritora. Mais do seu trabalho pode ser acompanhado nas suas redes social @poesiasporvoce. E no facebook como poesiasporvoce e no recanto das letras como Mari Gonçalves (moares).

Saudade de amor

Saudade de amor é bandida,
Deseja te tocar, te cheirar, sem meios.
Saudade de amor é bandida
Mas faz bem, quando se ama alguém.

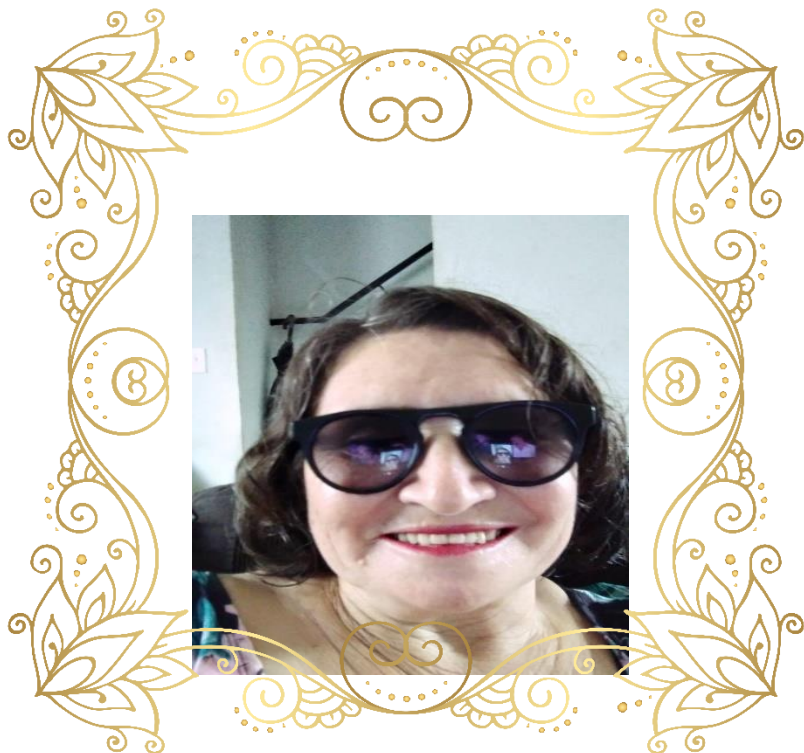
Saudades bandidas de amar
Saudade que se explica num olhar
Saudade bandida nos faz suspirar
Querendo abraçar, sentir carícia ,
Em seus braços delirar.

Saudade bandida quando o desejo aflora
De tanto querer os olhos choram
O coração implora com saudade de amar!

Saudade de amor é bandida
Faz sussurrar, faz tremer,
Faz chorar, faz sofrer.

Saudade de amor é bandida
Rouba a esperança, nos faz criança,
Fazer lambança e dançar carnaval
Saudade de amor é bandida
Deixa a alma sofrida
Passando na vida, como um vendaval.

Maria de Lourdes Fernandes



Maria de Lourdes Fernandes- Graduada em Licenciatura Especifica Pedagogia. Acadêmica da ALASAC-III Feira Brasileira do Cordel-Textos publicados em várias antologias no Brasil e no exterior. FLI7-Festa Literária Sete de Setembro I Ceará em Letras-UFC. Integrante da Academia Virtual da Língua Portuguesa e Literatura, textos publicados em várias Antologias pelo Brasil em especial no nordeste brasileiro. Textos publicados no Jornal Vida Brasil em Houston Texas Estados Unidos e Revista Cultive-Genebra.

A Escrita em Minha Vida

Antes de aprender a ler e a escrever.
Eu imaginava contando histórias
que um dia acreditava realizar.
Quando finalmente aprendi a ler e escrever
Os livros, cadernos e o lápis
tornaram-se meus únicos amigos.
Nos livros, lia histórias
que me transportavam
para um mundo mágico,
Fora de uma realidade
que não queria aceitar.
No caderno escrevia
sobre a tristeza e os obstáculos
que tinha que enfrentar
Escrevia sobre sonhos
que achava impossível realizar
Eu lia pra esconder minhas tristezas
e escrevia sobre uma felicidade
que queria sentir.
A cada livro que lia
aprendia um pouco mais.
Até sobe minha deficiência
Passei a escrever sobre
a confiança da superação
Descobrir que ler e escrever pra mim
tornou-se a razão e minha sobrevivência.
Colocar no papel os meus sentimentos
e de como cheguei até aqui

com tantos obstáculos.
Escrevo pra incentivar
a outras pessoas
a superar suas dificuldades
Escrever pra mim
é como enxergar novamente
É ver a vida de outro ângulo
Escrever no escuro
é minha realidade.
A escrita e a leitura
fazem parte de minha vida.

Marinalva Pinheiro dos Santos



Nascida em Arapiraca, mora em Lagoa da Canoa há muitos anos. Pedagoga, Psicopedagoga, estudante de Letras e professora. É cristã e amante da literatura. Autora do livro: "Para não ter medo da morte" e participante de diversas antologias poéticas.

Escolhas

Naquilo que te faz bem
Tu deves continuar.
Os sonhos que acalentas
Deves persistir e lutar.
Porém, não te sintas preso
Naquilo que te destrói
Pois as vezes desistir
Também é continuar.

Não sigas com alguma coisa
Que fere teu coração
Nem sempre a desistência
Sugere fraqueza não.
Às vezes ela é sinal
De força e libertação.

A vida só tem sentido
Se der realização.
Os títulos e as conquistas
Têm que ser de coração.
Só têm significado
Se trazer junto ao teu lado
Mais amor no coração.

O título só tem valor
Se melhores nos tornar.
Humanidade e respeito
Devem nos acompanhar.
De que vale tantos nomes
De nobreza ou de renomes
Se melhor não nos tornar?

Marta Maria Pedrosa de Mélo



Marta Mélo, nasceu em Arapiraca em 1969. Está poetisa, alquimista floral, dona da Cáffalu Fardamentos e mãe de 3 filhos lindos.

Caixinha

A água fria da pia corre
ao lavar os pratos.
É o único barulho que está.
Meu filho, ontem,
ganhou um celular de minha mãe.
As conversas da cozinha,
pela manhã, estão mudas.
As panelas, os talheres e pratos,
exatamente agora,
como eu, estão desolados,
também sentem o calar.
A caixinha fez mais uma vítima.
Deixamos de ser nós,
sinto a grande frieza do mundo na telinha,
e isso pesa.
Somente meus pensamentos têm
a nobreza de escutar sua voz
que parece ser-me dita.
O sorriso,
o tocar,
o sentir dos olhos vão ter tempo
quando a bateria acabar.
Sem que eu saiba como,
farei o almoço que imagino.
Afinal, no papel de mãe,
a vida continua.

Martha Sales Costa



Professora, licenciada em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Especialista em Antropologia e Pós-graduanda em Cinema e Linguagem Audiovisual. Membro do Núcleo de Pesquisa e Estudos Afro-brasileiros e Indígenas –NEABI/UFS.

Vozes

Martha Sales

Muitas vozes
Dissonantes
Ressonantes
Encharcadas de teorias
Muitas vozes
Muitas vezes
Espalhadas
Contaminadas
De uma tal sabedoria
Muitas vozes
Em desespero
Outras em euforia
Tantas vozes
Silenciadas
Outras em cantoria
Todas elas
Essas vozes
Estão lá
Distantes
Na tela fria
Ouço vozes
São vozes
De liberdade
Que ecoam
Que essas vozes
Incontroláveis
Que a tudo enunciam
São os gritos
Sufocados pela agonia

Pandemia
Ouço vozes
São vozes do coração
Com elas
De frente pra vida
Veias, vias e caminhos
Conexão necessária
Sintonia

Martha Valéria Soares dos Santos



Alagoana, pedagoga e bacharel em direito, nasceu em Taquarana no dia 31 de dezembro de 1971, onde passou sua infância, embora ame sua inesquecível Terra Natal, se considera também arapiraquense, onde mora há 38 anos. Escreve por prazer em ver materializados seus pensamentos, e com isso, poder compartilhá-los com outras pessoas.

A Realidade de Amar

Nessa vida uma das maiores dificuldades das quais muitos de nós um dia seremos obrigados a enfrentar é a hora de mudarmos o nosso jeito genuíno de sentirmos algo... Mesmo levando em consideração que mudanças são sempre necessárias para facilitar nossa evolução, porém essas mudanças sempre são dolorosas e a inevitável transformação nem sempre nos agrada, mas com certeza será como um lago de água fresca em um deserto de sentimentos que sempre foram solitários a vida inteira, e, uma vez que, já não romantizamos mais alguns sentimentos, principalmente o Amor, o "Amor Romântico" deixa de existir, e conseqüentemente a culpa e os culpados. Desse modo sempre iremos viver o hoje da forma que ele será nos apresentado, então... Sem expectativas e sem nos permitirmos a criar memórias afetivas romantizadas, não haverá lembranças, nem saudades... Assim, não teremos por quem esperar a não ser pela nossa auto compaixão...

É isso... Não romantizar o Amor, porém sem deixar de amar...

Teu Nome é Amor

Perdão pela intimidade de te chamar de amor....

Te chamo de Amor por não ter coragem de te chamar por outro nome, se desconheço outro que doa menos...Já te chamei de Vida, mas Já morrestes umas mil vezes nos caminhos que te perdi, Te chamei de Paixão mas logo em segundos ela se transforma em Amor...Te chamo de Saudade mas Ela me abre o vazio de não te ter aqui, então em última instância te chamo de Amor, porque apenas Ele me sustenta e tira do meu peito a dor que sinto por você não saber que ainda és o meu Amor!!! Perdão por te chamar de Amor... Pois só hoje meu pensamento já Te chamou umas mil vezes, por isso teu nome é Amor!

Mayara Ferreira de Oliveira



Mayara Ferreira de Oliveira nasceu no dia 25 de janeiro de 2002, no interior de Alagoas. Natural de Coité do Nóia-AL. Acadêmica de Letras – Língua Portuguesa (UFAL).

Dono do Universo

Tu que tens um universo só Teu,
Sol, lua, nuvens, criaturas,
Que de muitos És armadura,
És força e ternura.

Intercedo para que ajuda-me a ir adiante,
Quando cansada,
Meu corpo tentar tirar de mim,
A vontade que tenho de seguir.

Que Tua luz, em minha vida seja abundante,
E que os que buscam o caminho certo,
Em Ti, se sintam cada vez mais confiantes.

Intercedo para que apenas Tua vontade prevaleça,
Que em Tuas mãos eu cresça,
E que menos reclame,
E mais agradeça.

Que Teu colo, também seja meu,
Quando vier a andar por tubulação,
Peço para que acalme o meu coração,
E que segure a minha mão.

Porque é Tu que tens, Senhor,
Um universo só Teu,
Sol, lua, nuvens, criaturas,
Que de muitos És armadura,
És força e ternura.

Melita Mely Ratković



Meu nome é Melita Ratković, casada e mãe de dois filhos. Eu nasci na ex-Iugoslávia, República da Croácia. Moro na Sérvia com minha família. Sou autônoma em minha própria casa. Estou engajada na agricultura e escrevo por puro amor.

Carta

Eu quero lhe mandar uma carta,
se eu não estiver aí ele não vai chegar
na ore de você, não,
por favor não fique perto do túmulo
Você não sabe que a Alma é eterna.
Não derrame lágrimas, isso me incomoda.
Sua dor por mim não
Me deixe me ir.
Estou triste com você aí
por causa da sua dor.
A morte não existe, entenda,
lembre-se de que o pó está voltando.
Estou bem arejado e leve,
por favor, abençoe minha jornada.
Eles estão esperando por mim no final do túnel,
ligue, ore, deixe ir.
Eu volto para a minha fonte
onde tudo repousa, isso acontece.
A morte é apenas um novo nascimento,
não pode ser além da linha.
Enxugue as lágrimas, acenda minha vela,
regozije-se enquanto eu vou para lá.
E quando chegar a sua hora, vou esperar por você
No final do túnel me leve a luz.

Bruno Michel Ferraz Margoni



Poeta, escritor, compositor, filósofo e educador. Graduado em Comunicação Social, Educação Física e Filosofia. Especialista em Psicologia aplicada à Educação Física e ao Desporto e Metodologia do Ensino de Arte. Membro do acervo de Literatura em Língua Lusófona da Biblioteca Nacional da França/BnF. Professor Titular de Cargo Efetivo na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Aprovado no Concurso de Mestrado Profissional em Educação Física pela UNESP 2021. Autor de 21 livros publicados.

Pequena Gloriosa

O que a diferencia das outras meninas,
São os calos nas mãos e os cortes nos pés,
Marcas do esforço no pó do carvão,
Queimando a infância, a inocência e a fé.

A boneca trocada por um martelo,
Quebrando pedrinhas, descascando castanhas,
Pesando o desgaste sobre os joelhos,
Nas olarias sufocando as entranhas.

Pequena Preciosa, sei de sua trajetória.
Pequena Preciosa, cantarei sua história.

Caímos no sarcasmo de atributos hilários,
É um insulto tratar monstros como empresários.
Amaldiçoados financiam a morte,
E o marasmo infantil serve como suporte.

Romperam o cativeiro, resgataram a menina,
A Pequena Preciosa foi uma heroína.
Na euforia de sua alforria,
Ganhou a atenção que então merecia.

O vil e perverso aliciador,
Malvado medíocre seria enjaulado,
Foi algemado pelo defensor,
Que tirou a Pequena de seu triste passado.

A menina ainda não entendia,
Que seu futuro lhe pertencia,
Mas já despejava naquele estágio,
Lágrimas de alegria.

Pequena Preciosa, sei de sua trajetória,
Pequena Preciosa, brilha vitoriosa.

Uma vez liberta, voltou a estudar,
Era a mais esperta no meio escolar,
Seria qualquer coisa que quisesse ser,
A Pequena Preciosa poderia escolher.

Quantas preciosidades mais nós iremos perder?
Substituindo a infância por cifrões cobiçados.
Crianças jamais deveriam crescer,
Pra nunca se tornarem monstros disfarçados.

Pequena Preciosa, Brilha Graciosa.
Sublime e Gloriosa, Pequena Preciosa.

Mira Neves



Funcionária pública amadora na arte de escrever, participante das antologias: Mulheres Livres Senhoras de Si, Encantos Nordestinos, (IN) Sensíveis Sentimentos, I Antologia Fortalezaense de Escritores e Convidados, AMO VOCÊ.

Viver

É voar sobre a pipa
É não ter medo de rasgar seu fino papel colorido
É fazer da pipa seu tapete voador
Um Aladdin viajando na pipa
Ficar de pé cruzar os braços
Erguer o queixo olhar ao longe
Vento
Não tontear.
E de emoções poucas
Deslizar sobre a calda – fio
Equilibrista de fio de pipa
Segurar este fio com as pontas dos dedos
Se pendurar sacudir pra lá e pra cá.
Viver é viajar na pipa
Sem esquecer as pipas em volta
Suas cores
Seus tamanhos
Suas aproximações
As pipas só tem corpo e calda
Sem medidas exatas
Sem tamanho de fio
Sem menino na terra pra puxar de volta
Faça sua pipa de retalhos
Às vezes é preciso trocar quadrantes.

Oliveiros Nunes



Oliveiros Nunes, alagoano de Arapiraca; Professor, escritor, pós-graduado em Linguística Aplicada ao ensino da Língua Portuguesa. Escreveu crônicas, livros de poesia e romance; autor independente da Casa do Escritor; atualmente dedica-se à trilogia *Mentes Conectadas*.

PELAS MÃOS DOS POETAS

Pelas mãos dos poetas
Passam os corações apaixonados,
As incertezas da vida,
As alegrias do amor,
O calor de tantos lábios beijados!

Pelas mãos dos poetas
Debulham-se lágrimas acalentadas
De histórias não contadas
E segredos tão profundos
De amores tão secretos
Que nunca foram iluminados!

Pelas mãos dos poetas
O amor pinoteia nas vísceras do diabo,
Clama pela chama da paz,
Norteia os incautos no caminho,
Atrai o prazer, mesmo pela dor,
Ilumina a mente e o coração!

Pelas mãos dos poetas
A liberdade é cantada
É diligente em servir
No mundo a luz se faz
Olha para o outro e ama
Ser livre é viver, somente!

Pelas mãos dos poetas
Valores são exaltados
As virtudes são ensinadas
O abraço chega ao destino
O amor é aclamado
E o caminho iluminado!

Maria da Penha Barbosa Lima



Capivarense, ainda menina mudou-se para Arapiraca para estudar história; carrega no peito a quentura do sertão e na vida os ensinamentos de Dona Lourdes e Seu Elias.

Final do mês

Salário na conta

Vou ao mercado
Buscar alimentos
Compro o possível
Alimento o corpo
Guardo sonhos e desejos
Uma quadra depois
Abro a porta
Alcanço a cozinha
Na panela encardida
Água e alguns grãos
Acendo o fósforo
A chama não acende

Risco mais um
A chama não acende
Acabou o gás
Acabou o dinheiro
Não tem mais salário
Desempregado
Não sinto cheiro
Alimento sem gosto
Amarga a boca
Aperta o peito
Ronca o estômago
Barriga vazia
Prato vazio
Nada para comer

Pietro Lemos Costa



Pietro Costa. Escritor. Poeta. Agente e Produtor Cultural. Presidente da Academia Cruzeirense de Letras. Membro de Academias e Entidades Culturais no Brasil e no exterior.

AMBIVALÊNCIA

A arte é movimento, a atrair as pessoas para longe de suas zonas de conforto, de mediocridade.

Cinestesia do inusitado, do raro, do instante pleno de significado, da poesia.

Manifesto em prol de uma vida não mecanizada, mas consciente, pulsante, ativa, que respira!

A arte é o trair a norma (lidade), em ato profano de reverenciar o cerebral e emocional que nos é essencial, singular.

É o subtrair todas as algemas que constroem o exercício do pensar.

A arte é o humor sem pudor, a insolência sutil sem se tornar vulgar.

A performance que desnuda, inquire e revolve dogmas de ser e estar.

É a luz que elide o opaco da retina, que dissolve sombras e perfura cortinas.

É o ambivalente dente-de-leão, que embeleza e torna alva a manhã, que dilacera hipocrisias.

É o sopro criador que revira moinhos de vento e desperta epifanias.

É o assombro que singra véus e sepulcros putrefatos, que deflagra maravilhas.

É a forma que emoldura os mais lídimos sonhos, veleidades e fantasias.

A linha que ousa novas sintaxes e simetrias, que desborda a monótona narrativa.

A tinta que ressignifica o pincel, a tela, a cena, a obra, a paisagem, o artista.

A potência que nos habita e insistimos em deixar reclusa, na usura de vãs filosofias.

A antinomia da moderação, modulação, idiotização, como ingente e urgente obsessão pela liberdade!

SALVE A ARTE! SALVEM A ARTE!!!

Rodrigo de Lima Silva



Um jovem filho da terra, nascido no agreste das Alagoas e que as vezes se arrisca aventurando-se no apaixonante mundo das artes.

Corpo sob corpo

Na melanina da tua pele
Se encontra o paraíso
Seu corpo sob meu corpo
Chego a sentir algo divino
Toda vez que você sai
Seu cheiro impregna em minha cama
Vejo você lá deitada murmurando que me ama
No meio da noite vem de mansinho
Sussurrando em meu ouvido
Dizendo que minha língua aumentou sua libido
No ápice da madrugada abro um bom vinho chileno
Me entorpece a noite toda essa menina veneno
Acendemos dois cigarros e partimos pro terraço
A cada trago admirando aquele céu estrelado
A noite estava acabando
Mas de certo nem liguei
Podia morrer ali mesmo
Pois o nirvana alcancei.

Sergio Guillermo Hormazábal Rodríguez



Leitor e contador de histórias. Escritor e poeta. Reinventado, palestrante Espírita, voluntário do projeto Viva e Deixe Viver, conhecendo e estudando o mundo da Biblioterapia! Participação como escritor e poeta nos concursos de contos da PETROS (Petrobras-2007-2014) e como pintor, nos concursos de Artes Plásticas (Pinturas-2000-2010), exposições de quadros no IBGE(2016-2018), publicações nas Antologias Vicejantes(2018) e Sumo(2019), Organizadas por Cristiana Seixas, e publicadas pela Editora Cândido Sou Chileno, morando no Rio de Janeiro desde 1976.

O Belo e o Bom!

Contam que um Grande Avatar
Viria à Terra, com as Celestes Virtudes,
Para a Humanidade em incompletude,
Trazendo o Belo e o Bom!

Assim todas Celestes
Chegaram...e
Em alguns se instalaram,
Permitindo ver a Beleza
Das Flores, do Sol, da Lua
E das Estrelas!

Viram as Estações mudando
A chuva, a neve,
As folhas caindo e revivendo
A Natureza Dançando!

Ouviram a música do Vento
Do Trovão, da tempestade
Da água correndo até o mar,
Dissolvendo as dores e as tristezas

Transformando e Ressignificando
Chegaram a Filosofia, as Artes, com a música
E suas notas, as letras com as Palavras
Em Poesia para encantar o mundo!
Era o Avatar e Deus cuidando de todos!!

Sombra 2

Vi uma sombra em minha mente,
eras tu!...e teu passo,
de repente, veio
turvar meu compasso!

Sombra que vens comigo
Apareces e somes.
Se penso em luz, te iluminas,
E atraís meu sossego.

No verbo, no som, no outro,
nas estrelas, na noite, na lua...
Estava dentro de mim!

Silvania Argemiro Santos da Hora



Meu nome é Silvania Argemiro, natural de Limoeiro de Anadia Alagoas, graduanda de Letras Português pela Universidade Estadual de Alagoas. Sou apaixonada pela vida, por literatura e pelas minhas filhas.

O Grito do Silêncio

Que meu silêncio possa gritar
E que alguém possa ouvir
E que venha me calar
E me fazer sorrir...

Se alguém pudesse ouvir
O grito do meu silêncio
Saberia num instante
Minha dor e meu tormento.

O grito do meu silêncio
É um grito muito intenso
Mas, ninguém consegue ouvir
Ninguém vem para intervir.

Acordo nas madrugadas
Com meus gritos sufocadas
Não consigo mais dormir
Sem ter ao menos alguém para me ouvir.

Ah! Se alguém pudesse escutar
Tudo que tenho a falar
Minhas angústias, meus medos
Minhas dores e meus segredos!

Simone Santos de Jesus Cruz



Simone Santos de Jesus Cruz é sergipana. Formada em Pedagogia, pela Faculdade Pio Décimo e em Letras Português/Inglês pela Universidade Tiradentes. Especialista em Educação Inclusiva. Professora da Rede Municipal de Aracaju e da Rede Estadual de Sergipe. É membro efetivo da Academia de Letras Socorrense – ALS e da Academia Internacional Mulheres das Letras – AIML. É escritora e tem imensa satisfação em participar desta Antologia.

Nasci no agreste

Já ouvi muito filho da peste
Filho do cabrunco
E da gota serena
Ouço desde pequena
E filho do canso mariano
Ouço há muitos anos.

Mas o povo aqui também reza
Faz novena e trezena
Para a festa do padroeiro
Planeja o ano inteiro
Já vi até gente subir a serra
Para rezar no cruzeiro.

É um povo muito girente
Caminhoneiro
Agricultor
Comerciante
Ou doutor
Eita povo trabalhador!

Ser do agreste
É ter fé
Ser forte
E batalhador
No campo ou na cidade
Tudo enfrenta, meu senhor.

Suzana Boechat Rosa



Suzana Boechat Rosa é mineira de Governador Valadares. Filha de professores, mãe de Danton e Mateus, é odontóloga há 30 anos em Belo Horizonte. Encontrou na poesia uma forma de íntima expressão emocional e espiritual. Participa de sua segunda coletânea.

Olhos peregrinos

Meus olhos de ontem enxergavam diferente dos de hoje.
Meus olhos de ontem eram mais rústicos, mais rígidos,
tinham tanta certeza...

Já os meus olhos de hoje se demoram mais,
Duvidam de si,
Querem olhar em outros olhos,
nas gentes,
mergulhar,
até achar o verdadeiro,
o belo,
o triste, o real.

Meus olhos de ontem, tantas escamas..
Nos de hoje, algumas a menos e um espírito mais
compassivo.
Mais atentos ... tentam sair do viés do martelo,
aprender do Bem.

Aos meus olhos de ontem, uma reverência.
Foram atraídos e que bom que se inclinaram,
se abriram ao novo,
que se entregaram ao chamado.

E é assim ...
Os dias vão e vem,
novos feixes chegam,
trazendo mais um grau de luminosidade.

E meus novos olhos entenderam que também passarão
que têm um caminho a viver,
de dentro pra fora ,
de fora pra dentro...

São olhos peregrinos,
Sentidores do caminho.

Suza ✿

Viviane da Silva Wanderley



Meu nome é Viviane Wanderley, sou professora de línguas, advogada e escritora, nas horas vagas. Amo viajar, ler e escrever, em especial, poesia, meu “lirotransporte”.

Quem Tu És, Dezenove?

Covarde, canalha, calunioso,
Cafajeste, cabeludo, calamitoso,
Calafrio, cadavérico, capcioso,
Calado, catastrófico, cavernoso,
Coletivista, contumaz, conflituoso,
Comunicativo, corrosivo, carnívoro,
Complexo, carcerário, convincente,
Célere, chulo, contraproducente,
Clandestino, complexo, crescente,
Circunstancial, colateral, colossal, caos!

Odioso, obscuro, obcecado,
Operante, obstinado, ousado,
Oportuno, ostensivo, opositor,
Oculto, oblíquo, onívoro, opressor!

Vagabundo, vacante, viscoso,
Vasto, versátil, vertiginoso,
Venéfico, verídico, vergonhoso,
Visguento, virulento, violento,
Vulcânico, vicinal, vultoso,
Veloz, voraz, valente, venenoso!

Imenso, ilimitado, imponderável,
Implícito, imoderado, imprestável,
Improbo, imediato, inapreciável,
Inclemente, inconveniente, improducente,
Impróprio, ingrato, imensurável,
Impuro, imundo, indesejável,
Inaudito, incômodo, intolerável,

Impactante, inebriante, incessante,
Indigesto, indigno, insaciável,
Infame, infeliz, insuportável,
Imperceptível, incabível, incansável,
Ignominioso, imperioso, indecoroso,
Intempestivo, imoral, inflamável,
Imaterial, infernal, incalculável,
Insensível, indomável, impalpável, implacável!

Debulhador, demoníaco, danado,
Dramático, desafeto, debochado,
Descortês, deselegante, desenfreado,
Desenvolto, desmedido, determinado,
Dinâmico, drástico, desgraçado,
Depreciativo, diabólico, deplorável,
Delinquente, deprimente, desprezível,
Descomunal, doloroso, danoso, destrutível!

Por toda parte estás:
Nineteen, diecinueve, diciannove,
dix-neuf, neunzehn, negentien...

Poema-Lei

Um dia eu te conto um conto
Só conto se você estiver no ponto
Tem que estar totalmente pronto
E compreender todo o conto

Artífice 1º

Não interprete o sentido denotativo
Leia e solte a sua imaginação
Não pense em nada negativo
Respire, pense, leia com o coração!

Artífice 2º

Infira sobre o que lhe vier à mente
Lembre-se de que palavras não ficam estagnadas
Significados não lhe faltam, realmente,
Todas podem ser sacrificadas

Artífice 4º

Pesquise o que a linguagem quer
Imagine um arranjo musical
Com um conhecimento qualquer
Onde tudo vira carnaval!

Artífice 5º

Lamento mesmo informar
Que nem todos alcançarão
Uns, sim, outros, não.
Porém, a quem lá chegar
Venha, venha se deliciar
Beijos, beijos de montão!

Wellington Basílio



Natural de Traipu, AL, Wellington Basílio, poeta, autor do livro *Ytara-Ipu*, combatente do Corpo de Bombeiros Militar de Alagoas, formado em Letras – Língua Portuguesa/Literatura, pela Universidade Federal de Alagoas, se utiliza das palavras para expressar sentimentos e perspectivas do mundo por meio da linguagem poética.

Universo inverso

Ausente o teu olhar
Nos olhos meus,
Ausente o som do discurso presente em mim,
Ausente o carinho,
O colo, o ninho
Ausente imperfeições
Perfeitas ilusões
Ausente a família em oração, a fé, a bênção,
O perdão
Ausente a harmonia, a simples empatia, a sintonia
Ausente sim e não sem palavra,
Ausente fase de reconciliação,
Ausente o bem-querer
Ausente o livro, a leitura, a produção
Perdidos na estação das redes eletrônicas
Ausente a união, força de expressão ...
Ausente a cabeça pensante, ideias interessantes,
Ausente o pudor presente na dor...
E o amor, por onde anda?
Ah, esse foi banido
Confundido
Excluído...
Há quem nunca conheceu o seu fundamento
Perdido no vento
Destruído...
Universo inverso
Um tempo presente,
Ausente.

Yago Beserra Marinho Martins



Yago Beserra Marinho Martins, alagoano, natural de Arapiraca (AL). Poeta. Amante dos versos desde muito pequeno. Participante de antologias literárias, como 'Palavra é Arte', 15ª ed. (2016), 'Poemas de Quarentena' (2020) 'IV Antologia Santanense' (2020) e 'I Antologia Arapiraquense' (2020). Professor de Língua Portuguesa. Enfermeiro, especialista em Enfermagem do Trabalho e Enfermagem em Dermatologia.

Da liberdade

Essa coisa a que chamam de liberdade,
essa palavra privilegiada,
eu não a conheço.

Acaso é verdadeiramente livre
aquele que faz as escolhas
que os outros determinaram?

Acaso é livre o pássaro,
que canta enjaulado,
como um último recurso
para não enlouquecer?

Ou o cão, acorrentado,
que late para assustar os ladrões,
mas que na verdade nem os amedrontaria
se estivesse solto?

Pois bem, a gente vive, é verdade,
Mas livres, não, não somos
Somos apenas prisioneiros
com uma leve sensação
de poder escolher
a melhor maneira
de nos acorrentar.



Prosas

Adoniron Nelson Bastos Rodrigues



Coariense de nascimento (1955) e codajaense de afeição, amante e admirador da vida na sua essência e do seu autor, da arte e da natureza; sempre grato por tudo. Na bagagem: coerência e equilíbrio, e o amor é a porção maior.

Boto Vermelho

Baseado na lenda amazônica

A fogaosa adolescente impulsionada com gritos e pulos n'água, a brincadeira alegre sobre as toras da enorme jangada da serraria, inserida à margem do imenso lago de Coari, no Amazonas. A bela garota de cabelos negros, de pele amarelada pelo cauxi, corria saltitante por cima das brutas boias de açacú – que faziam flutuar as magníficas madeiras de lei –, a fim de safar-se da amiga que a perseguia na brincadeira para lhe por a manja (pira). A última atitude foi se jogar n'água e nadar lá no fundo, sem sequer soltar borbulhas; quando de súbito deparou-se com uma cena inusitada: os seus olhos esbugalharam e seus pelos arrepiaram. Veio à tona e o grito ecoou: Mamãããe!

Ao escapar do perigo eminente, ela viu o exótico e belo animal que não se intimidou com o que se passava, demorou alguns segundos antes de comer o lanche preferido, macabro sim, mas original. O Boto Vermelho tranquilamente mexia suas nadadeiras e de barriga pra cima abocanhou o jaraqui sem se importar muito com os gritos da molecada equilibrada sobre a gigante tora de madeira.

Dias passados, a menina pálida deu falta da segunda regra, visto a primeira ter acontecido muiiitos dias antes daquele infeliz encontro. O choque foi estonteante e pensava: “Meu Deus, vou ficar grávida? Será que era um boto encantador?... Por que aconteceu isso comigo?... No meio de tantas, por que eu?”.

Foram longas as noites de insônias intermináveis ante a ideia de como seria dada a notícia da “gravidez”. O desespero levou-a a abater-se, amofinar-se e não só perder o peso, mas

principalmente a esperança do casamento com véu e grinalda. “O que a Maroca vai pensar d’eu? E a mamãe quando souber? E o papai que atira até nos tamancos quando escorregam do pé?... Vai estourar a minha cabeça quando me vir de bucho.” A sufocante angústia definhava e tirava o apetite da juvenzinha interiorana, criada sob forte conceito de respeito e pudor, mas inteira desinformação biológica, pois assuntos desse tipo só eram tratados por velhas mães, avós e parteiras.

Um dia, enquanto catava arroz pro almoço, ouviu atentamente a afirmativa de que jenipapo é ótimo pra anemia e de que moça anêmica não menstrua. “Ah, que bom”, pensou, “pronto! Vou comer jenipapo... Estou muito amarela...”. Não se lembrou da gravidez. A partir daquele dia, passou a ser tarefa juntar as suculentas frutas do jenipapeiro² que dava pro lado da casa da sua tia Raí para comê-las com sal, casca e tudo. Fazia isso repetidas vezes e com outras frutas sem saber ao certo a que se destinavam.

Numa segunda feira – após ter passado o final de semana estudando dissertação e comendo as benditas frutas –, antes de terminar o último tempo de aula do Instituto Popular de Coari³, fortes dores lhe contorciam o ventre. A sineta soou o derradeiro toque do dia. De volta pra casa, as luzes da cidade já apagadas, a dor era cada vez mais intensa e com ela a sensação de que algo estranho escorria perna abaixo. “Meu Deus! Será que é a gosma do Boto Vermelho?”, assim em êxtase adentrou-se no quarto. Esta noite não dormiu... Lá pelas tantas da madrugada, “desmaiou”.

Na manhã seguinte, o sol a brilhar com uma imperdoável bronca dos anos sessenta, a matriarca nordestiina Jesuína Teles aos solavancos a acordou com a pergunta: Diná, tu ainda não sentiu que estais nos teus dias? Sai dessa rede, menina, vai tomar banho e lavar essa rede, lençol e tudo!

De chofre sentou-se balançando as pernas, sem se importar com a vergonha... Deu um grito de graças a Deus e, chorando de alegria, bradou: Não estou grávida... não estou grávida do Boto Vermelho!

Notas:

1. Peixe (brasileirinho) mais abundante na região do médio Solimões (Amazon river).
2. Excelente no combate à anemia, icterícia, hidropisia, asma e enterite.
3. Escola pioneira em Coari.

Carlındo de Lira Pereira



Nascido em 14 de janeiro de 1964, na Cidade de Recife/PE, está radicado em Arapiraca desde 1970. Tem licenciatura plena em Português/Inglês e suas literaturas - FUNEC-UNEAL, 1988. Formado em Rádio e TV, 1996 - FUNESA. Formado como Corretor de Seguros pela FUNENSEG (Fundação Escola Nacional de Seguros), 1996. Pós-graduado em Letras pela UFAL, especializando-se em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, 1999. Mestre em Ciências da Educação pela Universidad Internacional Tres Fronteras - UNINTER-PY. Sócio fundador da ACALA - Academia Arapiraquense de Letras e Artes. Acadêmico Correspondente da Academia Santanense de Letras e Artes. Membro efetivo da União Sertaneja de Escritores de Alagoas - USESC. Professor Concursado e Pró-Reitor de Extensão da UNEAL - Universidade Estadual de Alagoas.

Analfabetismo político: quanto custa ao bolso do povo alagoano

*Carlindo de Lira Pereira

O conhecido dramaturgo e pensador alemão Bertold Brecht cunhou a expressão “analfabetismo político” num de seus textos, sempre marcados pela profundidade e contextualização temática.

No universo acadêmico eram conhecidas as expressões “analfabetismo”, semianalfabeto, analfabetismo puro, analfabetismo funcional. Mas, “analfabetismo político” na acepção usada pelo dramaturgo, soou, sem dúvida, como algo inovador, semanticamente, discursivamente conduzindo-nos à reflexão seu amplo significado histórico: o analfabeto político não sabe que de sua escolha depende o preço da água que bebe, do feijão que come, da roupa que veste, do sapato que usa, dos serviços de educação, saúde e segurança; Diz Brecht: “(...) não sabe que de sua ignorância política nasce o menor abandonado, a miséria social, e o pior de todos os bandidos sociais, o político corrupto, lacaio das empresas nacionais e multinacionais”.

Ao mencionarmos a expressão analfabetismo vem-nos à mente os indicadores sociais como Índice de Desenvolvimento Humano, Índice de Gini, e outros, calcados pelo subdesenvolvimento dos países capitalistas, e pelo totalitarismo de países que tentaram adotar o modelo político comunista; porém, a expressão “analfabetismo político” tem um alcance e penetração, quase universal, em todos os sistemas políticos, quer em países centrais ou periféricos. A história tem registrado que a apatia popular, quanto a sua participação “consciente e crítica”, no processo político é determinante para a ocorrência de fenômenos político-sociais

como, a recessão e a depressão econômica, abuso de poder nas esferas religiosas e governamentais, golpes militares, práticas políticas discriminatórias, convulsões sociais e guerras.

Verifica-se que o “analfabetismo político” à moda bertoldiana, conduz qualquer sociedade, seja qual for o contexto socioeconômico, a medidas que assumem proporções dramaticamente desastrosas, quer estejamos falando do contexto alemão para o surgimento do Nazismo Hitleriano e suas consequências hediondas, ou do Imperialismo Neoliberal desumano, norte-americano, e o Efeito Bush, ainda, na atual crise econômica mundial; no caso americano, tudo tem início na esfera política, na apatia do eleitorado estadunidense, ou seja, apesar de estarem no primeiro escalão da economia mundial, sendo o modelo de desenvolvimento, o cidadão norte-americano apresenta, inquestionavelmente alto índice de “analfabetismo político”, isto é, ausência de participação e ou tomada de consciência crítica, que gera, em todas as sociedades, as mazelas sociais sintomáticas, elencadas acima.

Já, não é hora de nos perguntarmos, qual o prejuízo ou dano social para um município, estado ou país, como consequência do analfabetismo político de sua população.

O que nos remete à pergunta, quantos prejuízos ou mazelas sociais tem causado o “analfabetismo político” nos 102 (cento e dois) municípios do estado de Alagoas? Por ignorarem que de suas escolhas políticas os 102 (cento e dois) municípios alagoanos, mergulhados em dívidas e corrupção, não melhoram seus Índices: de mortalidade infantil, de oportunidade de formação escolar, de renda per capita (por indivíduo), de inclusão nos benefícios sociais. Segundo os institutos de pesquisa nacionais e internacionais, mais da metade da população alagoana vive com menos de um salário mínimo, isto é, estão abaixo do nível da pobreza.

Contra os fatos não há argumento, diz um ditado romano. Há quem diga, por via de um discurso alienado e alienante, que “é da vontade de Deus”, fala oriunda da ignorância política! Contudo, os responsáveis por Políticas Públicas que podem melhorar a curto prazo tão alto índice de exclusão social, e a médio e a longo prazo solucioná-lo de vez, são os políticos escolhidos pelo voto dessa população de excluídos, que, deve-se frisar, não está preparada sequer para fiscalizar os rumos do Orçamento Público. Mas, se os políticos alagoanos, Vereadores, Prefeitos e Vice, Deputados Estaduais, Governador e Vice, Deputados Federais, Senadores e seus suplentes, que constituem a bancada alagoana nas esferas legislativas e administrativa, têm o poder para atuar politicamente ‘representando’ as necessidades da população pobre, cabe afirmar que, quem os colocou nessa condição política foi o Voto na Urna desse mesmo povo excluído.

Cabe aqui, indagar, quanto custa à vida do povo de Alagoas seu “analfabetismo político”. Quanto custa escolher, erradamente, vários políticos que não estão representando na Câmara de Vereadores, na Assembleia Legislativa, na Câmara Federal e no Senado, as reais necessidades do povo pobre ou que sobrevive abaixo da linha da pobreza, de onde vem a maioria dos votos. É oportuno fazer algumas perguntas: Onde estão os políticos eleitos por essa massa, que sofre pela falta de emprego e renda diariamente... Onde estão os representantes eleitos por esse povo que os vê como portadores da solução para as suas mazelas... Onde estão seus Projetos para esse povo que o elegeu... Será que esse povo pobre das Alagoas sabe o que fez com o seu voto...

O dramaturgo alemão, talvez, tenha razão, entre todos os analfabetos, o pior deles é o “analfabeto político”, pois ignora que de sua decisão, ao escolher políticos descomprometidos

com a sua história de vida, “ vai provar do pão que o diabo amassou”; e quanto a Deus, Ele já deixou o Livre Arbítrio para todos nós, isto é, o Poder de Escolha é do Povo e as consequências, também; sejamos honestos, deixemo-Lo fora de nossas Escolhas Políticas, estas são o resultado de nossa “Formação Política” ou de nosso “Analfabetismo Político”. Cabe indagar: Queremos o “analfabetismo ou Formação Política”... E ainda, qual o custo histórico imediato e à longo prazo do “Analfabetismo Político” na vida dos alagoanos.

*Professor da UNEAL e
acadêmico da ACALA

Carlos Emanuel da Silva



Professor, pesquisador, microempreendedor e militar alagoano. Natural de Taquarana. Há 15 anos trabalha no Corpo de Bombeiros Militar de Alagoas. É licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Alagoas. Casado com Cristhiane Melo com quem tem um filho – José Emanuel. O casal aguarda o nascimento de uma menina – Clarisse Emanuele.

Exercitando a gratidão

Durante muitos anos, meu avô materno, Zé Varela, sustentou sua família trabalhando como almocreve, profissão herdada do seu avô Manoel Varela.

Para quem não conhece o vocábulo, a almocrevia consistia no ofício de conduzir animais e cargas de uma terra para a outra. No caso específico, meu ascendente utilizava-se de burros em suas viagens.

Para além das cargas (feijão, farinha, cerâmicas, sal, peixe, coco...), ele levava e trazia encomendas e mensagens, servindo como elo de comunicação e contribuindo para o desenvolvimento e interiorização de Alagoas.

Entre as décadas de 20 e 60 do século passado, por terras inóspitas, estradas batidas e trilhas de mata, ele praticou essa profissão para que pudesse sustentar seus entes queridos.

Os locais mais frequentados eram Penedo, Coruripe, Marechal Deodoro, Maceió, São Miguel dos Campos, Palmeira dos Índios, Santana do Ipanema e Bom Conselho (PE), entrepostos comerciais da época.

Igualmente, muitos dos nossos antepassados viveram dessa labuta. Em Taquarana (antiga Cana Brava dos Paes), vovô possuía vários companheiros, entre eles: Zé Tertulino, Sebastião Terto, Antônio Canuto, Zé Capitão, seu Enéas, seu Batista, seu Genésio, Antônio Pretinho, Zé Mezinda, Zé Copertino, João Marinhinha, Evaristo Canuto, José Constantino, seu Valdemar, Cícero Varela, Juvenal Quintino, seu Caetano, Antônio Caboclo, seu Narciso e Zé Ferreira.

As condições de trabalho dessa turma eram horríveis. Além do mais, estamos falando de enfrentar o clima tropical por dezenas e dezenas de quilômetros, dormir em acampamentos dentro da mata, vez ou outra encarar animais silvestres e até mesmo está pronto para assaltos.

A título de informação, distâncias curtas duravam 10 dias de viagem, e, por isso, não raro, filhos nasciam sem a presença do pai.

Quantas histórias, quantas privações e superações nossos ancestres foram submetidos para que chegássemos até aqui!

Mesmo numa crise, nossas vidas atualmente são mais fáceis devido ao esforço dessas pessoas.

Exercitar a gratidão e suficiência é um caminho para sermos mais felizes.

Zé Varela nasceu em 1902 e faleceu em 1994. Era um homem simples e trabalhador. Deixou sua pisada de coragem e determinação.

Cataline Leão Otilio



Professora, graduada em Letras/ Inglês e suas literaturas (UNEAL). Especialista em metodologia em línguas inglesa e portuguesa. Mestrado e Doutorado em Ciências da Educação (UAA). Mestrado em Letras e Linguística (UFAL). Tem interesse por Ensino de Inglês, Novos Letramentos e Atualidade.

O Ensino Remoto de Inglês da Escola Pública em Tempos de Pandemia de Covid-19

Cataline Leão Otilio

Em meados de março de 2020, início de nossas aulas presenciais no Ensino Fundamental II, algo inesperado aconteceu, nós: escola, professores, alunos e famílias fomos surpreendidos por um vírus mortal, o Novo Coronavírus, o que desdobrou na paralisação da educação ofertada pela instituição escolar que leciono e, posteriormente, foi iniciado o ensino remoto, logo, alguns desafios surgiram, o mestre precisou se reinventar, rever sua prática, agora, o trabalho era virtual.

O ponto de partida foi motivar e incentivar o estudante ao novo sistema de ensino, tornando-o mais criativo e dinâmico, impactando na formação continuada e financeira por parte do docente, e o uso de equipamentos de qualidade, como computador, smartphome e internet banda larga.

No entanto, boa parte dos alunos não possuíam tais equipamentos para poderem acompanhar as aulas, o que ocasionou a evasão no ambiente virtual de estudos. Além da falta de recursos financeiros, houve a resistência em aceitar e acreditar no novo, a falta de interesse e consciência com relação aos estudos e a não devolutiva das atividades.

Vivemos um ano atípico e difícil, vidas foram ceifadas, mais de 250 mil mortos no Brasil. O momento é de prevenção, solidariedade, famílias perderam seus entes queridos. Em contrapartida a essa triste realidade, tivemos a oportunidade de amadurecer intelectualmente e tecnologicamente, o que configurou um ganho à comunidade escolar, corpo docente e

discente. Então, o que fazer para incentivar o aluno a estudar no modo remoto em tempos de pandemia?

Nesse sentido, apresento um ótimo exemplo de Ensino Remoto, ofertado pela prefeitura aos professores e alunos, construído e disponibilizado pela Secretaria Municipal de Educação da cidade de São Sebastião-AL em junção com sua equipe multidisciplinar. Foi oferecido um material didático virtual incluindo os conteúdos das matérias do currículo escolar, contendo jogos e videoaulas como também foi viabilizado o material impresso para os educandos que não possuíam internet.

Ademais, foram desenvolvidos projetos da língua inglesa a exemplo do *“English fantasy”*, onde houve um concurso de fantasias com premiações pela prefeitura direcionando a data comemorativa intitulada de *“Halloween”, Dia das Bruxas*, evento tradicional no ensino do idioma e ainda ofertou uma Olimpíada gratuita de Inglês aos alunos, chamada *“ChatClass”*, na qual os mesmos puderam participar com a orientação da professora regente.

Contudo, o motivo pelo qual estamos em ambiente de estudo virtual é o nosso inimigo invisível, o *“coronavírus”*, que representa uma família de vírus SARS-CoV2, causador de infecções respiratórias. Os sintomas podem variar de um simples resfriado até uma pneumonia severa. Todavia, a doença pode apresentar um quadro assintomático, ou seja, não demonstra os sintomas de um vírus apesar de tê-lo. A transmissão pode ocorrer através da fala, tosse, espirro, toque em local contaminado. A prevenção até o presente momento é o uso da máscara, álcool 70%, distanciamento social e a vacina.

O paciente sem diagnóstico confirmado dessa enfermidade deve permanecer durante 14 dias isolado, tomar bastante líquido e monitorar a evolução do quadro, conforme a

estratégia dos médicos para o tratamento é controlar os sintomas, enquanto o próprio corpo se cura da infecção. No caso de a pessoa apresentar febre alta (acima de 39º C) e dificuldade para respirar, deve ir ao hospital.

Além disso, para nos proteger da contaminação por COVID 19, recomenda-se: evitar multidões, não aglomerar, evitar abraços, apertos de mão, ter uma alimentação saudável, praticar atividade física e, se puder ficar em casa. Diante do distanciamento social, a ideia é ocuparmos nosso tempo da melhor forma, buscando uma sintonia entre corpo e mente: estudar, fazer leitura de livros e ajudar às pessoas.

Em virtude dos fatos mencionados, a educação é um direito fundamental de cada indivíduo, pois, é por meio dela que podemos garantir nosso desenvolvimento social, econômico e cultural. Logo, a força de vontade por parte do aluno também precisa acontecer. Nas palavras do filósofo Sócrates: - “Só sei que nada sei”. Interligando esse pensamento à pandemia, temos um futuro incerto, poderemos colher impactos futuros, relacionando educação, quanto mais aprendemos, mais temos a descobrir.

Portanto, diante do risco de contágio eminente, é necessário que os cuidados contra a COVID 19 permaneçam, seguindo os protocolos sanitários e aceitando a vacinação, mas também presando pela continuação do Ensino Remoto, disponibilizado “*online*”, sendo incentivado tanto pela comunidade escolar, quanto pelos pais dos estudantes.

Cicero Galdino dos Santos



Brasileiro, casado, empresário, pai de 4 filhos, biólogo, escritor, poeta, radioamador (prefixo PP 7 BJ), membro efetivo da ACALA e do Rotary, idealizador do Projeto Arborizar.

Ações Generosas Constroem Tesouros

Servir ao nosso próximo sem esperar recompensa é seguir as pegadas do Pai, o nosso Grande Mestre, Nosso Senhor Jesus Cristo, principalmente quando ajudamos pessoas que necessitam do nosso apoio, através de ações, tomadas de atitude ou com doação de bens materiais.

É dever de todos procurar ajudar aos desamparados, desprotegidos, rejeitados pela sociedade, independentemente da situação que estejam enquadrados, sejam pelo envolvimento com drogas ou por qualquer outro motivo; aos que sofrem das diversas doenças, inclusive das psicossomáticas que se apresentam como o grande mal do século (como por exemplo, os vários tipos de síndromes e até depressão), enfim, aos que além de enfrentarem as dificuldades do dia a dia, vivenciam situações de vulnerabilidade social.

O exercício da benevolência contribui para a nossa satisfação, bem como a satisfação do nosso próximo e produz uma sensação de bem-estar nas pessoas que recebem e também nas que praticam. É a sensação do dever cumprido. Há uma reciprocidade de satisfação. “Fazer o bem sem olhar a quem”, adágio popular vivenciado pelo meu saudoso pai, é um dever de todos. Ninguém nunca perde em ajudar a quem precisa. Mesmo em situações incômodas. Uma dessas aconteceu quando um indivíduo ao passar em frente a um de seus armazéns da Possidônio Nunes com uma carroça de mão, levou uma saca de feijão. Avisado, papai o seguiu. Interceptado, o cara devolveu o furto. Naquela flagrante situação, confessou que estava passando por dificuldades há semanas, inclusive passando fome. Meu pai se compadeceu da situação dele e deu-lhe uma boa porção daquele feijão e

aconselhou-o a nunca mais levar pertences alheios sem a permissão do dono.

Em outra ocasião, há quatro décadas, presenciei um aconselhamento do inesquecível José Galdino dos Santos ao amigo Manoel Caetano de Araújo, meu compadre, que precisava aplicar uma parte da importância que apurou com a venda de uma safra de fumo. O senhor João doceiro que residia na rua Dom Felício de Vasconcelos, local onde funcionou o Hospital Santa Maria, resolveu vender sua casa com o salão da fábrica de doce. Meu compadre perguntou: Senhor José, se o senhor tivesse na minha situação, compraria aquela casa com o salão, do senhor João Doceiro? _ Perfeitamente, respondeu, acrescentando que para quem compra imóvel, o sol nasce. Nunca vi ninguém perder dinheiro com a compra de imóvel, disse com sabedoria. Ele aceitou o conselho de meu pai e comprou. Fez um excelente negócio e vendeu esse imóvel anos depois para o Dr. Talvane Albuquerque ampliar seu hospital.

Em 2012, em um dos programas “Nos Braços da Saudade”, do saudoso amigo Comendador José de Sá, participei com o Sr. Odaisio Barbosa Lopes, dedicado presidente da Casa dos Velhinhos de Arapiraca, para divulgar a campanha “Esse é o lar de Alice”, idealizado por Yale Fernandes, que teve como objetivo angariar fundos para adequação da casa, aos padrões sugeridos pelos órgãos públicos competentes. Nessa ocasião, a ACESA (Associação dos Criadores de Cavalos de Sela de Arapiraca) se engajava na campanha, promovendo uma cavalgada em 29.04, que partiu de sua sede e foi até a fazenda Paraíso, de Demuriez Leão, na vila Bananeiras, município de Arapiraca (AL), onde foi realizado um leilão beneficente. Foi um evento maravilhoso e de grande contribuição para aquela entidade. Deus abençoe os benfeitores de coração generosos.

Naquele programa, um ouvinte interagiu conosco para nos ajudar, contando uma história de um jardineiro que tinha um patrão muito rico, cuja narrativa retrata bem a realidade. Fiquei encantado com seu relato. Esse ouvinte era Sérgio Murilo. Ele falou: "Havia em algum lugar um abastado fazendeiro que tinha uma grande mansão. Nela existia um dedicado jardineiro. O tempo passou e o jardineiro faleceu. Não demorou muito, morre também o fazendeiro, que ao se dirigir ao julgamento Divino na porta céu, se depara com um anjo que pergunta: 'Que desejas?' 'Vim me apresentar para saber onde vou ficar', disse o fazendeiro. O anjo fala: 'Me acompanhe que vou mostrar-lhe onde você vai morar', e seguiram. Não andaram muito, o fazendeiro avistou uma casa grande, até melhor que a dele na terra e imaginou ser nessa onde iria morar, mas nela estava seu jardineiro sentado numa confortável cadeira de balanço. O fazendeiro não se conteve e perguntou-lhe: 'Você trabalha aqui, cuidando desse belo jardim?' Antes que ele respondesse, imaginava continuar sendo seu patrão também no céu, mas que coincidência, pensava o fazendeiro. O jardineiro respondeu: 'Não! Moro aqui.' O fazendeiro encheu-se de esperança e pensava: 'Ora, se meu jardineiro ganhou essa bela mansão, imagino que a minha casa será até melhor' e perguntou ao anjo: 'Seu anjo, é aqui que vou ficar?' 'Não', disse o anjo, 'mas me acompanhe que vou mostrar-lhe onde você vai ficar', e seguiram. Impaciente, o fazendeiro vendo os padrões das casas ficarem cada vez mais simples, enquanto avançavam, perguntou ao anjo: 'Seu anjo, afinal, qual é a minha casa? Onde vou morar?' Pacientemente, o anjo respondeu: 'Continue seguindo-me que chega já o local onde você vai ficar.' Andaram mais um pouco e as casas que surgiam cada vez eram mais simples. Ansioso, o fazendeiro voltou a falar com o anjo: 'Seu anjo, diga-me onde

vou morar!' Humildemente, o anjo se voltou para ele e disse: 'Você está vendo aquela casa ao lado daquele coqueiro?' 'Sim seu anjo, estou vendo.' 'Pois é lá que você vai morar.' O fazendeiro percebeu que se tratava de um pequeno abrigo, uma singela choupana. Irritado, disse ao anjo: 'Seu anjo o senhor se enganou. Esse não deve ser o lugar onde vou morar, porque meu jardineiro ganhou aquela grande casa, então eu que era seu patrão na terra acho que mereço uma casa até melhor que a dele.' O anjo com muita sabedoria disse-lhe: 'Os tijolos que seu jardineiro mandou para o céu deram para construir aquela casa, mas os que você mandou não deram sequer para construir o alicerce da sua moradia.'"

Que bela lição contém essa história! Descrevo-a porque serve de alerta para muitos que não aprenderam ser generosos. A oportunidade terrena de fazer o bem deve ser levada a sério. Estamos no mundo de passagem e devemos construir tesouros que nos acompanharão para a eternidade e certamente teremos belas moradias. Reflitamos sobre essa grande lição!

Claudia Kathyuscia Bispo de Jesus



Filha de dona Josefa, neta de dona Aline – devo a elas o ensinamento de ser uma mulher guerreira. Sou sergipana, mas moro em Taquarana desde 2019, quando vim da Paraíba para dar aula, com muito orgulho, na Escola Estadual Santos Ferraz.

Do meu rosário de contas negras quem reza a reza sou eu

A vó nunca se batizou. Não fez catecismo. Não se consagrou. A vó, até um dia desse se lamentava, por nunca ter sido casada.

A vó já cuidou de tanta gente. Rezava pra tanta gente. Curava tanta gente.

A casa vivia cheia de tanta procura pela vó Conga. Tinha tantos filhos, sem nunca ter tido um filho. Mas ela nunca se lamuriou. Todos os partos que ela acompanhou, nascia, pra ela, um menino seu.

Não faltava a nenhum batizado, primeira comunhão e a consagração. Enchia os olhos de lágrimas ao ver suas crianças entrando, pela primeira vez, numa igreja católica. Era o sonho da vó sendo realizado por outras crianças.

A vó era proibida de rezar na igreja porque era uma escrava. Mas sua fé era tamanha, que ela se ajoelhava, na calçada, e rezava o seu rosário de contas negras até o fim. A vó tomava chuva, sereno, sol e até xingamentos. Mas nunca desistia de rezar a quem bem dizia ser sua santa: a virgem Maria.

A vó me viu crescer. Foi ela quem me criou quando os meus pais me abandonaram.

A vó sempre me livrou dos ardores da minha dor. Ela me batizou, me consagrou, me crismou. Eu era uma filha pra ela. E ela uma mãe para mim.

A vó me viu mulher. E estancava meu sangue todas as vezes que me via sangrar.

Ela nunca me deixava no chão. Juntava, junto comigo, os pedaços do meu coração que tantas vezes iam ao chão.

A vó me ensinou o amor, sem nunca ter tido um amor. A vó nunca casou, namorou ou teve um grande amor. Mas ela entendia do amor. E desejava o amor. Nunca se privou de sonhar em encontrar o seu amor.

A vó nunca estudou. Mas sempre gostou de me ver estudar. Achava bonito o meu jeito de falar. Eu compartilhava tudo que aprendia com ela. As teorias, as aulas, as exatas e até as piadas racistas que ouvia na escola.

Ela se entristecia com a minha tristeza. Derramava lágrimas com as minhas lágrimas. E sorria com a minha alegria. Era tudo uma parceria nas nossas vidas.

Um dia, na minha formatura, a vó em sua formosura, não aguentou. E desabou, ao presenciar minha conquista do diploma. A comemoração foi no corredor de um hospital público, a espera de um socorro. A vó, ali, com o sorriso no rosto, olhava pra mim. E me pedia pra não desistir.

Tirou do seu pescoço o seu rosário e entregava o seu legado precioso pra mim. Jurou, em pouco segundos, nunca me abandonar, e assim o fez.

Em todos os meus tombos ela me segurou, me ergueu e me livrou.

Não há uma noite sequer, que ela não venha me aquecer. Sinto sua presença constante no meu ser.

Hoje é a data da sua morte. O mesmo dia em que se celebra a assunção da Virgem Maria. É dia de acender vela em seu altar. E do seu rosário de contas negras, quem só reza a sua reza sou eu.

Elias da Silva Barboza



Membro efetivo da ACALE e UBE, também policial militar, jornalista, escritor e poeta-, tenho três livros publicados e já em conclusão do 4º livro. Amante do jornalismo investigativo, tenho minhas obras a discrição da emoção de contar histórias e fazer também.

A receita da maldade agonizante, em uma sociedade sem leitos e sem vacinas

O mundo parou, sim, um fenômeno de saúde pública que levou o mundo a uma crise sanitária sem dimensão e outros tantos, ficaram sem rumo pelo negacionismo e habilidade estrutural. Um vírus que começou a se espalhar na China invade o mundo causando mortes e colapso na saúde da população. Um ano após os primeiros casos, alguns países como o Brasil, estão mergulhados na dor e sofrimentos. Sem ações enérgicas nas informações que poderiam ser vinculadas nas TVs em todo país, sobrou apenas um discurso de mentiras, ódios e ilusão.

Pela negligencia funcional e liderança que coordenasse todas as informações e mobilizações, o rastro da pandemia no Brasil fez sonhos virarem pó. Desde o pequeno até o grande, do rico até o pobre, vidas foram sendo ceifadas. O marketing das mentiras e do ódio ganhou espaço. Na ausência de um plano de imunizações aos brasileiros, a índole má dos operadores do genocídio, semearam na sociedade a desconfiança.

Nesse intervalo de tempo, e, com muitos esforços e cobranças por parte dos governadores, finalmente o Ministério da Saúde comprou as primeiras vacinas, a coronavac. Mas, a briga política misturadas com ideologias virais, acirrou a descrença na população e o Brasil ultrapassou mais de 460 mil mortes por covid 19 no início do mês de junho de 2021.

O governo federal não gastou nem a metade do que poderia ser gasto a fim de evitar mais contaminações e mortes, ademais, brincou, ridicularizou as vacinas e as medidas adotadas por governos e prefeitos no Brasil. Como defensor do

negacionismo, promoveu aglomerações mostrando que não tem postura nem habilidade de comandar um país, sobretudo, a beira de um caos de saúde pública de grandes proporções.

Esse quadro de mentiras faz a economia amargar desgastes e aumentar os números de pessoas, infectadas e famintas pelo Brasil.

Elza Maria Teófilo de Castro Amorim



Elza Maria Teófilo de Castro Amorim, assistente social, graduada pela Universidade Federal de Alagoas, pós-graduada em Gestão Pública pelo CEFET-AL, servidora pública da Secretaria de Desenvolvimento Social de Arapiraca e Hospital de Emergência do Agreste, casada, 03 filhos e 02 netas lindas.

O que houve com a praça João Ribeiro de Castro Neto?

No início de uma tarde ensolarada do outono de 2012, dia 21 de dezembro, foi inaugurada a Praça João Ribeiro de Castro Neto, no acesso da Rodovia AL 110 com a Rua 21 de Setembro, na cidade de Taquarana, com uma estátua centralizada, representando o homenageado. A primeira praça da cidade que tinha um monumento, comentários e admiração das pessoas que ali passavam. Do jeito de cada um, sempre tinha alguma coisa a dizer e na maioria das vezes, achavam bonito e uma justa homenagem. Tratava-se de um homem que ao longo de sua vida tinha uma história de prestação de serviços à comunidade, enquanto prefeito de Taquarana por três mandatos, precursor do desenvolvimento local e sempre preocupado com a cultura e o registro da terra amada de Santa Cruz, aos 80 anos lançou o livro: Taquarana e sua história, fruto de muitas pesquisas, visitas e, sobretudo, muita determinação.

E assim, mais um equipamento público, espaço de entretenimento e lazer para população, aprovado pela Câmara dos Vereadores e executado pelo então prefeito da época, Alay Correia de Amorim.

Com o passar do tempo, surge um cidadão, de espírito mesquinho, que capitaneou uma luta para retirada do nome de João Ribeiro da praça, alegando que o homenageado estava vivo, vinculando também a questões familiares com o gestor. Daí denunciou aos órgãos fiscalizadores no âmbito local e federal, culminando com a determinação do Ministério Público ao prefeito do período, Sebastião Antônio da Silva, para que procedesse com a retirada do nome e estátua ali

fincada. O nome da praça foi substituído e o monumento também.

Para os insensatos, a lei foi cumprida e o tempo de João Ribeiro acabou. Aos olhos dos justos, um sentimento de tristeza, considerando um desrespeito a esse idoso cidadão que tanto fez pelo engrandecimento do município.

Sua marca será eternizada pelos seus feitos, seu caráter e sobretudo, sua história de amor ao próximo, respeito às diferenças e defesa incansável dos mais humildes!

Nada valeriam os homens se apenas fossem lembrados por fotos, vídeos ou monumentos. Fica o registro! Fica a memória! O legado fica! A memória resiste ao tempo, armazenada nos corações e vence as intempéries causadas pelo amargo dos insensatos!

Geóz Rodrigues de Melo



Geóz Rodrigues de Melo nasceu na cidade pernambucana de Águas Belas, onde ainda reside. Leciona no Ensino Fundamental há mais de 20 anos. Adentrou no universo da leitura desde pequeno. Passa essa paixão para seus alunos. Em momentos de descontração escreve contos, poemas, fábulas e crônicas. Possui um livro infantojuvenil ainda não publicado.

A Simpatia de Amor

Sertão nordestino. Sexta Santa. A lua cheia ilumina as trevas noturnas. Três gotas de sangue virginal são adicionadas ao mel e aos demais ingredientes. Para finalizar o ritual uma prece é feita e o nome da pessoa amada é pronunciado.

Dois meses se passam...

Delmiro chega à casa de sua namorada, Cida, após uma caminhada de uma légua montado a cavalo. É recebido por Simão e Dona Clara. Em meio a conversas corriqueiras, rápida troca de olhares fazem os enamorados suspirarem. Finalmente, Simão, fala:

– Todo mundo sabe que você é um homem trabalhador, Delmiro. E não terá problemas para sustentar minha filha. Então quando será o casamento, homem?

– Por mim, o mais rápido possível, senhor.

Cida estava apreensiva com a pergunta do pai, mas não consegue disfarçar o sorriso ao ouvir a resposta de seu, agora, noivo.

– São João está muito próximo, então vocês se casam no mês de Santana – fala Simão.

– Eu gostaria que Cida usasse a aliança da finada, minha mãe. Que Deus a tenha! – pede Delmiro retirando a aliança do bolso e colocando na mão direita de sua noiva.

– Você é um cabra preparado, Delmiro.

Um mês se passa. Véspera de São João.

A festa transcorre como de costume. As chamas da enorme fogueira tentavam competir com o brilho da lua cheia, mas a disputa não era justa.

Cida estava muito animada. Dançou rapidamente com seu noivo, mas teve que se recolher. Coube a Dona Clara, a mãe de Cida, dá a notícia a Delmiro:

– Maria Aparecida está na época das suas regras. Coisa de mulher. Você entende não é, meu filho?

– Sim, Dona Clara.

Delmiro sabia como amansar boi brabo, curar as reses e o tempo certo das plantações, mas de regra de mulher nada entendia. Saiu antes do que esperava.

Estando bem próximo de sua casa ouviu o pio da coruja rasga-mortalha que é seguido por um uivo apavorante. O cavalo se assusta e corre desenfreado derrubando Delmiro bem próximo a cancela que fica em frente de sua casa. Delmiro avista a besta peluda. Ele corre em disparada. Em seu momento de tormento faz um pedido aos céus!

– Interceda por mim, Mãe Santíssima! Valei-me, meu Deus!

Consegue chegar em casa, abre as duas divisões da porta de madeira. Entra e fecha a porta inferior. Levanta a cabeça e avista a fera assassina. Seu sangue gela. Não consegue fechar a parte superior da porta. Coloca toda sua força para que a besta não entre. A força da besta é maior e ele começa a ceder. A pata direita da fera passa para dentro da casa. Delmiro pega seu facão que estava embainhado e encima de um prego na parte superior da porta. Com um golpe decepa a pata da fera que uiva de dor e foge. Instantes depois, vê uma mão humana onde antes era a pata da besta.

Coloca a mão dentro de um saco e fica acordado a noite toda. Pela manhã segue para casa de seu futuro sogro.

– Bom dia, Dona Clara. Sei que é incomum a minha vinda durante o dia. Mas sonhei que minha noiva não passava bem.

– Entre, meu filho. Aconteceu realmen... – disse Dona Clara aos prantos.

– Venha cá, Cida. Seu noivo está aqui – interrompeu Simão.

Cida está toda suja, descabelada, ensaguentada e com os olhos cheios de lágrimas.

– O que houve, Cida?

– Eu... É...

– Não fale nada. Apenas me dê sua mão para que eu possa beijá-la.

Ao terminar de pronunciar tais palavras retira, do saco a mão direita humana com uma aliança de ouro no dedo anelar.

Todos ficaram em choque. Delmiro faz um relato do que aconteceu na última noite.

Aos prantos e sem poder esconder mais a verdade. Cida por fim revela:

– Eu sempre gostei de você, desde criança. Quando começamos a namorar eu li uma simpatia de amarração que devia ser feita na noite de lua cheia. Consegui os ingredientes no mesmo dia e como naquela mesma noite seria lua cheia fiz tudo às pressas. A minha vontade de ter você era tanta que não lembrei que era Sexta-Feira Santa.

Dona Clara e Simão fazem o sinal da cruz.

– Desde então uma vez por mês, na primeira lua cheia, uma vontade irresistível me domina. Eu vou para uma encruzilhada e depois eu não lembro de mais nada. Apenas dos sonhos. Mas não sabia que era de verdade. Eu sempre fui sonâmbula, por isso não desconfiei de nada. Até que hoje antes do galo cantar eu estava na encruzilhada sem a minha mão e com a lembrança de tudo que aconteceu.

– Então você virou lobisomem porque fez um feitiço no dia mais sagrado do ano?

– Sim! – diz soluçando.

Delmiro vai embora e não diz mais nada.

A partir daí a história é contada diferente. Alguns dizem que Cida confessou tudo ao padre, fez uma penitência e tornou-se freira. Outro final relata que após a penitência se casou com Delmiro e viveram felizes até o último de seus dias.

Mas as más-línguas dizem que Cida foi condenada à fogueira por bruxaria, mas apagaram seu nome como reconhecida bruxa.

Geraldo Magela Barbosa Pirauá



Procurador de Justiça Aposentado, Natural de Porto Calvo-AL,
Cidadão Honorário de Arapiraca.

O empresário

Arnaldo de Sá Pereira, o Pereirão, assim conhecido por todos, era um bem-sucedido empresário do ramo de alimentos e distribuição, dominando, em todo o estado, esse segmento empresarial. Alto, forte, simpático, bonachão, comunicativo. Dono de fazendas, onde criava gado Nelore, tendo ainda postos de combustíveis, nos quais abastecia a frota de caminhões. Era um empresário sólido e de muita credibilidade.

Arapiraca, geograficamente bem localizada, nos últimos tempos vinha se tornando grande centro comercial do estado e, no ramo de distribuição de produtos alimentícios, se situava as grandes empresas.

Pereirão, desde cedo, começando aos treze anos, na bodega de seu pai, conhecia o trabalho. Aprendera na escola o estritamente necessário. Aos vinte, tinha seu próprio negócio, um pequeno armazém de secos e molhados.

Casara-se ainda muito cedo, aos vinte e dois anos. Sua esposa, Adriana, pessoa simples e afeita à faina diária.

Hoje, aos cinquenta anos, não podia reclamar de nada. Era um grande empresário. Tudo ia muito bem quando, sempre saía à noite, voltando sempre cedo, um desses seus amigos, na praça Marques, o convidou para ali bem próximo, no largo Dom Fernando Gomes, assistir a um jogo de baralho, para, na expressão dele, “matar o tempo”.

“Pereirão”, chamou Josué, “vamos matar o tempo jogando um baralho, aqui ao lado”.

“Vamos”, respondeu Pereirão, lembrando quando tinha dezoito anos, jogava por mero lazer canastra.

E assim, Pereirão e Josué, todas as noites, no Lago Dom Fernando Gomes, próximo à Sé, jogavam. No início, Pereirão

só o fazia até as 21h30 ou 22 horas. Depois de dois meses, já ia para duas ou três horas da manhã. Não custou muito, já amanhecia o dia.

O jogo foi se tornando um vício. As apostas passaram a ser altas. Pereirão passou a não ir mais às empresas pela parte da manhã; só dormia. Sua esposa Adriana, muito trabalhadora, não tinha o mesmo tino comercial do marido. À tarde Pereirão estava sempre irritado. Não tinha mais paciência para reuniões e fechamento de negócios.

Não perdia o baralho todas as noites. Para equilibrar as finanças e alimentar o jogo, vendera as fazendas. Sua esposa tentara lhe mostrar que a causa era o jogo. Não conseguia enxergar. Estava dominado pelo vício. Suas empresas já começaram a atrasar compromissos. Os créditos com fornecedores já não eram os mesmos. Suas empresas ruíam. Já se passavam cinco anos que ele jogava.

Adriana, que tinha dos filhos, um com vinte e outro com vinte e três anos, chamara-os para uma conversa.

— Adriano e Petrucio, seu pai não está bem. As empresas não vão bem. Seu pai está perdendo tudo no jogo. Ele está viciado. Precisa se tratar.

— Tudo bem, mamãe, não podemos perder tempo — asseverou Adriano.

Petrucio, o mais novo, que, juntamente a seu irmão, nada sabia e estudava fora, arrematou:

— O Adriano tem razão. Não podemos perder tempo! Precisamos tratar do papai. Perguntou: — Ele tem chegado sóbrio?

— Não!, recebeu sua mãe. Ultimamente, de um ano para cá, tem me dito palavras ofensivas. Tenho escondido tudo de vocês. Há dias que ele não sai de casa, só ingerindo uísque.

Os três, então, tomaram a difícil e rápida decisão de

internarem Pereirão. Precisavam antes procurar um bom advogado, caso ele não aceitasse a internação voluntária. Alcoolismo e viciado em jogo. No dia seguinte, tão logo amanheceu, depois do café da manhã, acordaram seu pai, que não sabia que os filhos haviam chegado de Recife, onde estudavam: um, administração de empresas, e o outro medicina.

A conversa foi dura. Seu pai não aceitava estar doente. Afirmava que os negócios não estavam tão ruins. Que o jogo era um passatempo. Que a bebida ele controlava.

Os filhos não aceitaram os argumentos. Mostraram os números da empresa. As garrafas de uísque que sua mãe havia guardado. As fazendas que foram vendidas. Os compromissos que não foram honrados. Deram um ultimato ao seu pai. Ele teria vinte e quatro horas para decidir se aceitaria uma internação voluntária ou compulsória. Para isso, contratariam um bom advogado. Tudo seria resolvido rápido. Deixaram claro: estavam fazendo isso porque o amavam. Esperariam até as oito horas da manhã do dia seguinte. Nem mais um dia.

Pereirão, naquela noite não fora ao jogo, onde já devia dinheiro a alguns jogadores. Passou a noite insone. Sentira falta da bebida e do jogo. Já extenuado, cochilara um pouco, sonhando que estava jogando. Amanheceu trêmulo. Procurou rezar. Não conseguia se concentrar. Pela primeira vez, pensou que estivesse doente. Pensou em suicídio. Sentiu-se desmoralizado com a advertência dos filhos. Pensou nas empresas. Sua cabeça doía. Estava arrasado. Sempre fora um bom pai e um ótimo empresário. Às oito horas procurou os filhos e, com os olhos cheios de lágrimas, admitiu que precisava de tratamento. Disse que amava os filhos e a esposa. Se abraçaram.

Durante um ano e meio Arnaldo de Sá Pereira foi internado em uma clínica em Recife. Apenas os filhos e a esposa o visitavam. Só tiveram permissão de visitas após dois meses de internação.

Na clínica ninguém sabia ser Arnaldo um grande empresário. Não tinha regalias. Todos os dias, exceto sábado e domingo, cuidava de um jardim. Arrumava sua própria cama. Participava de grupos de terapia. Contou sua história e a ação dos filhos. Aprendia a dominar os vícios e a ser humilde.

Enquanto isso, cá na empresa, a esposa e o filho que fazia administração tomavam pé de tudo. Negociaram os atrasados. Readquiriram a credibilidade. Seu pai prosseguia no tratamento já fazia um ano. Só seria liberado com um ano e meio.

Com um ano e meio ele voltou. As empresas já apresentavam sinais positivos. No início lhe deram uma função de menor importância. O filho comandava junto à mãe, assessorado pelo irmão que, de quinze em quinze dias, vinha de Recife para acompanhar os negócios.

As empresas voltaram a ser o que eram. Arnaldo foi pouco a pouco reassumindo a direção, nunca deixando de ouvir os filhos e a esposa. Passou a ser um pai presente e um esposo amoroso. Começou a dar valor às coisas simples, a perceber méritos e a valorizar seus colaboradores.

No fim de 1990, na sede da empresa, no bairro primavera, reuniu todos para uma grande comemoração. E ali, com lágrimas nos olhos, disse que tinha a esposa e os filhos melhores do mundo. Chorando copiosamente de emoção, ajoelhou-se diante dos dois filhos e da esposa, pediu perdão pelos erros cometidos, e disse que era o homem mais rico do mundo, não pelas empresas, mas pela família, que lhe ensinara o amor.

Criou uma fundação para cuidar de viciados em bebidas e jogos de azar. Era um homem em paz consigo e com Deus.

Sofrimento

O poeta Americano Walt Whitman, em versos memoráveis, em busca da explicação do conflito da existência humana, assim escreve:

“Eu penso que poderia volver e viver com animais, tão plácidos e autocontidos,
Eu paro e me ponho a observá-los longamente.
Eles não se exaurem e gemem sobre a sua condição
Eles não se deitam despertos no escuro e choram pelos próprios pecados,
Eles não me deixam nauseado discutindo o seu dever perante Deus,
Nenhum deles é insatisfeito, nenhum enlouquecido pela mania de possuir coisas,
Nenhum se ajoelha para o outro, nem para os que viveram há milhares de anos,
Nenhum deles é respeitável ou infeliz em todo mundo.”

Ao que o bardo se refere, no meu entender, é viver no estado de inconsciência tal qual os animais que não sintam a dor do existir. O poeta inglês Abraham Cowley, no século XVII, declarou que “a vida é uma doença incurável”. Porque viver, para muitos, é tão difícil, sofrido, angustiante, buscando, na auto eliminação, a solução.

É bem verdade, não há dúvida alguma, que o avanço do processo civilizatório, mesmo advindo aprimoramento ético e

intelectual, segundo Giannetti, não resultará em felicidade.

O sofrer, em seu aspecto psíquico, é intrinsecamente da natureza humana. Buscamos, então, para este sofrer, soluções químicas através dos fármacos, como se eles pudessem trazer a paz definitiva e a felicidade plena. A felicidade, portanto, milagrosamente, ao alcance de uma pílula, na esquina, a venda na farmácia, não existe. Ledo engano, imagino. O remédio, tão indispensável e necessário, alivia-nos, recupera-nos, de uma situação patológica, mas não se constitui, como alguns possam pensar, na pílula da felicidade em estado perene.

Há sofrimentos necessários ao crescimento humano, fazendo-o amadurecer. Fazem parte da natureza humana. Há outros, no entanto, que são resultados de conflitos não resolvidos e de paixões não contidas.

Ser rico não é antídoto, como ser pobre também não o é, para não sofrer. Ser culto, famoso, talentoso, poderoso, não o eximem da angustiante situação do sofrimento.

Talvez os ascetas, na busca da espiritualidade, encontrem a perenidade da paz, ou aqueles destituídos de paixões negativas, tão difíceis nos tempos hodiernos, consigam a plenitude da existência sem o tormento da dor, mesmo, ao contrário dos animais, como no poema referido, tendo a consciência da conduta, característica que o difere do irracional.

A busca da serenidade é, em verdade, o que todos desejamos.

Como resolver, então, o problema do sofrimento. Ele é da natureza humana. Ele não será resolvido como solução de que o ser humano não mais o terá. Cabe-nos, no entanto, não ter a revolta, consciente de que, tal qual à natureza, e como integrante dela, momentos de paz e de sofrer serão alternados no processo da existência.

Não esqueçamos, no entanto, como ser racionais, de procurar antídoto, sobretudo na espiritualidade, em busca da paz que nos torna felizes. Paz e sofrimento fazem parte da existência.

A tristeza de Hemengardo

Era um homem esguio, alto, aparentando cinquenta anos, de cor branca, cabelos em desalinho, roupa fora de moda, óculos de grau, e tristeza visível. Era um homem carrancudo.

Trabalhava em repartição pública, na coletoria estadual. Quando chegava à repartição, sempre à mesma hora, dava bom dia, um único bom dia, sentava-se à mesa de trabalho, onde realizava dados estatísticos, não dirigindo mais a palavra a ninguém. Realizava seu ofício com absoluta presteza. Chegava e saía no horário. Nunca negava, quando solicitado, a auxiliar um colega. Era assim, e sempre fora assim, o senhor Hemengardo, desde que assumira, por concurso, seu emprego no setor de estatística, na exatoria.

Aos domingos, sempre aos domingos, Hemengardo, que era solteiro, saía de casa, no bairro Primavera, onde morava com uma empregada, que cuidava da casa e de sua alimentação, e, solitariamente, a pé, deixava o carro na garagem, percorria as ruas de Arapiraca, em andar lento, apreciando a cidade.

Gostava de sentar um pouco na praça Marques da Silva, cuja história daquele médico sabia toda. Demorava-se na praça Luiz Pereira Lima, praça antiga, cujo homenageado fora prefeito, um excelente alcaide. Hemengardo conhecia a história de sua terra, tendo sido, na sua juventude, professor.

O colégio Bom Conselho, na rua do estudante, onde havia

sido aluno e professor, era seu ponto forte de recordações. Apreciava aquelas colunas. Recordava de seu tempo de infância e dos professores. Lembrava dos bons tempos.

Também, Hemengardo, em seu passeio de domingo, fazia bem à saúde e a mente, sempre passava pelo memorial da mulher, e ali, quando aberto, admirava as que lutando por uma causa ou seus ideais, marcara uma época. Cecy, a deputada, era sua heroína. Conhecia sua história e sua luta.

Na volta do passeio ficava olhando a igreja matriz. Nunca entrava, não era católico.

Não frequentava nenhuma religião. No entanto, Hemengardo, no trajeto da volta, sempre visitava um abrigo de velhos, e ali, deixava sua significativa ajuda. Às vezes, quando voltava do trabalho, às segundas feiras, era bastante metódico, levava àquele abrigo, alimentos.

Hemengardo vivia sua vida. Metódico, organizado, triste. Aos domingos, sempre o mesmo passeio, percorrendo os mesmos lugares. Só no abrigo de idosos, onde se demorava por mais de uma hora, onde todos o conheciam, se dava ao luxo de conversar. Conhecia todos pelo nome. Ouvia suas histórias e às vezes, se permitia rir.

Lembrava Hemengardo, o Dom Casmurro, personagem emblemático de Machado de Assis, na figura de Bentinho. Teria Capitu traído ou não Bentinho. Ainda hoje, escrito há mais de cem anos, se discute esta questão. Hemengardo lera Dom Casmurro, grande clássico da literatura brasileira. Teria Hemengardo, tal qual Bentinho, na ficção de Machado, adotado um comportamento cenhoso, triste, Casmurro, tal qual Bentinho, que viu no filho da mulher, sua namorada desde à infância, a fisionomia idêntica de seu amigo de seminário, morto repentinamente afogado. Teria Capitu traído Bentinho, sua alma gêmea. Ninguém sabe. A única prova era a

semelhança física do filho.

Hemenegardo lera o livro e se impressionara. Abandonara o namoro que tinha com Raimunda, no bairro Cacimbas, namoro que começara na adolescência, e a partir de então, contava vinte anos, tornara-se um homem soturno, triste, macambúzio. Raimunda logo em seguida, com menos de seis meses, casara com um primo e com menos de nove meses tivera um filho. Estaria aí a causa da tristeza de Hemengardo. Aos domingos, sempre aos domingos, aquele homem solteiro, triste, soturno, Casmurro, continuava seu passeio pelas ruas e asilos de Arapiraca. O Dom Casmurro de Arapiraca.

Hendrickson Rogers Melo da Silva



Professor de Matemática há 21 anos, mestre em Ensino de Matemática (UFAL), especialista em Educação Matemática e especialista em Formação Docente para a atuação em Educação a Distância. Revisor de periódicos científicos. Professor universitário em instituições privadas (incluindo conveniada a Fundação Getulio Vargas). Professor no ensino básico da SEDUC-AL. Autor de artigos científicos em minha área. Autor de vários capítulos de livros e de vários artigos sobre Teologia Bíblica (blogdoprofh.com).

“Se te faz feliz, não é errado”, é o critério da desgraça

“Se te faz feliz, não é errado!”

Caim pensava assim.

Hitler pensava assim.

Mas é verdade que filhos de Deus que só querem ser felizes, sem qualquer desejo (aparentemente) de ofender e maltratar seus semelhantes, também pensam assim.

Trigo e joio querem ser felizes, e isso é normal e saudável.

No entanto, assim como a saúde não é algo subjetivo que depende de gostos e desejos por felicidade e prazer, mas sim um caminho de disciplina e hábitos corretos, a felicidade (e a vida eterna) são realidades objetivas resultantes de disciplina e hábitos corretos.

Quem determina o que é correto? O acaso? A rede Globo? Políticos? Ciência? Os gostos? Seu professor de História? Sua igreja? O STF? Os pais?

Outras indagações mais fáceis: Caim se deu bem? Hitler machucou alguém?

“Ah, mas eu não penso em maltratar pessoas. Apenas penso em ser feliz e viver livre de amarras!”.

Muito bem. Vamos ponderar: se trigo e joio têm necessidade de serem felizes e livres, então querer ser feliz não é o melhor critério para avaliar nosso coração. É uma desastrosa ingenuidade acreditar que todos os que buscam ser felizes são pessoas boas e de confiança...

Assim como o primeiro assassinato foi cometido por alguém que só queria ser feliz, todas as desgraças sociais sempre têm sido cometidas por criaturas que almejam a felicidade!

O critério seguro para a felicidade, portanto, não é apenas o querer ser feliz, mas está disposto a cuidar da saúde, com disciplina, enquanto se procura a resposta da pergunta: “quem define o que correto?”.

Não ter o interesse de passar a vida investigando a resposta certa dessa questão ou ter a resposta pronta, cegamente, transforma filhos de Deus em Cains e Hitlers...

E inimigos invisíveis e poderosos poderão continuar a escravizar livremente os hedonistas e os fideístas, usando-os como fantoches da pseudo felicidade, e através deles contaminando/forçando a muitos vulneráveis, e maltratando aqueles que recusam a ingênua (e mentirosa) crença de que felicidade se encontra sem renúncia e sacrifício dos próprios gostos e tendências.

Quem define o que é correto? Uma dica: a humanidade é Criação de Deus ou foi parida pelo acaso? Nossa protologia afeta nossa escatologia e a busca pela felicidade.

Iêda da Silva Souza



Iêda da Silva Souza, natural de Taquarana-AL, filha de Agricultores: José da Silva Souza e Iracy Maria da Silva Souza. Tinha três irmãos já eternizados. Professora e Pós-Graduada em Psicopedagogia.

Comunicação em Ação

Nos anos oitenta a comunicação social real taquaranense basicamente se dava exatamente numa saleta, localizada a esquerda, acima da Praça Padre Cícero. Depois mudou-se para outra pequenina sala com um balcão de tijolos, alguns telefones com fio, onde as pessoas gostavam de brincar entrelaçando seus dedos e um aparelho em cima para interligação. Tinha como funcionário meu amadíssimo e inesquecível irmão Djalma José Souza, conhecido como Djalma da Telasa. Ele trabalhador, íntegro e comunicativo. Ainda, hoje existe esse local, vizinho a Prefeitura Municipal. Porém, ampliaram e se tornou o Cinema Mais, atualmente parado também. E, é claro existiam as famosas fichinhas e cartões telefônicos para uso nos fabulosos orelhões. O surgimento do telefone sem fio, foi o ponta pé para a modernidade comunicativa se fazer presente a esta sublime Terra da Gloriosa Santa Cruz. Outras duas pessoas trabalharam também depois em consonância, aumentando a equipe de prestação de serviço à comunidade. O tempo passou a comunicação em ação continuou; já, há pessoas com seus próprios aparelhos em suas residências. A evolução tecnológica favoreceu o aparecimento do celular também em Taquarana. Com a Pós-modernidade inúmeros modelos surgiram, nunca antes sonhados pelos taquaranenses. Chega a Era Digital. Atualmente existe uma gama de modelos de celulares atualizados, possibilitando a utilização de whatsapp,

sms, telegram, e-mail dentre outros aplicativos interativos. A comunicação avança e, não se sabe o que mais surgirá. Entretanto, que o simples proceder comunicativo positivo permaneça para o bem comum. Que se tenha sempre, comunicação em ação e em evolução para a população de bom coração.

Jedder Wessel Silva



Feira-grandense natural de Arapiraca, estudante do IFAL e fanático por leitura desde Turma da Mônica até Clarice Lispector. Mesmo na juventude já descobri uma paixão ardente pela arte da escrita.

Todo pensar é torto

É um ditado não muito popular que ouvi um dia desses, ele continua zanzando pela minha mente desde então. Ele mostra que a sabedoria do povo é mais antiga que a dos pensadores, por quê? Porque isso é niilismo. Ou melhor: isso é antiniilismo. Porque essa frase vem de bem antes de Friedrich Nietzsche dizer que a ignorância é uma benção, que pensar sobre as coisas ao invés de simplesmente viver, traz dor.

Quando todo pensar é torto, eu não penso no que o outro sente; e daí, se o outro é um vizinho que faz sexo com homens, logicamente eu devo julgá-lo pra quem sabe salvá-lo desse mau caminho. Mas, quando nenhum pensar é torto, eu penso no que o outro sente, no que ele sofre, penso que tudo que é vida sente; então não consigo matar o Carlos, o enxu que diariamente vem compor sua casinha de barro no canto esquerdo do meu quarto: como posso destruí-la e matar os seus filhos ainda não formados?

Quando todo pensar não é torto, num grupo de amigos-de-um-amigo eu penso se minha linguagem não-verbal está fechada, se estou mostrando um lado tímido, se estou falando pouco e por quê. E para me assegurar do contrário, me movo enquanto analiso os outros e tento ver se a... “E então o que você acha?”, me interrompem, e a única resposta é “o quê?”. Quando todo pensar é bem-vindo, as perguntas mais dolorosas chegam, e as para alguns é melhor não viver do que conviver com elas.

Não consigo equilibrar: ou todo pensar é torto ou nenhum pensar é torto. Ou vivo e peso, pois minha cabeça sente o que disse Sócrates, que uma vida sem questionar não vale a pena, e sinto a chatice e o tédio mortal do dia a dia; ou eu saio de mim,

e vago sozinho pelo universo como o pó cósmico que sou. No fim nem todo pensar é torto. Porém, eu sou.

João Ribeiro de Castro Neto



João Ribeiro de Castro Neto, escritor, prefeito de Taquarana por três gestões, servidor público aposentado. Em 2007, lançou o livro: Taquarana e sua História e a segunda edição em fevereiro de 2020.

A queda do tamarindo

Quando estávamos pesquisando, procurando subsídios para este trabalho, pedimos a colaboração da Dr^a. Cremilda Tenório, esposa do Dr. Antônio Soares, Procurador do Estado e neta do Sr. Manoel Rodrigues de Oliveira, o mais abnegado batalhador da Emancipação Política de Taquarana, no sentido de termos acesso a determinado livro histórico e raríssimo e a uma escritura de terras de Taquarana, datada de 1779, no que fomos atendidos com maior presteza, pelo que ficamos profundamente agradecidos.

Conversando sobre os idos de Taquarana, ela nos recebeu, emocionada, indignada e saudosa, com a lembrança que tinha viva do pé de tamarindo e do pé de jatobá.

Onde hoje está a Praça Manoel Rodrigues, existia um frondoso tamarineiro, onde os mais idosos costumavam se reunir, sentados nos rudes bancos de madeira, para prosear. No Sítio dos Maurícios, onde agora está a Prefeitura, encontrava-se um majestoso pé de jatobá. Na antiga Praça Antônio Paulino, atual Praça Papa João Paulo II, havia três ou quatro pés de Carolina, cujas sombras, no verão, aliviavam o calor dos transeuntes. “Mas, na vida, há sempre um dia, dia de um sonho se acabar”. O Prefeito de Limoeiro de Anadia, filho de Taquarana e primo da doutora, mandou derrubar as árvores, em virtude de serem empecilhos para a construção de praças que pretendia construir. Não conseguiu realizar seu projeto, pois Taquarana criou vida própria e emancipou.

Em 1963, fomos eleitos Prefeito na primeira eleição realizada, para a escolha de seus dirigentes. Ao assumir o exercício do cargo, o chão achava-se vazio; as árvores não estavam lá. O que fazer?! Se não tínhamos como ressuscitar o frondoso tamarineiro, as verdejantes carolinas e o majestoso

jatobá.

Doutora Cremilda, não adianta lastimar: é o alto preço do progresso, que tivemos que pagar.

Como não temos “engenho e arte”, recorreremos a Viçosa, berço da cultura alagoana, na pessoa do Dr. Alfredo Brandão, para descrever a queda do tamarindo, em lugar de sua deslumbrante palmeira.

Data vênia, ei-la:

“Não há nada mais triste, mais melancólico do que a derrubada do tamarindo: dois machadeiros, de um lado e o outro lado, começaram a fazer-lhe entalhas de maneira que ele seja rolado completamente.

Das feridas escorre uma ligeira seiva, quase rubra, é o sangue da árvore, e aqueles cavacos, que caem esfacelados sob o gume dos instrumentos, são como a carne que se destaca.

Ouve-se a instantes, compassado e monótono, o ruído dos golpes.

Tudo o mais em torno silenciou. Até os pássaros se calaram. As pessoas em volta, quedas e como que horrorizadas, parecem na sua mudez completar uma grande dor ou um grande crime.

Os machados continuaram na faina destruidora: tam, tam, tam...

A cada golpe as ramagens estremecem, dir-se-ia que toda a árvore é atravessada por um frêmito; a sua copa, como que a fitar o céu em uma atitude eloquente, parece interrogar: — Por que me matam?

Depois, uma coisa lhe rola de cima, gota a gota... são lágrimas!: o tamarindo chora – deixa cair o orvalho que a noite depositara em seu seio pelo silêncio da madrugada.

Mas a tarefa atinge o fim, as duas talhas estão prestes a se encontrar. De repente, o tamarindo range – é o primeiro grito

de dor.

Então chega o momento supremo: o tamarindo já não pode mais se equilibrar e meneia a fronde augusta.

Como é sublime ainda!...

Esse meneio altivo e rápido é como que a despedida das outras árvores derramava, ao pé, as pombas que lhe gemiam na copa, as abelhas que lhe sugam o mel. É como o último gesto de saudade às brisas que lhe sacudiam os ramos, as alvoradas que a enlouravam de luz, as tardes que a banhavam nos frouxos raios do sol poente...

Afinal descreve com a copa um grande arco no espaço e, pesadamente, com estardalhaço profundo, cai desalentado no chão. O eco então repercute lastimosamente ao longe, no fundo do coração das pessoas que assistem, silenciosas, impotentes para evitar o crime; as carolinas e o jatobá, condenados à mesma sorte, atroaram, como que sacudidos por um mesmo soluço num grande espasmo de dor...".

Assim tombou o tamarineiro,

Contava mais de cem janeiros.

Igual sorte tiveram,

As carolinas e o frondoso jatobá:

É o preço do progresso que tivemos de pagar.

Em compensação, para nossa alegria e felicidade geral, a Cidade de Taquarana está bem arborizada, havendo sempre em quase todos os quintais uma, duas ou mais árvores frutíferas a se destacar.

José Barros dos Anjos



José Barros dos Anjos, natural do município de Santa Rosa de Lima, Estado de Sergipe. Escritor, professor, consultor educacional. Mestre em Educação. Especialista em Gestão Escolar e também em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa. Licenciado em Letras/Português-Espanhol. Graduado em Pedagogia.

A travessia

Lanço o meu olhar sobre as histórias de vida dos meus grandes e maravilhosos professores, que outrora enfrentaram dificuldades em diversos aspectos, contudo não desistiram de sonhar os sonhos possíveis, tampouco deixaram de acreditar na doce missão de transformar vidas. Para além disso, dedicaram parte de suas existências à causa da educação, souberam contornar as grandes montanhas, assim como os rios; a única diferença é que as águas têm como destino o oceano, já os professores, através de sua bravura, da suavidade da voz e da gentileza das mãos, têm como destino a renovação da esperança de dias melhores, sob o escopo de preparar pessoas para o mundo.

A história de vida dos meus professores se confunde com a minha história, o percurso pode até ser diferente, as experiências também, mas os desafios são semelhantes. De repente, passaram-se vinte anos de vivências e de atuação no exercício do magistério público municipal, diga-se de passagem, um longo percurso, cuja travessia exige coragem, renúncias, posicionamentos que nem agradam, mas são necessários, até porque somos imperfeitos, e os erros são tentativas de acertos. Então, eu sou a continuidade de várias gerações de professores que me antecederam, que trilham a difícil travessia do ensino público brasileiro.

No decorrer dessas duas décadas, não posso me esquecer das mãos que me ajudaram a chegar até aqui e das muitas palavras de incentivo; é impossível apagar da memória os gestos de carinho que fizeram toda a diferença em minha vida ao longo dessa caminhada. Havia tanta beleza e muita verdade nos atos e nas atitudes dos queridos professores, os quais me possibilitaram atravessar infinitas estações que se

repetem a cada ano. Sem dúvidas, sou o resultado da soma de um pouquinho de cada um deles, afinal há mais dos nossos professores em nós do que podemos supor.

A travessia de vinte anos continua, não é esgotável, embora seja finita pela força da brevidade da vida, porém se eterniza no espaço e no tempo através da nossa existência. É preciso, pois, reconhecer todas as pessoas que estenderam suas mãos, que dedicaram parte de suas vidas em prol de outras vidas, não importa o tempo de duração, mas, sim, a efetiva contribuição no palco das salas de aula, compartilhando saberes – muito maiores que as alegrias – para eu chegar até aqui. Por isso, a minha eterna gratidão a todos os professores que cruzaram o meu caminho e transformaram a minha vida.

Magna Cristina de Oliveira Silva



Natural de Santana do Ipanema. Erradicada em Arapiraca desde 1983. Professora. Escritora. Cronista. Argumentista. Mestranda em Ciências da Educação. Especialista em Língua Portuguesa e Gestão Escolar. Sócia fundadora e Secretária na União Brasileira de Escritores - UBE Núcleo Arapiraca. Membro Honorária na Academia Arapiraquense de Letras e Artes de Arapiraca - ACALA. Membro correspondente na Academia Lítero Cultural de Sergipe - ALCS. Organizadora de Antologias. Colaboradora na TV Liberdadeal. Parceira na Editora Performance.

O sorriso de Andreza

Faz vinte anos que fiquei sem esse sorriso. Mais de vinte anos me refazendo a cada amanhecer. Mais de vinte anos de resiliência, reaprendendo a me reerguer, a não me deixar cair em cada perda que enfrento em meus caminhos.

Não é fácil ser forte, não é fácil enfrentar as dores dos desafetos que surgem. Mas é nesse sorriso deixado por Andreza... numa foto... na memória, que me apego e tento sorrir sempre, até para aqueles e aquelas que me machucam, na labuta diária.

No sorriso de Andreza encontro moção para orar pelas mães que perdem, prematuramente, seus filhos, especialmente vítimas de acidentes de trânsito e que, como eu, sentiram a dor da partida repentina, do fruto do seu ventre.

Minha vida é assim: sempre buscando nos exemplos dos sorrisos, a força que alimenta a minha fé. E, nada como me fortalecer no sorriso daquela que um dia, Deus me deu, mas que também a recolheu para a eternidade, tornando assim, minha busca por esse sorriso, eterna.

Assim, fica a lição: sorrir sempre, sorrir pra vida, no sorriso de Andreza.

María Aparecida de Lima



Cida Quelé, pernambucana, mãe, professora e escritora. Desde 2018 vem publicando em antologias de cidades nordestinas. Participou do livro *Ontem, Hoje, Amanhã Talvez Contos de Amor* (2019), Andross Editora, com o conto *Um porto seguro*, que é um dos finalistas para o Prêmio Strix de Literatura 2020 da Andross Editora. Participou do livro de contos *Insólito* (2020), das Edições Cavalo Café. Membro efetivo da UBE Arapiraca/AL (2021).

“Todo gato é gato”

Quando criança, a minha avó me disse, do alto de sua sabedoria de avó tentando me consolar, que havia um céu para cada tipo de bichinho quando eles morriam. E aquela informação, momentaneamente amenizou a dor do meu primeiro contato com a morte de um ente querido: a gatinha da família, Micheline, cuja longevidade causou espanto em todos os que a conheceram.

A partir daí, meus irmãos e eu sempre tivemos um gato em nossa casa, nunca mais uma gata, pois elas davam cria a ninhadas de gatinhos que tinham que ser todos doados, senão nossa casa ficaria abarrotada deles.

Depois de casada, o primeiro gato que tivemos foi Tarzan, um siamês que foi presenteado ao meu filho por uma amiga querida, entretanto, pouco tempo depois, ele teve que ser doado quando o meu segundo filho começou a engatinhar, por medida de segurança para ambos: o felino e o bebê traquina, cuja brincadeira preferida era arrastar Tarzan pelo rabo casa a fora, o que nem sempre era recebido de bom grado pelo bichano.

Anos depois, mais uma vez fomos presenteados com um gatinho, dessa vez era Dinho Quelé, cuja fofura em preto e branco, aliada a sua esperteza nos conquistou. Porém, em plena adolescência felina, quando estava descobrindo as “delícias do sexo” e por isso, sempre fugia de casa para os telhados vizinhos, Dinho foi envenenado, passando por uma morte sofrida que nos deixou traumatizados e sem a menor vontade de ter mais um gato em nossa família.

Contudo, às vésperas do Natal de 2017, recebemos mais uma vez um gatinho de presente. A princípio, por conta do trauma recente, ninguém quis fazer amizade com ele, pois

decidimos que iríamos procurar um novo lar para ele. Cuidávamos dele muito bem, mas sem querermos muita aproximação. Porém quando o meu filho mais velho chegou em casa de férias, não sabendo dessa intenção de fazermos a doação do felino, aproximou-se dele, dando-lhe carinho e atenção e ambos tornaram-se imediatamente companheiros inseparáveis.

Em pouco tempo, todos nós já estávamos apegados a ele e, dessa vez, o nome foi escolhido por mim: Drummond Quelé. E ele reinou em nossa casa, como um filhote de gato que sabe ser muito amado. O nosso mascote se especializou em fazer pequenas traquinações diárias: derrubava as decorações da árvore de Natal, amolava as unhas nas poltronas e sofás, pulava nos móveis mais baixos, derrubando e quebrando o que fosse mais frágil, fazendo jus ao verso “todo gato é gato”, de um poema de Neruda.

Com o final das férias dos meus filhos, Drummond me adotou como sua companheira, bastava eu me deitar no sofá ou no tapete para ler ou assistir e lá vinha ele dançar em cima dos meus cabelos, numa massagem deliciosa.

O tempo passou e, para não contrariar os instintos felinos, essa “fase de gato do lar” chegou ao fim, pois a fase das descobertas, chegou para Drummond também. As noites eram pequenas para ele namorar pelos telhados e brigar com os adversários, chegando em casa pela manhã esfomeado e, em algumas vezes, ferido. Largava-se em uma de suas poltronas preferidas e dormia o dia inteiro, e à noite fugia novamente para mais uma noitada boêmia com as gatas despudoradas pelos telhados. Um dia ele prolongou a farra, chegando dois dias depois, deixando-nos preocupados, até que nos acostumamos, pois essas farras prolongadas foram se tornando rotineiras.

No início de 2019, estando os meus dois filhos ainda morando fora, e eu com uma vida cheia de tribulações e ocupações, não percebi que Drummond havia se demorado demais para voltar naquele fim de semana. E quando demos pelo fato de que ele poderia estar desaparecido, começamos a procurá-lo pela vizinhança, porém nenhuma informação obtivemos e ficamos assim, por muitos meses à espera da volta do nosso gatinho.

Os dias se transformaram em semanas, as semanas em meses até que me dei conta de que não fazia sentido ficar esperando-o mais. E mais uma vez, num gesto de total certeza de que ele partira para sempre, recolhemos e doamos os seus pertences.

Por muitos meses ainda a sua imagem me acompanhou pelas ruas, sempre que avistava um gato preto e branco me punha a chamar “Drummond”, como se ele pudesse estar por aí, a minha espera.

Maria Arlene de Oliveira



Professora Maria Arlene, natural de Taquarana, filha de Augusto Rodrigues de Oliveira e Neusa Maria da Silva. Licenciada em Letras, seguindo o amor pela leitura e a escrita. Casada com Edmilson Costa e mãe de Neusa Maria, sua grande inspiração.

Onde estou?

Todos os dias levanto, visto meus trajes para fazer minha caminhada diária que realizo durante o amanhecer. Ao abrir o portão da minha casa me deparo com a melhor visão da cidade: o monumento da Gloriosa Santa Cruz, localizada na praça que dá acesso à cidade abençoando os moradores e os visitantes que aqui passam, estátua belíssima representada por uma enorme cruz preta com detalhes dourados e o cristo crucificado. Imagem que me traz a paz diária.

Sigo então a minha caminhada que apesar de cotidiana me deparo com situações inéditas a cada dia. Desço pela praça que fica no final da minha rua formando um trevo entre a Travessa do Cajueiro, Rua da Serra e a Rua Divonete Cavalcante. Observo sempre seus frequentadores: homens simples, eufóricos, alguns aparentemente sujos. Dentre eles oscila tristeza e alegria. Mas o que não lhes faltam é um litro de aguardente o qual é rodeado por eles, parecendo um ritual. Me pergunto qual o motivo que os levaram a perder a expectativa da vida. Alguns os marginalizam e os tratam de bêbados. Eu os denominaria apenas como homens sem sonhos! E naquele pensamento sigo minha caminhada. Passo de frente a Escola Santos Ferraz, escola pertencente a rede de ensino estadual, um prédio alto, muito antigo com escadaria enorme para o acesso a entrada da escola, janelas brancas de madeira. A segunda maior escola desse lugar. Onde passo maior parte do meu dia lecionando para Jovens felizes, cheios de sonhos e expectativas. Logo mais sei que estarei passando pelo seu Né do colchão, um antigo morador desta cidade que recebeu este nome devido o ofício que exercia, vender colchão feito de capim. E de fato aproximo-me da praça dos almocreves, também conhecida como pracinha do seu Jorge.

uma pracinha bem pequena contendo apenas três bancos feitos de concreto e um enorme pé de figo; árvore muito antiga e que já ofertou muita sombra aos viajantes que por aqui passaram. E ao lado daquela praça está ele: “o seu né colchão” sentado em uma cadeira de balanço de ferro revestida por uma talha (que chamamos macarrão) verde. Sempre sorridente e com uma disposição para ouvir e desejar aquele bom dia! Apesar dos muitos janeiros que carrega nas costas, ele permanece com a mesma alegria e meiguice de sempre. Mesmo sem saber, este senhor tem me ensinado grandes lições de vida: com sua alegria e humor, pois sei das muitas perdas, tristezas e decepções pelas quais ele já passou... Mas nada tem afetado a sua resiliência. Sua presença diária em minhas caminhadas matinais tem sido uma verdadeira fonte de inspiração! Passando dali continuo, o meu exercício físico refletindo sobre este lugar: minha querida Taquarana como também as pessoas que aqui residem e que fazem todo diferencial, tornando este pedaço de mundo tão peculiar!

Memórias Literárias

Os mistérios sob as perspectivas das voltas de uma roda gigante

Naquele tempo, eu tinha por volta de oito anos de idade. Era uma menina curiosa e muito observadora. Lembro-me que tinha acabado de sair da escolinha da Dona Zezé por já está alfabetizada e ingressando na escola Cenecista Santa Cruz. Mas antes de retratar melhor a escola quero falar mais sobre a minha primeira mestra, aquela que me ensinou a ler e me adentrar nesse mundo mágico da Leitura. Dona Zezé, era uma senhora forte, elegante. Sua característica principal era seus cabelos brancos. Era muito brava e nos ensinava através do método do soletrar. Mas como já mencionei, eu estava iniciando meus estudos na escola mais cobiçada por todos. Todas as crianças daquela época sonhavam em estudar ali. Usar aquele traje formado por uma calça de tecido azul marinho, uma blusa de malha amarela com o escudo da escola e sapatos e meias pretas. O prédio era mais simples de como se encontra hoje. Recordo-me de um prédio amarelo com janelas de vidro e um letreiro azul. Tinha uma escadaria na frente com muitos degraus. Sempre foi a maior escola da rede de ensino deste lugar. Mas além da escola uma outra coisa nos encantava naquela rua: os “pirulitos da Dona Ismênia”. Ela era uma senhora muito simpática, baixa, forte e bonita e com uma voz calma e rouca. Vendia uns pirulitos fabricados por ela mesma, os quais tinham formato de guarda-chuva e eram colocados em um tabuleiro de madeira e enrolados em papel embrulho.

Este doce que nos encantava era feito apenas com açúcar caramelizado. Hoje eu sei que o que realmente nos encantava de fato, não era o pirulito, mas toda aquela doçura daquela senhora. Uma outra lembrança memorável foi a minha

primeira ida à festa de maio, forma como nos referimos a festa da padroeira da cidade – A Gloriosa Santa Cruz, por realizar-se no mês de maio. Minha irmã mais velha tinha decidido me levar à festa.

Morávamos numa rua a cima do centro da cidade, porém ainda não era asfaltada e nem tão pouco nossa moradia tinha energia. Durante às noites nos iluminávamos com os candeeiros feitos de lata com o nome pavio que ficava sempre umedecido com querosene colocado dentro daquele recipiente. Então irmos ao centro à noite já era motivo de festa, imagina época de festa de maio! Naquela noite estava tão feliz que nem consegui comer. Vestida num conjunto (short e blusa) de malha com listas em preto e branco e uma alpergata preta, chamada por pós na época de apreçada. Era uma roupinha simples comprada por minha mãe com muito esforço através do seu trabalho como lavadeira de roupa na casa de algumas comadres que residiam no centro. Mesmo sendo uma vestimenta muito simples, comprada nas bancas da feira que ainda hoje acontece aos sábados, eu me sentia vestida na melhor roupa do mundo!

Por fim, partimos em direção ao centro, onde fiquei encantada! Eram muitos brinquedos com luzes e desenhos coloridos: carrinhos, cavalinhos, sombrinhas, barracas com maçãs do amor... Tudo fazia uma festa de cores e fantasia na minha cabecinha de criança. Era bom ver aquela aglomeração de pessoas: homens, mulheres e crianças cada um aproveitando que a festa lhe oferecia de melhor. Mas, o mais surpreendente de tudo estava Por vim. Ali na Praça Santa Cruz estava ela... uma roda gigante enorme iluminada. Fiquei encantada ao ver aquela máquina girando. E parada ali olhava as pessoas que giravam naquele instrumento encantador. O que será que elas sentiam? Eu me perguntava. Deviam se

sentir mais pertinho de Deus! Como eu queria também me sentir assim pertinho de Deus! Perdida em meus pensamentos fui trazida pela voz da minha irmã que dizia:

Tem coragem de ir? Já comprei os ingressos! Ela mal terminou a fala, eu já balançava com a cabeça que sim e quando menos esperei, estava lá no alto. Deus eu não vi, como tinha imaginado! Mas, vi um pedaço do paraíso. De lá pude ter uma visão de tudo que minha cidade tinha de melhor: a torre da igreja onde o sino com seus blém... blém, avisava que a novena iria começar, junto a banda de pífano que tocava na calçada da igreja. Via também a pracinha da igreja com seus pés de eucaliptos que exalavam um odor especial naquele lugarzinho, bancos de madeiras e um pequeno parquinho: balanços e gangorras que faziam a minha diversão e das demais crianças que iam com os pais à missa aos domingos. Ali ainda ficava um coreto, que abrigava um aparelho de tv telefunken o qual transmitia a imagem em preto e branco, mais que proporcionava à população momentos de lazer. Ainda lá de cima podia ver a movimentação do bar da Dona Ester, foi lá onde tomei meu primeiro refrigerante. Ficava próximo à Praça padre Cícero, a praça mais bonita da cidade. O bar da dona Ester ficava na esquina. Era um ambiente pequeno com duas portas de frente e uma ao lado, um balcão de madeira e sobre este balcão bandejas com copos para servir aos fregueses e uma baleira sempre cheia de balas coloridas. Nas paredes, pequenas prateleiras apresentando as bebidas que alí tinha para oferecer. As mesas eram de madeiras e quadradas, forradas com toalhas que traziam uma estampa em xadrez vermelho. E a dona Ester? Ah! dona Ester era uma senhora baixinha, forte, de cabelos pretos e curtos, com sinal preto no rosto que lhe dava característica única. Tinha uma

paciência e simpatia inigualável. Talvez por isso aquele local era sempre tão cheio!

E assim, lá de cima pude ter uma visão romântica do meu lugar, lugar onde vivia e vivo até hoje. Cada volta dada pela roda gigante era uma sensação maravilhosa que sentia! Era tudo muito fantástico! Por mim eu ficaria horas e horas girando nas emoções que tudo aquilo me proporcionava. Vendo de lá do alto este pedacinho de mundo que é Taquarana, terra abençoada, terra da Santa Cruz! Talvez seja por conta dessa visão de criança que eu aprendi a enxergar a magia, o encanto, as especificidades das pessoas e as peculiaridades que só tem nesse lugar!

Martha Regina



Marta Regina -Natural de Taquarana, filha de Lourival Cícero e de Gerusa Barbosa. Atuou como professora, foi Assessora de Gabinete e diretora Administrativa da Câmara Municipal de Taquarana. Bacharela em Direito. Atualmente exerce o cargo de Assessora Jurídica da Secretaria Municipal de Assistência Social.

Quando o senhor partiu...

Quando o senhor partiu, nós perguntamos a Deus: Por que teve que ser assim?

Tudo aconteceu tão rápido que não tivemos tempo de nos despedir. Nos afogamos em um oceano de interrogações e parecia que não teríamos forças para reagir. Como pode uma pessoa tão cheia de vida ir embora assim, tão de repente?

Como algo tão cruel e inesperado pode acontecer com nossa família?

Por que não tivemos a chance de velar seu corpo, de trazê-lo para casa, de dar-lhe o último adeus? Por que Deus permitiu essa passagem, tão rápida e tão dolorida? O que faremos com essa saudade, com essa tristeza e com esse vazio?

Quando o senhor se foi, uma parte de cada um de nós, seguiu junto.... Nossos corações ficaram dilacerados e cegos de revolta e de dor. Quando o senhor partiu a vida ficou sem cor, ficamos sem ânimo, sem forças; pensamos que não iríamos resistir a essa avalanche, que como uma onda a vida de todos revirou.

Entretanto, nesses momentos de angustia, de perguntas, de incertezas e de dor, **Deus segurou nossas mãos** e como de um sonho, nos despertou!

Nos fez pensar em seu semblante, em seu olhar e em tudo que o senhor representa e em tudo aquilo que nos ensinou.

Hoje relembramos suas histórias, suas prosas, seu sorriso e do quanto o senhor foi importante na vida de cada um de nós. Nos damos conta do quanto o senhor foi maravilhoso e agradecemos a Ele pelo tempo que existiu em nossas vidas e compartilhou conosco momentos indescritíveis e únicos.

Hoje percebemos que tivemos muita sorte. Sorte em conviver com alguém tão simples, que durante sua existência

fez o bem de forma silenciosa e calma, sem alardes e sem esperar recompensas.

Foram 85 anos vividos à sua maneira, sem aceitar mudar seu jeito de ser, sempre foi voluntarioso, sempre fez o que gostava! Foi autêntico, foi intenso e será infinito.

Hoje entendemos que não temos que perguntar, temos muito que agradecer a DEUS; agradecer por ter nos dado a chance de conviver e de ter permitido que um ser tão simples e nobre nos ensinasse grandes lições de vida.

Vamos lembrar do senhor com o olhar da saudade e não da tristeza; iremos lembrar do nordestino que não se separava do chapéu de palhinha, do senhor dirigindo vagarosamente pelas ruas da cidade, parando para conversar com os amigos e cumprimentando todas as pessoas, do apaixonado por gado, terrenos e vacas leiteiras, não dá pra esquecer seu abraço, seu sorriso e também de seus conselhos nas horas que mais precisávamos.

Tio Linduval ou simplesmente “Major Lindo”, o senhor estará sempre presente em nossos corações... E como bem disse Nelson Gonçalves: "naquela mesa está faltando ele e a saudade dele está doendo em nós"... Sabemos que a saudade será sempre uma visita constante e eterna, entretanto, nos resta a certeza de que nossa separação não será para sempre, um dia, iremos novamente nos encontrar.

E agora, quando olhamos as estrelas no céu a brilhar, imaginamos logo ser a forma que o senhor encontrou de nos dizer: estou aqui, sejam felizes comigo!

Martha Sales Costa



Professora, licenciada em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Especialista em Antropologia e Pós-graduanda em Cinema e Linguagem Audiovisual. Membro do Núcleo de Pesquisa e Estudos Afro-brasileiros e Indígenas –NEABI/UFS.

A Visão

Martha Sales

Essa é uma das histórias que tenho pra contar, dentre outras, a partir da memória de todos os episódios e percursos que as águas que me banham fizeram, me levando ao encontro de mim mesma, abraçada pela força da Yabá que reorientou minha existência. Sou iniciada no Candomblé para o Orixá Iemanjá desde o ano de 2003, mas até chegar aí, essa água correu trecho e me levou por muitos lugares e encruzilhadas, encontros e desencontros, e a uma cosmopercepção diferenciada na viagem de retorno ao meu lugar de origem, esse mesmo atravessado por múltiplos lugares e presenças.

Me recordo de ter tido a minha primeira visão, digamos que “sobrenatural”, ainda bem pequena. Algo que me afligia pelo fato de não saber lidar com aquilo, uma vez que, criada em uma religião cristã, estudando em um colégio de freiras, a visão sobre o sobrenatural que me era imputada, provocava em mim um pavor que não consigo mensurar em palavras, apesar da curiosidade que isso me despertava. Eu era uma criança que costumava ter vários sonhos e pesadelos que pareciam extremamente reais, e muitos deles na verdade acabavam sendo visões de situações e episódios que vi acontecer muitas vezes, e conviver com isso não era nada fácil. Não havia com quem falar sobre aquilo, a não ser com Dona Ciça, uma senhora negra que foi trabalhar na nossa casa ainda antes do meu nascimento, e que ao longo dos anos se transformou em minha confidente, meu refúgio e porto seguro, e a velha Antônia, Dona Tonha, como costumávamos chamá-la, uma anciã cabocla que esteve ao longo de toda sua vida convivendo com a minha família paterna, desde meu tataravô, e que passou a dormir comigo, para meu alívio,

quando meu pai a trouxe já com a idade avançada para morar conosco e cuidar dela. Dona Tonha, ouvia minhas lamúrias de menina assustada, e que tinha uma dificuldade enorme pra dormir, fato que fazia minha mãe irritar-se profundamente. Foram inúmeras as vezes que eu fazia ela me contar histórias do seu repertório até o sono chegar, e tantas vezes que ela já cansada me dizia:

- Vai dormir minha fia, senão a tua mãe vai entrar aqui e brigar com você, e eu não vou poder fazer nada!

E eu sempre dizendo que não gostava de dormir porque minha cabeça doía de tanta coisa que eu sonhava, o que de fato acontecia. Abro um parêntese pra ressaltar que eu fui acometida desde cedo com fortes dores de cabeça, enxaquecas que eram atribuídas a uma hereditariedade, herdada da minha mãe, que por muitas vezes de fato também vi sofrer com essas dores.

Pois bem, voltando à visão... em uma dessas noites em que a insônia chegava em seu nível mais alto, senti um puxão em meus pés, e quando resolvi olhar por debaixo do lençol que cobria completamente a minha cabeça, vi nitidamente a figura de um menino, negro, que se apresentava com seus 5 a 6 anos e me chamava para brincar. Fiquei entre petrificada e ao mesmo tempo querendo correr dali para o quarto da minha mãe logo ao lado, o que teria sido um desastre, uma vez que minha mãe nunca dava muita credibilidade aos meus sonhos e pesadelos, e sempre me mandava rezar:

- Para de contar tanta estória menina, tanto sonho... isso é porque você não está rezando direito, reze certinho que isso passa. Se você continuar com essas estórias eu vou colocar você de castigo.

Dá pra entender porque nesse momento da visão eu não tinha pra onde correr. A voz não saía para gritar ou mesmo

chamar Dona Tonha, e eu suando mais do que tampa de chaleira, continuava a ver aquele menino, que ria de mim e insistia que não tivesse medo, e que ele só queira brincar. Consegui finalmente chamar Dona Tonha e ela já meio impaciente dizendo:

- Oh minha fia, eu tava num soninho tão bom e você me acordou! O que foi dessa vez?!

- Dona Tonha, tem um menino aqui puxando meu pé e me chamando pra brincar. Acenda a luz e mande ele embora, por favor! Juro que é verdade!

- Tá bom minha fia, mas não tem ninguém aqui não, é só coisa de sua cabecinha, suas agonias de sempre... tente dormir vá!

Insisti que o menino estava lá, ela levantou pra acender a luz e ele sumiu da minha visão, mas fiquei ouvindo sua risada. Isso se repetiu algumas vezes, meu amiguinho sempre estava a me cutucar, a me chamar pra brincar. Isso estava ficando já sem controle, até que a Dona Tonha resolveu falar com a minha mãe, que pra meu alívio a ouviu. Como já era de costume, desde meu nascimento, a minha mãe sempre mandava me rezar e cuidava de lavar minhas roupas com alfazema e manjericão, assim como me banhar também com essas ervas. Ela sempre dizia que eu “pegava muito olhado”. Eu sempre brinco que eu já nasci com uma rezadeira do lado, porque desde que me entendo neste mundo estive às voltas com elas. Eu cresci sendo rezada por elas, contra o mal olhado, pra melhorar minhas dores de cabeça, e por aí vai. E dessa vez não foi diferente. Lá fui eu pra minhas sessões de rezas com Dona Neildes, uma senhora que morava na mesma rua, rezadeira das boas, e que sempre cuidava de mim. Depois das rezas meu amiguinho sumiu e não voltou mais, e apesar da aflição e pavor que eu ficava sempre que a noite chegava e era

hora de dormir, eu até que senti falta dele, ele era alegre e só queria brincar, e hoje eu sei do que se tratava... como disse Dona Neildes à época e reiteradas vezes:

- É Dona Bela, vai ter que acostumar... Essa menina não tem jeito, ela vai sempre ter essas visões, vai ter que cuidar...

As velhas, pretas, caboclas, as rezas, o acolher, cuidar e ser cuidada...cuidar é essa palavra que me acompanha até os dias de hoje. Fui e sou cuidada, para que também possa cuidar. Hoje escrevo desse lugar da memória, memória que vem pra curar, da saudade e da gratidão àquele menino que veio pra brincar comigo e despertar a visão sobre o meu caminhar por aqui...

Priscilla Silva Barbosa



Priscilla Silva Barbosa, 16 anos, estudante do 2º Ano do Ensino Médio, da Escola Estadual Francisco Domingues, em Limoeiro de Anadia. Sou filha do escritor e historiador Gilberto Barbosa Filho e de Michelle Maria Silva Barbosa. Publicações: Sol e Lua: Lembranças de Uma Vida, in III Antologia de Escritores Santanenses & Convidados, Lícia Maciel (org.), Santana do Ipanema: Lumia – Escritório de Design, 2019, p. 136; Árvores também amam?, in I Antologia Arapiraquense de Escritores, Leitores e Convidados, Magna Cristina (org.), Editora Performance, 2020, p. 197.

Eclipse

É manhã de uma sexta-feira gélida e entediante, na qual me encontro com duas camadas de roupas numa tentativa falha de cessar o frio impiedoso que parece tomar conta de mim gradativamente, desde que seus braços deixaram de envolver meu corpo naquele encaixe único que só nós dois tínhamos.

Como consequência, me peguei pensando em você. Em seus cabelos loiros e desgrenhados que pareciam vestir o universo de luz. Me peguei pensando, também, no quão clichê éramos, mesmo quando você me chamava de Lua e eu respondia dizendo que você era meu Sol. Para muitos, parecia algo romântico.

Mas o que sequer imaginávamos é que poucos meses depois, você seria levado para longe de mim como um lembrete constante de que nem sempre podemos ter tudo o que queremos. Eu o odiei por isso, devo admitir. Lá no fundo de meu âmago, me odiei também. E odiei o universo, desde sua criação até às estrelas que pareciam habitar teus olhos.

A verdade é que nunca ficaríamos juntos, e isso era óbvio desde o princípio. Você era o Sol, eu era a Lua. E o destino era o maldito eclipse que nos unia sem a promessa de continuarmos juntos. Como Nicholas Sparks disse uma vez, os românticos chamariam isso de história de amor; os cínicos, de tragédia. Mas na minha cabeça, é um pouco das duas coisas.

Rebeca Gomes de Menezes



Me chamo Rebeca Menezes e sou indígena da Nação Kariri. Nasci em Fortaleza- CE e tenho raízes também nos estados da Paraíba e Alagoas. Durante a infância e adolescência a vida na capital costumava se intercalar com temporadas anuais no Cariri cearense, onde tenho muitas memórias afetivas. Desde pequena gostava de escrever e recitar poesia. Sou Assistente Social, com o que trabalho atualmente na Universidade Federal de Campina Grande, e ativista dos movimentos indígena e feminista.

Como quem se lembra

Costumava crer impossível descobrir certas coisas sobre mim mesma, até porque, não dependiam da lembrança. O nome que consta para isso é Memória.

Lembrança é sobre algo que a gente viveu, já a memória vem de outro tempo, um anterior. Embora um antes tão parte e tão presente que chega a importar do passado, cores, formas, desejos, personalidades, sentidos, dons...

Ano retrasado tentei desenhar a nossa árvore genealógica familiar que acabou parecendo o pé-de-jambo do jardim depois de uma poda malfeita. Pesquisei na internet, perguntei a parentes, mas já quase não encontrei quem soubesse contar mais. Uma prima se empolgou com a ideia de encontrar um ancestral português que a permitisse ter um visto Europeu, porém descobrimos apenas umas quantas bisavós sem sobrenome, sertanejos sem posses e um antigo tio cangaceiro a falar muitíssimo bem de Lampião.

Foram tantas gerações espoliadas da auto-estima de quem conta vitórias, ou desacostumadas com a curiosidade alheia, que muitos sequer guardavam as histórias que eu ansiava por liberar. E além disso tem lembrança que dói mesmo. Ninguém se escora em macaubeira porque quer.

Houve uma época em que era importante ser tronco do jeito que hoje é ser Google. Não eram os livros ou as telas que contavam as histórias, mas as vozes dos mais velhos, junto com o fogo, o céu, o vento, a correnteza.

Por muito tempo não ouvi as histórias do fogo. Nasci bicho-gente na cidade do século 21. Uma gente que aprendeu a escalar o telhado em busca da cumplicidade das nuvens, um bicho que dividiu o beliche com a irmã, uma gente que chorou

quando viu sua árvore preferida ser cortada, um bicho que gosta de poesia.

Daí um dia, um dia desses na verdade, a Velha disse que chegaria em breve o momento em que eu iria nascer de novo. Não entendi, e ela também não explicou o enigma que semeava. Me parece que faz parte da sabedoria dos antigos ensinar pelo silêncio. Coisa de quem tem amizade com o tempo. E talvez de quem sabe que quando estamos prontas vemos através das névoas e ouvimos até os sussurros do que é preciso e devido.

Só quando fui em Taquarana entendi a Velha. Estava decidida a pisar na terra onde nascera minha Avó, que como a Velha, gostava de semear. A Vó, que se foi sem jamais tocar novamente o chão que lhe abrigava o umbigo plantado, deixou pedaços de sua história como pequenas pistas que davam para o caminho agreste do interior alagoano.

Ao sabor agridoce de um fruto por tanto tempo proibido percebi que enfim chegava aonde sempre havia estado. Quando finalmente pude enxergar como quem se lembra, decifrei a profecia. Estava recuperando a Memória.

Rosival Gomes da Silva



Pe. Rosival Gomes da Silva, nasceu em 22 de julho de 1960, filho de José Gomes da Silva e Eduviges de Souza Silva, ambos da cidade de Arapiraca, Sítio Lagoa Cavada, Estado das Alagoas. Formado em teologia e filosofia, logo se tornou padre. Graduado em pedagogia e psicanálise clínica. Cantor e compositor de canções religiosas; com especialização em Juventude, pelo Instituto de Pastoral da Juventude, Porto Alegre-RGS. Palestrante Motivacional; experiência em Saúde Mental, pela UNASUS, com atuação nos CAPS AD (Centro de Atenção Psicossocial, Álcool e outras drogas); CAPS Infantil e Psiquiátrico. Ao mesmo tempo foi técnico e coordenador dos CAPS, nas cidades de Eunápolis e Porto Seguro, na Bahia. Publicou cinco livros: “Mensagens que Geram Vida”; “Jovem Sinal de Esperança”; “Otimizando a Vida”; “Pétalas de Esperança”, além de vários artigos; Nossas descobertas (Em breve pela editora Performance). Implantou uma Instituição de Inclusão e Caridade-ABADV (Associação Beneficente Amigos em Defesa da Vida).

É tempo de acolher

Meu amigo e minha amiga parar por instante é gesto de caridade para quem deseja falar o que sente nesse mundo dos ausentes de afeto, de amor e caridade;

Quero apenas expressar com amor o que penso e o que sou no mundo dos sábios e entendidos, mas que para trás vão deixando almas desvalidas e desprovidas de justiça e solidariedade;

Não é compreensível, muito menos aceitável, deixar crianças, jovens e adultos às desilusões da vida, sem a mínima assistência, e para completar, a terceira idade;

É triste presenciar o que vemos dia e noite, pelas praças, ruas, guetos e favelas, uns e outros, de todas as classes, vivendo abandonados e na promiscuidade;

A sociedade que se diz moralizante e civilizada, crítica, maltrata e rejeita como se fosse perfeita, ou de que dela não nasceu entregando ao mundo da marginalidade;

É tempo de acolher o “fruto” da semente que na terra foi lançada, ele nasceu e cresceu cuja vida está rejeitada, precisando agora de acolhida e bondade.

Sebastiana Fernandes de Amorim



Sebastiana Fernandes de Amorim, natural de Maribondo-AL, Professora aposentada, graduada em História com especialização em Docência para Ensino Superior. Escritora com onze livros publicados, deste sete destinados ao público infanto-juvenil.

Consequências da Pandemia

Desde o início do ano de 2020 até o momento, segundo mês do ano de 2021, os brasileiros têm passado por dias inquietos e agitados, de angústias, ansiedade e muitos obstáculos. Estamos imersos num verdadeiro caos de saúde pública nunca visto em nossa história, sem contar com a instabilidade psicológica e emocional. Tudo isso vem em decorrência da Pandemia causada pelo Novo Coronavírus, que surgiu inesperadamente e causou a doença conhecida como Covid-19. As consequências dessa doença são inúmeras, dentre as quais estão as mortes de parentes e amigos, o isolamento social que, conseqüentemente, causa a solidão, que acarreta depressão e outros males irreparáveis.

É considerável o número de dados sobre as mudanças no comportamento humano, especialmente de jovens e adolescentes que até o surgimento da pandemia trabalhavam, estudavam e tinham uma vida considerada normal. De modo bastante emergente, as pessoas foram presenciando as lojas sem movimento, deixando inúmeras pessoas desempregadas, assim como outros males que afetam os relacionamentos, como: desarmonia entre os casais, filhos presenciando cenas desagradáveis no lar, mudança repentina na alimentação devido à falta de dinheiro etc.

Nesse contexto, surge o desespero. Com ele, os jovens partem na busca por soluções. Não encontrando, entregam-se às bebidas e às drogas, levando alguns até o suicídio. É incalculável o número de mortos no Brasil e em todo o mundo, bem como é imenso o número de pessoas depressivas, pois as más emoções provocam estresse e cansaço tanto quanto os dias longos em árduos trabalhos no sol causticante do Nordeste.

Diante desse cenário, o que fazer para eliminar o estresse? Não é fácil. Cada pessoa tem seus problemas, seu temperamento e sua maneira de agir diante de tantas situações. Vale salientar que a melhor forma de amenizar o estresse é saber lidar com as situações, encontrar tempo para que se possa relaxar, refletir, ocupar a mente com atividades prazerosas, ter fé, esperança, atitudes e pensamentos positivos. As pessoas precisam ficar livres da tensão, preservando a paciência, não se detendo em notícias tristes, procurando tempo para conversar com Deus através da oração, fazendo caminhadas, ouvindo boas músicas, lendo bons livros, dentre outras distrações. Tudo isso pode ajudar as pessoas a encontrar alternativas que proporcione paz espiritual, alegria e felicidade.

No momento atual, a vida moderna e as tecnologias avançadas trazem para os seres humanos várias emoções, como: o medo, a violência, a turbulência no trânsito, a correria do dia a dia causada pela ânsia do ter e do poder, os atritos familiares e tantas outras que nosso sistema de defesa e o imunológico não somente cai como desaba. Os pensamentos negativos são prejudiciais, assim como as boas emoções são benéficas para a mente e para o corpo. Todos nós vivemos em busca da felicidade, mas será que vamos conseguir isso um dia? Acredito que sim, porque creio no amor de Deus para com seus filhos e penso que esse amor vai transformar a humanidade e, conseqüentemente, acabar com o desamor, o ódio, o egoísmo, a inveja, a ganância e a sede do ter e do poder. Enfim, um mundo de bem conosco, no qual todos possam encontrar a felicidade que tanto almejam.

Diante disso, precisamos procurar andar com fé em Jesus, o Cristo de Deus, buscando Nele forças para enfrentar os obstáculos. A Ele devemos pedir o fim da pandemia, sem desespero, olhando para frente com passos firmes, em busca do caminho da paz, repleto de muita luz.

Quem ama cuida

Em uma tarde de verão saí do trabalho com a cabeça a mil, muito cansada, chateada com alguns imprevistos ocorridos durante o expediente, além de muito preocupada com problemas familiares. Cheguei em casa suada, cansada, triste. O corpo pedindo cama e a cabeça pedindo doril. Fui tomar banho, acompanhada das preocupações, liguei o chuveiro, me molhei, desliguei para pegar o sabonete, esqueci o tempo, pois pedia a Deus força, discernimento, coragem e fé para encontrar, com sabedoria e prudência, a solução para todos os problemas que tanto me afligiam e afastasse de mim todas as preocupações, pois as soluções não estavam ao meu alcance. Aliviou um pouco aquela angustia, terminei o banho e, enquanto me vestia, pensava: se as minhas preocupações resolvessem meus problemas eu seria a mulher mais feliz e realizada do mundo. Tenho tudo para ter uma vida tranquila: casa, emprego, um marido exemplar, companheiro, compreensivo, confidente, enfim, ele é tudo pra mim. Meus filhos todos casados, cada um em sua casa própria, responsáveis pelos seus atos, arrumando dignamente o pão de cada dia. Não faz sentido eu viver preocupada com tudo e com todos.

Com esse pensamento, optei pela paz espiritual, pela alegria de viver. Decidi aproveitar o resto da vida, ser feliz, passear, me divertir, fazer tudo que gosto e o que tiver vontade.

Pensei em voltar para o jantar, mas, antes de chegar à mesa, o telefone toca e uma voz muito aflita assustada dizia:

— Vem cá, depressa! Seu ex-aluno está embriagado, não se segura em pé, conversando muita besteira, dizendo que é rico,

valente e agora saiu com o carro em alta velocidade cantando pneu. Vem rápido para tentar evitar uma tragédia!

Atendi ao chamado, consegui pegar a chave do carro e levá-lo para casa. Só sai quando o acalmei e ele adormeceu. Os pais me agradecerem muito. De volta para casa eu pensava onde estava a mulher que só ia pensar em si, tentar viver e ser feliz. Descobri que eu não conseguia ser diferente e me questioneei: Será que existe alguma mãe, avó, esposa, tia, que consiga viver somente pensando em si mesma? Acredito que não! Mas porque não? Porque quem não pensa não se preocupa com o próximo. São pessoas alienadas egoístas e insensíveis. Quem não se sensibiliza com o sofrimento do próximo não ama e nem tem amor próprio. Se existem pessoas desse jeito, são ao contrário de mim. Eu amo e me sinto muito amada. Chegando em casa, a vontade de comer já havia passado. Então entrei em meu quarto, fechei a porta e fui agradecer a Deus pelo meu ex-aluno ter me atendido e por ter conseguido acalmá-lo. Penso que isso se deu por eu não ser uma pessoa alienada e, principalmente, por amar a todos sem distinção. Assim, refletindo sobre tudo o que tinha acontecido no decorrer daquele dia, conclui: Me fazer de “louca” e não me preocupar com nada, deitar e dormir a qualquer hora do dia ou da noite, passear, me divertir, aproveitar a vida ou viver preocupada, dormindo pouco (quando deixam), carregando os problemas de todos nas costas e buscando solução. Prefiro a segunda opção ser uma pessoa de mente sã, sensível ao sofrimento alheio, solidária, fraterna, servidora, porque a maior prova de amor que podemos dar a alguém é preocupar-se com o bem estar de todos e a felicidade, sempre querendo o melhor, ainda que muitas vezes não seja compreendida, é gratificante. Esse é o meu jeito de ser. Nada e nem ninguém vai mudar. Foi assim que Deus me fez e eu não quero e nem consigo mudar, só quero agradecer. Obrigada, Senhor, pela pessoa que sou,

pelos meus amigos, minha família e tudo o que tenho. Para muitos é pouco, mas, para mim, é muito mais do que mereço.

Tipos de lágrimas

Sempre que vemos uma pessoa chorando, imediatamente perguntamos: Você está doente? Por que choras? Quem morreu? Não choramos só quando sentimos uma dor física, ou quando morre um ente querido. Esquecemos que existe a dor espiritual, que leva a alma aos prantos.

Choramos por várias razões. Já dissera alguém: “razões que a própria razão desconhece”. E é por isso que digo: existem dois tipos de lágrimas: a feia e a bonita.

Classifico como lágrimas feias as que escorrem quando a pessoa chora com inveja de alguma coisa que alguém possui e ela não, quando sente raiva do próximo ou quando o ódio invade seu ser. Essas lágrimas são feias, horríveis e entristecem Deus, nosso Criador.

Ainda existem as lágrimas de crocodilo, que são fingidas. Não é emoção! É hipocrisia! Porque não estão relacionadas à tristeza nem à dor.

As lágrimas bonitas são as banham nossos rostos quando lutamos por algo e conseguimos, por exemplo a casa própria. Quando você encontra um amigo ou um parente que fez parte da sua infância, adolescência, que era seu companheiro nas horas alegres e nas tristes, que sabia lhe ouvir e aconselhar, mas, por algum motivo, ficaram distantes por longos anos e um dia, quando já está quase perdendo a esperança de rever essa pessoa, essa pessoa volta e se encontram há mais lágrimas do que sorrisos, não é verdade? Todos nós já passamos por momentos assim. São também bonitas as lágrimas que banham o rosto quando se perde um ente querido, quando se

sente uma forte dor, quando nos emocionamos diante de uma pregação, oração, ou ao ouvir um canto religioso.

Mas a mais bonita lágrima é a da saudade, porque ela nasce dos risos que já se foram, dos sonhos que, sem sombra de dúvidas, não acabam, das lembranças que jamais se apagam. Essas lágrimas são as que trazem um pouco de esperança para os corações sofridos.

Portanto, não chore por coisas fúteis. Há quem chora para conseguir algo que almeja. Lute para conseguir. Não chore porque não viu o pôr do sol, pois a lágrima impede de ver o brilho da lua e o encanto do céu estrelado.

É muito bom lembrar e refletir sobre pequenas coisas, como: depois de toda chuva aparece o sol, ao cair cada lágrima sempre surge um motivo para sorrir e só merece revanche um sorriso, o amor e o prazer.

Às vezes achamos que podemos esconder nossa tristeza, mas vai chegar um momento que ela acaba explodindo nos nossos olhos. Por isso não tenha vergonha de chorar a lágrima bonita. Ela nos faz bem e traz paz espiritual. Muitas vezes o choro leva consigo tudo aquilo que tem nos feito mal. Na realidade, a lágrima bonita arranca de nós um fardo que estamos carregando.

Susanne Messias de Farias



Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, em Docência do Ensino Superior, em Psicopedagogia Institucional com ênfase em Educação Infantil e Educação Especial, todas pela Faculdade de Ensino regional Alternativa. Mestranda em Dinâmicas Territoriais e Cultura da Universidade Estadual de Alagoas. Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Ensino Regional Alternativa. Graduada em Agronomia na Universidade Federal de Alagoas. No âmbito do ensino, Atua em projetos voltados a Pedagogia Humanizada. Tutora do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI na modalidade EAD. E membro da União Brasileira de Escritores- UBE e Sócio Honorário da Academia Arapiraquense de Letras- ACALA.

Recaída

Quem nunca teve uma recaída? Seja ela de qual forma for, a minha hoje foi de "saudade" de querer fazer as coisas a dois, como por exemplo ir à academia e fazer aquela caminhada na esteira, com a pessoa que bateu aquela saudade hoje ao seu lado dizendo: " Só mais 5 minutos ", com aquele sorriso de fazer você correr por mais 5 horas, Rsrtrs!

A recaída é nosso coração querendo voltar para um passado que infelizmente nunca mais será igual. Dói né? E tem horas quem, até parece que a dor virou de estimação que ter o direito de chegar e fazer morada Mas respirar fundo que é só uma constante vai passar.

Só que infelizmente não é como as horas do relógio, ela tem seu próprio cronômetro, mas com passar dos dias percebemos que o tempo se torna nosso melhor amigo, e percebermos que foi só mais um dia que tivermos aquela famosa "recaída" e essa teve um gosto de uma grande saudade.

Recomeçar

Recomeçar é uma forma criativa de recriar a vida, é uma maneira de interferir na estrutura estabelecida e propor o que pode ser diferente. Mudar nem sempre é uma tarefa fácil, no entanto por muitas vezes se faz necessário para nosso crescimento, seja ele profissional, pessoal ou espiritual.

Nos permitir conhecer o “ NOVO”, sendo assim, o ideal seria já começar com a vontade de querer, é aceitar a mudança, e como um bebê dando os primeiros passos um por vez, e com todo medo e insegurança mas com uma vontade gigante de correr para novo mundo que está descobrindo, assim que sentimos quando escolhemos recomeçar Então porque não se reconhecer de um jeito novo? Dá uma nova chance para você, e por você.

Quando nos permitimos a novas chances, estamos vivendo, e entendo que tudo pode ter um recomeço e assim aproveitando cada oportunidade que a vida nos permite.

Acreditar em Você de Novo.

Tania Maria da Costa Luz



Tania Maria da Costa Luz, filha de José Canuto da Costa e Josefa Rosa da Costa (Genilza). Formada em Letras, pela Faculdade de Formação de Professores de Arapiraca, Mestranda, Pós-graduada em Metodologia do Ens. Superior, Língua Portuguesa, Gestão Escolar e Pedagogia Escolar. Foi professora da rede Municipal de Taquarana por 6 anos, lecionou na Esc. Cenequista de Taquarana: Língua Portuguesa, Inglês, Educação Física, História da Educação, Metodologia, entre outras disciplinas. Em 1990, mudou-se para Manaus. Professora concursada pela SEDUC – AM, trabalhou nas escolas estaduais mais tradicionais da capital, foi professora formadora de Língua Portuguesa, da rede estadual. É professora da Fundação Bradesco/AM, desde 1993.

Uma página na história do esporte taquaranense

“Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!”
(Casimiro de Abreu)

Esse texto é dedicado à Luciene e Ana Paula Lins, a Bia, Joaquina (in memorian), Cerize, Goreth, Madalena e Salete. Sem vocês, nada disso teria acontecido em nossas vidas. Fomos realmente incomparáveis. Tornamos possível, o impossível.

Há passagens em nossa vida que marcam a nossa existência, deixando para sempre doces lembranças. Essa a ser relatada é uma delas.

Na minha infância, a única diversão que se tinha nas tardes de domingos, em Taquarana, era assistir ao jogo do “3 de maio” (time principal de futebol masculino). Cresci vendo jogando a geração do meu pai e tios, depois a geração dos meus irmãos. Logo me apaixonei por esportes em geral, gosto bem diferente da maioria das minhas amigas da época. Afinal, esporte era coisa de homem.

Tornar-me-ia, eu, apenas uma mera torcedora ou me tornaria uma protagonista? Escolhi ou fui escolhida, então, para ser uma PROTAGONISTA.

Era um feriado de Semana Santa (não sei ao certo se foi em 1982 ou 1983), minha grande amiga da época, Ana Paula Lins, foi em minha casa, dizer que sua irmã mais velha, Luciene, atleta na seleção alagoana de handball, tinha vindo passar o

feriado em Taquarana e queria jogar um pouco, mas ninguém jogava handball em Taquarana, aliás, nem sabíamos o que era. Então, Paula recebeu da irmã, a difícil missão de convidar algumas meninas para irem à quadra, à tarde, para aprender a jogar handball. Paula pensou logo em mim. Eu aceitei o convite, muito empolgada e chamei a Bia, a Gorete Tobias e mais outras 4 ou cinco meninas e no horário marcado, fomos para a quadra.

Luciene era muito alta e forte, corpo de atleta, enquanto nós... franzinas, bem mais baixas, sem muito jeito para aquilo. Logo ela passou as regras do jogo, dividiu o time e começamos a jogar desajeitadamente, ríamos por tudo, gritávamos e nos esquivávamos com medo quando a bola vinha mais forte. Eu comecei a me destacar no grupo, logo nos primeiros minutos de jogo, (lógico, vivia jogando bola em nosso quintal com meus irmãos). Eu lidei com a bola com mais intimidade, mais habilidade, rapidez e resistência. Foi uma tarde, muito divertida para todas nós, foi amor pelo esporte, logo nos primeiros arremessos. Então marcamos outro treino para o dia seguinte e, naquela tarde santa, nascia o esporte feminino de Taquarana.

Acabou o feriado, Luciene voltou para Maceió, mas deixou uma semente. Dali em diante, todos os sábados íamos treinar, convidamos outras meninas, umas iam uma vez, não iam mais, uma ou outra gostava e ficava mais dias.

Passou o tempo, os treinos continuavam, mas meu sonho era jogar contra um time de outra cidade, mas era difícil achar, não conhecia ninguém, não tínhamos nada.

Resolvemos organizar melhor nossa diversão. Fizemos rifas e rifas, compramos uma bola oficial, camisas e meióes. Escolhemos através de uma votação o nome do nosso time: venceu o Flamengo (contra a minha vontade, sou corintiana).

Então ficou: CHFFT (Clube de Handball Feminino Flamengo de Taquarana). Eu pintei com letras brancas em nossas camisas CHFFT. E assumi a liderança do grupo, como se diz: a dona da bola. Eu era a presidente, a capitã, a roupeira, a empresária, a treinadora, a juíza, a torcedora. Éramos muito unidas em relação ao time, nós gostávamos de jogar.

Treinar era uma luta injusta, os homens eram os donos da quadra, então tínhamos que treinar por volta das 13:30h, sob um sol escaldante, sobre um piso que era um braseiro, deixando nossos pés com calos enormes. Quando o sol baixava, os primeiros cavalheiros, os “gentlemen” chegavam, era a hora de sairmos. Os rapazes não nos respeitavam pois não nos enxergavam como pessoas em quadra, não tomavam conhecimento que estávamos treinando. Eles chegavam, entravam em quadra e começavam a ficar chutando bolas no gol, brincando de “doidinho” aguardando amigos suficientes para formarem os times. Nosso sonho era jogar à tardinha, sem sol. Delícia. A solução encontrada foi treinar de manhã. Então, passamos a treinar por volta das 5h até às 06:30 da manhã, todavia, nem sempre conseguíamos a chave da quadra. Voltávamos frustradas. Olha a luta!

Nessa época, eu já fazia faculdade em Arapiraca e, através de um colega, de Igaci, consegui marcar uma partida do nosso time contra o time de lá. Elas viriam jogar em Taquarana, depois nós faríamos o jogo de volta. Marcamos o evento com dois esportes: handball feminino e futsal masculino. Nós jogaríamos primeiro, depois os homens que sempre fora a atração principal. Combinamos o dia, depois falei com o Dioclécio, o craque do futsal, sobre o evento, para ele comunicar e preparar o time masculino. Restou-nos, intensificar os treinos para não fazermos feio, pois era o nosso primeiro jogo e a equipe de Igaci era muito forte e experiente.

Nosso time base na época era: eu (Tania Costa), Bia do Zé Arame, Salete Venâncio, Joaquina do Pindura, Gorete Tobias, (goleiras: Cerize do Pindura e Madalena da D. Bilia). Essas são as meninas guerreiras do esporte.

Chegou o grande dia, era um sábado, o jogo estava marcado para às 19h:30 e quanto mais as horas se aproximavam, o temor me consumia.

Era um evento esportivo, o primeiro desse porte, divulgamos boca a boca e até num carro de som. Minha cabeça estava a mil, “trocentas” coisas passavam em minha cabeça: e se os times não viessem? Era vergonha, frustração, perderíamos a credibilidade... Mas, logo a minha insegurança acabou.

Por volta das 18h30, ouço muitos barulhos e gritos eufóricos, vou até a porta e eis que era um ônibus lotado de jovens gritando e batendo no ônibus “É Igaci! É Igaci! É Igaci!” Aquilo mexeu com meu brio. Não poderíamos perder por muito aquele jogo. Minhas pernas tremiam, medo do tamanho do vexame.

A hora chegou, o juiz era de Igaci, lógico. Os dois times em quadra, todas nós muito nervosas. Olhei em volta, nunca vi tanta gente na quadra para um jogo. Nunca esqueci a cena fenomenal, jovens, crianças, senhoras, senhores, pessoas que jamais eu imaginaria numa quadra para assistir a um jogo, os torcedores do Igaci gritavam, os nossos calados, tímidos, não estavam acostumados com aquilo. Começa o jogo.

Estávamos muito tensas, tudo era estranho, estávamos meio perdida em quadra, treinávamos uma contra as outras, não tínhamos atletas suficientes para formar dois times, mal tínhamos um time completo, se alguém se machucasse, nem reservas teríamos para substituir naquele jogo. Não demorou muito e já perdíamos de 3 a 0, a torcida calada. Eu tentava,

mas a goleira delas era muito boa, bem treinada, defendia todas. Eis que a Salete arremessou e fez o primeiro gol, oficial do CHFFT, mas em seguida elas responderam com mais um. Finalmente, minha bola entrou, fiz o segundo o terceiro. A nossa defesa melhorou muito e o ataque engrenou. A torcida começou a ficar eufórica, gritavam e vibravam a cada gol. As adversárias só conseguiam me parar derrubando, apanhei muito, mas fiz 6 gols. Final de jogo! 7 X 7 e o juiz terminou o jogo assim que empatamos. Ainda acho que o juiz terminou antes da hora, para o Igaci não perder. Foi uma grande estreia, uma noite mágica!

O time masculino, para variar: ganhou.

No jogo de volta, elas estavam reforçadas com outra grande jogadora, a torcida era deles, as agressões em quadra também, elas beliscavam, empurravam seguravam e derrubavam, perdemos de 21 a 17, por detalhes, mas foi tudo lindo também. Acho que fiz 11 gols. Outros jogos foram feitos contra times de Arapiraca, ganhamos uns e perdemos outros. Um em especial, também me marcou, ganhamos bonito. Eu fiz 21 gols, todos os gols do nosso time. Tenho registro de uma foto, tirada pela nossa e sempre Marta Regina, que depois, muito gentil, fez-me uma linda surpresa e me presenteou com a foto que eu guardo com muito carinho.

Paralelamente, comecei a incentivar a treinarmos outros esportes, então, também nos enveredamos pelo futsal. Chegamos a fazer uma partida amistosa na quadra. Nesse período, eu já estava dando aula também de Educação Física no Cenequista, isso me abriu um leque para atrair novas meninas e outras modalidades.

Começamos a treinar queimada e muitas meninas se destacaram, fizemos maravilhosos jogos amistosos interclasses na quadra. Passou a ser comum ver as meninas e tantas vezes,

meninas e meninos jogando queimada juntos, nas ruas, após às aulas. O vôlei também foi praticado, mas só para treino básico mesmo, não tínhamos rede, jogávamos com bolas inapropriadas. Até que eu comprei uma. A princípio, não tínhamos rede, então treinávamos com as duas traves de futsal. Isso dificultava a prática.

Soube que ia ter os jogos estudantis de Arapiraca e a faculdade iria participar em várias modalidades, não tinha handball, mas tinha vôlei. Queria muito participar, então, fiz amizades com algumas atletas e comecei a treinar, treinava também sozinha em casa, para fazer o teste para ser convocada para os jogos. Consegui passar e fazer parte do time titular de vôlei. Era uma jogadora limitada, mas muito esforçada na defesa, atirava-me nas bolas para defendê-las, sem medo. Não fomos campeãs, aliás, nem nos classificamos para a final. Mas parafraseando Fernando Pessoa “tudo vale à pena, quando a alma é pequena”.

Para muitos, isso pode ter sido irrelevante, mas para um grupo de mocinhas destemidas, a frente do tempo e aos amantes do esporte, esse período, registrou sim, uma página na história esportiva de nossa querida Taquarana. Oxalá! Que você, jovem sonhador (a), ao ler essa crônica, possa sentir-se inspirado para tirar aquele sonho da sua cabeça, encher-se de coragem, juntar-se com outros sonhadores, formarem outros sonhadores... e pôr seu SONHO em execução, para que você escreva também a sua página em nossa história.

Uberlange da Silva Barreto



Professor Uberlange da Silva Barreto: possui Graduação em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (2003). E Direito pela Universidade Tiradentes (2012). É Especialista em História e Geografia: Uma Interação Interdisciplinar pela Faculdade Educacional de Araucária – FACEAR e Instituto Superior de Educação Avançada – MASTERIDEIA (2007); Educação e Gestão pela Associação de Ensino e Cultura Pio Décimo (2009); Direito do Estado pela Universidade Tiradentes (2014) e Direito e Processo Civil pela Faculdade Guanambi (2020). Mestrando em Direitos Humanos pela Universidade Tiradentes. Embaixador Internacional da Paz. Membro do Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAM). Membro da Comissão Nacional de Família e Tecnologia do Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAMTEC). Membro da União

Brasileira de Escritores (UBE) - Núcleo Arapiraca. Membro da Associação Nacional de Educação Básica Híbrida (ANEBHI). Membro do Clube do Profe – Instituto Casagrande. Membro Efetivo da Academia Municipalista de Sergipe. Membro Honorário da Academia Arapiraquense de Letras e Artes (ACALA). Membro Correspondente da Academia Literocultural de Sergipe. Membro da Academia Literária do Amplo Sertão Sergipano (ALAS). Atualmente é Professor de Educação Básica da Rede Oficial de Ensino do Estado de Sergipe. Professor de Educação Básica da Rede Oficial de Ensino do Município de Nossa Senhora da Glória – Sergipe. Professor da Faculdade Regional no Centro Sul de Sergipe. Consultor na Consultoria Padrão e Projetos Educacionais.

Qual a ambiência racial na minha escola?

Para descrever a ambiência racial na escola em que cada educador (a) trabalha, é preciso antes de qualquer ação, buscar a definição de ambiência, pois se faz necessário conhecer o sentido Etimológico da palavra, para depois, buscar desenvolver um trabalho dentro dessa temática.

De acordo com ambiência: espaço físico e comportamento - SciELO. Quando falamos em ambiência, pensamos em humanização, por meio do equilíbrio de elementos que compõe os espaços, considerando fatores que permitam o protagonismo e a participação. O termo ambiência tem origem do francês “*ambiance*” e pode ser também traduzido como meio ambiente.

Na perspectiva de desenvolver um trabalho que possibilite a humanização no ambiente escolar, é preciso realizar/desenvolver uma prática pedagógica antirracista com o objetivo de corrigir as desigualdades educacionais que ao longo da história estão inseridas no contexto escolar, oriundas da sociedade em que vivemos, nos aproximando cada vez mais de uma prática pedagógica antirracista.

No decorrer da História, a escola brasileira sempre produziu um Currículo que fortalece o predomínio da cultura europeia dominante, dando pouco destaque às contribuições de outras culturas ao processo de formação da sociedade brasileira. E quando enfatiza a existência de outras culturas, de outros povos, considera como segundo plano, reforçando inferioridade. Por exemplo, ao citar a população negra, trata com preconceito e inferioridade, como sociedade de escravos, onde não é correto, pois ninguém nasce escravo, e sim, torna-se escravizado pela cultura europeia dominante e perversa. Por isso, podemos reconhecer que a escola vem ao longo do

tempo contribuindo para o reforço de estereótipos pejorativos, circunscrevendo o negro em uma posição de inferioridade.

De acordo com a leitura do texto disponibilizada no curso, é possível compreender que foi visando a romper com essa postura pedagógica perversa que o Brasil implementou a Lei nº10.639/2003, a qual torna obrigatório o ensino de História da África e da Cultura Afro-Brasileira em todas as escolas de Ensino Fundamental e Médio, tendo como conteúdo programático o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

É possível entender que é necessário realizar mudanças nos currículos escolares introduzindo novos componentes curriculares, mas também, é de grande importância realizar a construção do Projeto Político Pedagógico da escola, em comum acordo com toda a sociedade que de forma direta e indireta tem relação com o ambiente escolar. Essas ações tem muita relação com a mudança de atitudes. Podemos mudar o Currículo, mas se não mudar as atitudes de nada vale. Por exemplo, ainda é comum em pleno século XXI, só desenvolver projetos relacionados ao combate ao racismo e ao preconceito da cultura negra o professor de História. E agindo assim, onde fica a Interdisciplinaridade no contexto escolar tanto falado na atualidade.

Quanto ao desenvolvimento das atividades docentes, os materiais do curso, disponibiliza várias ideias de grande importância e significado tais como: conhecer a turma, desenvolver dinâmicas que proporcione conhecer as diferenças, vídeos com temas que tenha relação com a

temática, debates acerca da dominação da sociedade brasileira e a imposição de valores, etc.

Sabemos que há necessidade de compreender a importância de implantação de uma educação antirracista. E se faz tal ação seguindo algumas práticas: discutindo Currículo, Projeto Político Pedagógico, conhecendo a comunidade escolar que compõe a unidade de ensino onde trabalha, etc. Assim, é possível perceber que a escola não é da gestão, mas sim, de toda a comunidade do bairro, do município, enfim, de todos que habitam na busca incessante de utilizar os serviços educacionais.

E, por fim, conhecer também a legislação que enfatiza a importância do tema na atualidade. A Lei 10.639/2003 – redação da lei que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-brasileira". E a Lei 11.645/2008 – redação que altera a Lei 10.639/2003, incluindo no Currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

Falar de ambiência racial na minha escola, é refletir sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola, levando a entender e buscar uma razão daquilo que realizamos no cotidiano de cada ano letivo.

Wal Ferry



Wal Ferry-Filha da Dona Ester. Taquaranense, residente em Arapiraca. Professora. Poetisa. Cronista. Amante da Literatura. Amo escrever porque a linguagem escrita é uma extensão do que sou. Mas, não tente me conhecer através do que escrevo, eu sou um mistério difícil de desvendar. Tem publicações de poemas, crônicas e artigos. Membro efetivo da União Brasileira de Escritores-UBE-Arapiraca. Idealizadora e organizadora da I Antologia Taquaranense de Escritores, Leitores e Convidados: O Agreste em Evidência.

Crônica para minha mãe, Dona Ester

Pensei escrever muitas coisas, em fazer uma homenagem, mas ao decidir escrever essa crônica para ela me pego pensando diariamente em como a minha mãe gostaria que eu escrevesse. De todos os momentos que parei, pensei, e tentei escrever, duas palavras sempre sobressaíam: amor e ensinamento.

O que falar da mãe maravilhosa, dedicada, carinhosa, que tanto ofereceu e ensinou, sem nada pedir em troca. Uma vida inteira, incansavelmente de superação e diante de todas as turbulências da vida me deixou grandes lições. Uma mulher digna, responsável e comprometida em fazer o bem. E olha que a vida em muitos momentos foi dura com ela.

Não era letrada, mas tinha uma sabedoria sem tamanho. Um dos seus maiores sonhos era aprender a escrever o seu nome, algo que na infância não lhe permitiram aprender. O desejo de ir à escola foi roubado. Mesmo assim não guardava mágoa nem rancor em seu coração. Lembro que eu escrevia seu nome, ela cobria e repetia as letrinhas abaixo e ao fazer alguns rabiscos seus olhos brilhavam de felicidade.

Minha mãe era muito inteligente, a inteligência no olhar em meio a grandes dores. Mulher guerreira, que nos criou com toda dificuldade, mas com muito amor e carinho.

Nas minhas conquistas, ficava feliz por mim, e não se conteve e pulou de alegria quando lhe contei que havia passado no vestibular em uma faculdade pública. Ela sabia que qualquer conquista minha também era dela. Procurava sempre se fazer presente em minha vida mesmo quando eu não merecia. Meu aniversário nunca foi esquecido por ela, mesmo quando não dividíamos mais o mesmo lar.

Tem dias que a lembrança vem intensa e inteira: o tempo, a hora, o cheiro, a cena e, principalmente, a sensação do abraço seguro e acolhedor. Penso também que poderia ter feito mais por ela. Que talvez pudéssemos ter aproveitado mais o tempo juntas.

De vez em quando eu sinto o cheirinho de tempero se espalhando pelo ar, carne de panela igual ao que ela fazia nunca mais comi, uma simples salada com folhas tinha um toque muito especial. E as lembranças vão chegando... Lembro que nos dias em que não tínhamos a mistura para complementar o arroz com feijão ela dizia:

-Vamos comer tomate e colocar coentro no caldo do feijão, é uma delícia.

E realmente era, minha mãe. Fui criada para comer o que tivesse e se não quisesse ficava com fome e era assim com toda simplicidade que éramos felizes. As conversas, as broncas, os carinhos, afagos, conselhos, exemplos, as comidas deliciosas, são lembranças que permanecem vivas em meu coração.

No dia de sua partida esperou por mim, queria que eu trouxesse a cura. Lembro-me do seu olhar penetrante em minha direção. Esse foi um dia de grande sofrimento para todos, que a queriam bem, menos para mim. Grande era o meu amor por ela, contudo, Deus me preparou para entender que a vida muitas vezes se encerra para salvar o sofrimento do corpo e preservar a alma. E depois de tanto sofrimento minha mainha, você merecia descansar.

Mainha, era assim que a senhora gostava de ser chamada, obrigada por ser quem você foi, obrigada pelo afeto e por todos os valores e exemplos que me passou. Nas coisas mais simples possíveis você está no meu pensamento. E nas coisas grandiosas também.

Meu coração vive em constante aperto de saudade. O tempo será assim, de algum modo, reencontrado e revivido.



Performance
Editora

Acesse:

www.editoraperformance.com

E-mail: editoraperformance@gmail.com

(82) 99376-2377 e (82) 99982-6896